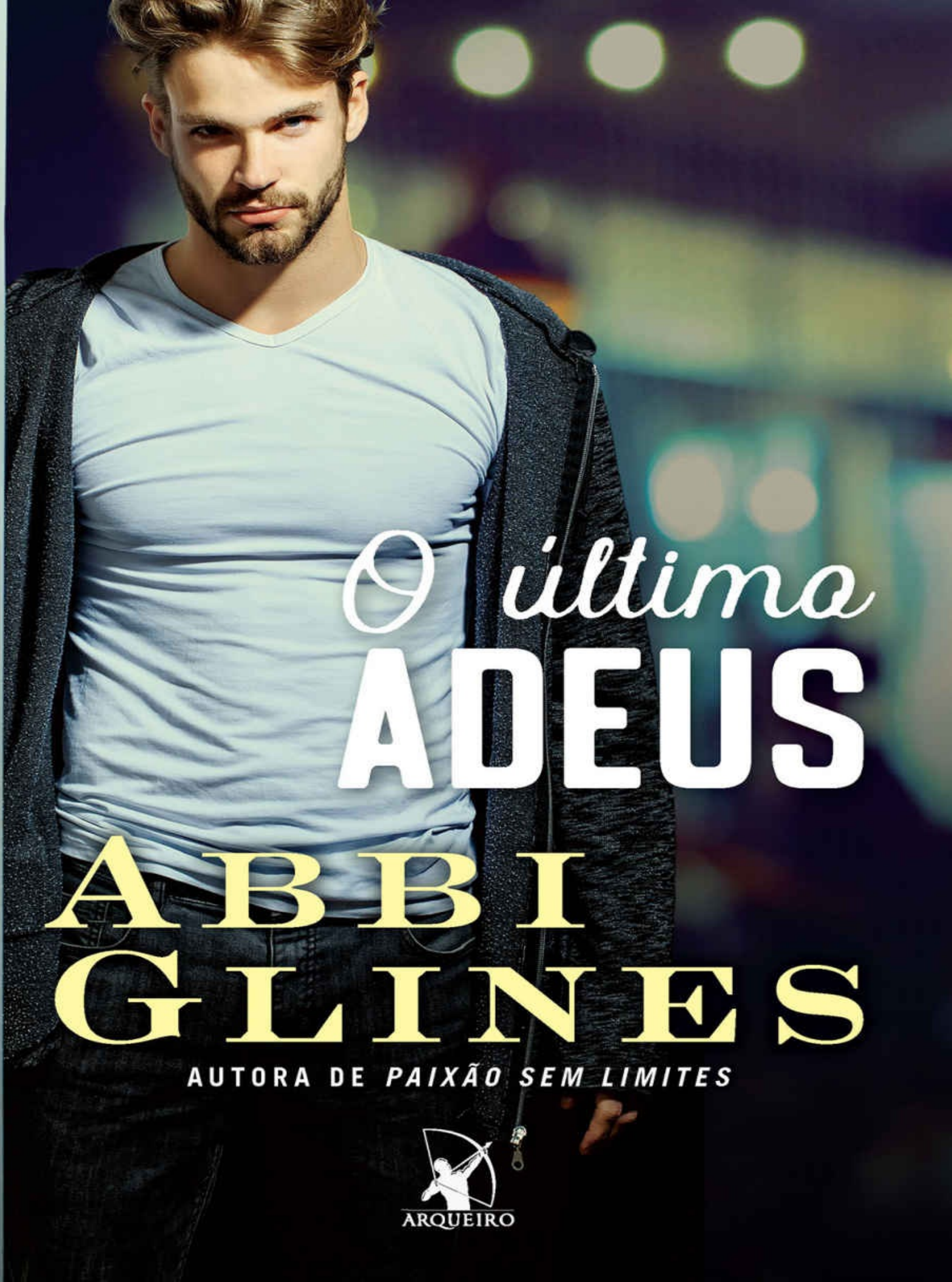

O último
ADEUS
ABBI
GLINES
AUTORA DE PAIXÃO SEM LIMITES
ARQUEIRO

O último
ADEUS



O Arqueiro

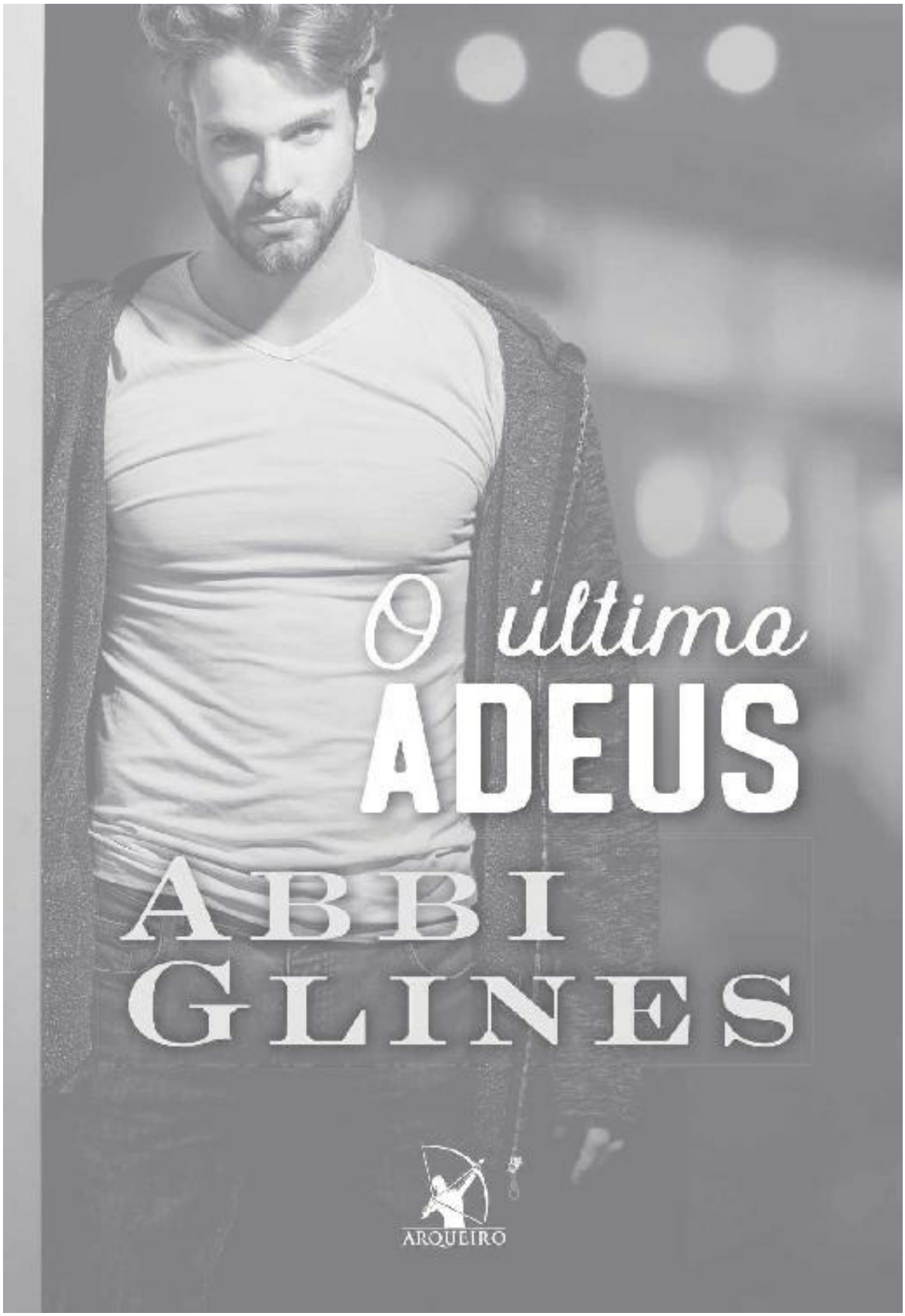
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


O último
ADEUS
ABBI
GLINES
ARQUEIRO

Título original: *The Best Goodbye*
Copyright © 2015 por Abbi Glines
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Cássia Zanon

preparo de originais: Bruno Fiuza

revisão: Natalia Klussmann e Cristhiane Ruiz

diagramação: Abreu's System

capa: DuatDesign

imagens de capa: paisagem desfocada: © Buntoon Rodseng/ Shutterstock
homem: © Volodymyr Tverdokhlib/ Shutterstock

adaptação para e-book: Marcelo Morais

DLM

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G476u

Glines, Abbi
O último adeus [recurso eletrônico]/ Abbi Glines; tradução de Cássia Zanon. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital

Tradução de: The best goodbye
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN: 978-85-8041-726-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Zampil, Raquel. II. Título.

17-41378

CDD: 823
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Heather Howell, por sempre me fazer rir até a barriga doer, por me apoiar em tudo e por ter aparecido na minha vida quando eu precisava de alguém tão incrível quanto você do meu lado. Te amo muito, garota.

Rose

Ser baixinha é uma droga. Nunca houve um momento na minha vida em que eu tenha pensado, *Nossa, ser baixinha é fantástico*. Nem uma vez. Nunca consigo alcançar coisas em lugares altos. Que era o que estava acontecendo agora. Elle me pediu para desencaixotar os copos e colocá-los nas prateleiras atrás do bar, mas isso estava sendo mais difícil do que eu gostaria de admitir.

Eu não era fã da chefe do salão. Ela era linda e má, além de alta. Ela não fazia ideia de como era difícil para alguém com pouco mais de um metro e sessenta se equilibrar nas pontas dos pés em um banco de bar com as mãos cheias de copos. Ou talvez soubesse e estivesse fazendo isso só por crueldade.

Inclinada para a frente, coloquei outro copo em segurança em um dos nichos na parede. O banco balançou e eu congelei, prendendo a respiração. Voltando para trás lentamente, consegui recuperar o equilíbrio. Somente mais duas caixas para abrir, pensei, esperando que cada uma não tivesse dez copos.

– Se quebrar esses copos, o prejuízo vai sair do seu salário. Não tenho reserva no orçamento para itens quebrados – disse uma voz grave e arrastada atrás de mim.

Eu conhecia aquela voz. Não a escutava com frequência, mas, quando escutava, a voz estava normalmente aborrecida comigo.

Mas não foi sempre assim. Antes, aquela mesma voz tinha aliviado os meus medos, me protegido e me oferecido um porto seguro. Agora, tudo o que eu recebia eram palavras frias e esparsas. Eu continuava acreditando que a dor iria passar, algum dia. Mas não passava nunca.

Nós dois havíamos mudado com o passar do tempo. Em vez de amá-lo até perder o fôlego, eu só queria dar um tapa naquele rostinho bonito e mudar de cidade.

– Desça daí, Rose – ordenou River num tom áspero. – Vá fazer alguma coisa útil. Vou arrumar alguém pra cuidar disso.

Pelo menos ele lembrou meu nome dessa vez. Na semana passada, me chamou de Rachel, Daisy e Rhonda em três ocasiões diferentes. Minhas constantes correções devem ter funcionado. Sei que ele tinha um restaurante cheio de empregados novos, e que o estresse da grande inauguração em apenas duas semanas estava pesando sobre ele. Mas mesmo assim. O garoto que eu havia conhecido era gentil, atencioso, um herói. Meu herói.

Em algum ponto nos últimos dez anos, River mudara seu nome para Capitão e se tornara duro. Inalcançável. Até sua namorada, a queridinha Elle, parecia não ter acesso a um lado mais suave de River. O lado que uma vez eu, e mais ninguém, tinha conhecido bem. O lado que eu já não acreditava mais que existisse.

– Elle me disse para expor os copos – falei pulando do banco e ficando em pé o mais ereta possível.

River tinha com certeza mais de 1,90 agora e sempre tinha sido muito mais alto do que eu. Mesmo quando tínhamos 16 anos.

Ele ignorou o que eu disse. Em vez disso, apontou com a cabeça em direção à cozinha.

– Brad precisa de ajuda com os equipamentos que acabaram de chegar. Vai lá dar uma mão para ele. Vou encontrar alguém que não seja desfavorecido verticalmente para terminar isso aí.

Meu rosto ficou vermelho e quente de constrangimento. Foi como se eu tivesse feito uma besteira ou quebrado alguma coisa. Só que eu estava indo muito bem. Estava fazendo o trabalho devagar, mas estava fazendo.

– Está tudo bem. Minha altura não está afetando a minha habilidade para realizar essa tarefa, se é isso que

você quer dizer – rebati.

Ele nem olhou pra trás, enquanto caminhava em direção à porta.

– Abrimos em duas semanas. Eu gostaria que os copos estivessem no lugar até lá. – E saiu.

– Idiota – murmurei.

Eu queria terminar de colocar aqueles copos lá em cima, mas, com a minha falta de sorte, ia acabar quebrando uma caixa inteira deles. E não podia perder aquele emprego. Tinha juntado todas as minhas coisas e me mudado para Rosemary Beach, Flórida, assim que descobri que aqui eu poderia encontrar River. Não tinha pensado no que fazer depois. Eu tinha procurado por ele durante anos, sem sucesso.

Essa havia sido a primeira pista real que eu tinha obtido. Então a segui. Conseguir esse emprego foi mais fácil do que eu imaginava, porque como a cidade não era grande, achei que devia ser difícil encontrar trabalho. E eu precisava dele. A casa que encontrei para alugar ficava fora dos limites da cidade – e era minúscula –, mas era segura e tinha um preço acessível. Isso era tudo o que precisávamos.

Estávamos vivendo na casa de hóspedes de uma das enormes casas de praia ao longo da costa. A única moradora da casa principal era uma senhora idosa, Diana Baylor, que parecia encantada em nos ter ali. Era um arranjo útil para todos.

Sem esse emprego, eu não teria nenhuma justificativa para me aproximar de River, e eu tinha uma missão, mesmo que já não estivesse mais tão certa em relação a ela. Mas precisava me lembrar de que eu não estava fazendo isso por mim. Minhas necessidades e meus desejos tinham ficado em segundo plano havia nove anos, quando Ann Frances chegou ao mundo e se tornou minha razão de viver.

No dia em que Franny fez 5 anos, ela pediu uma coisa: conhecer o pai. Desde então, todo ano era somente isso que ela pedia no aniversário e no Natal – era infalível. Ela queria conhecer o pai da mesma forma que os amigos conheciam os seus. Eu inventei desculpas e tentei compensar o fato de ela ter apenas a mim. Mas, então, comecei a procurar pelo garoto que tanto amei, por quem sacrifiquei tudo para que ele ficasse a salvo.

Olhando para trás, fiquei pensando se o meu sacrifício não foi um erro. O pedido de Franny para conhecer o pai me deu a sensação de ter falhado com ela ao tentar proteger River. Mas eu mesma era uma criança naquela época, diante de escolhas que afetavam a vida das poucas pessoas que eu amava no mundo.

– Você vai acabar a tarefa que eu te dei ou vai ficar aí parada, em pé, fazendo nada?

A voz de Elle me arrancou dos meus pensamentos. Seu cabelo escuro e comprido caía sobre os ombros, e aqueles olhos verdes felinos me fitavam com raiva. Eu não sabia ao certo por que ela havia decidido me odiar, mas ela me odiava.

– Capitão me disse para parar e ajudar Brad na cozinha – respondi, tentando não deixar que minha antipatia por ela se evidenciasse no meu tom de voz.

Se ela fosse se queixar com River, com certeza ele me mandaria embora.

Elle era um dos maiores obstáculos ao meu plano. Eu não queria uma pessoa tão perversa no mundo de Franny. Por mais que minha filha sonhasse em conhecer o pai, eu tinha que decidir se aquele homem era digno dela. Infelizmente, depois de duas semanas trabalhando para ele, descobri que ele não estava exatamente à altura dela. Eu não sabia muito bem se poderia atender ao único pedido da minha filha.

– Certo. Então vá. Você está perdendo tempo. Temos coisas a fazer... – ordenou ela, apontando para a cozinha, como se eu não soubesse onde ficava.

Com um rápido aceno de cabeça, me dirigi para lá. Não havia razão para ficar diante dela mais do que o necessário.

Capitão

Nada estava andando dentro do cronograma. Deveríamos estar muito à frente nos preparativos para a inauguração, mas demorei demais para contratar toda a equipe. Isso foi culpa minha. E agora eu estava começando a questionar minhas escolhas de funcionários. Arrumar o que estava errado em um restaurante era uma coisa; começar um empreendimento do zero era outra. Não era isso que eu queria fazer pelo resto da vida, e eu me perguntava quanto esforço eu estava disposto a dedicar para valer a esse lugar.

Não queria mais saber do meu passado, mas encarar o futuro não estava sendo fácil nem promissor. Talvez eu precisasse de um novo rumo. Assim que esse lugar estivesse em pleno funcionamento, eu o deixaria nas mãos de outra pessoa e iria procurar uma cidade que vivesse da pesca, compraria um bar em um píer. Comandar um bar para um bando de pescadores locais parecia ser mais a minha praia.

Mas primeiro eu tinha que abrir esse restaurante e fazê-lo funcionar com sucesso. Não apenas porque eu devia isso a Arthur Stout, o dono, mas porque eu sempre termino as coisas que começo. O que Arthur estava me pagando me permitiria encontrar o tipo de bar que eu queria, para que finalmente pudesse levar uma vida mais sossegada.

– Temos que mandar aquela ruiva embora. Ela não leva o menor jeito para isso – anunciou Elle, enquanto entrava no meu escritório.

Eu não precisava perguntar a quem ela estava se referindo, porque era óbvio. Rose Henderson era miúda, com curvas de parar o trânsito e um rosto de anjo. Os óculos engraçadinhos que ela usava, em vez de prejudicarem a sua aparência, apenas destacavam seus olhos. Isso fazia Elle odiá-la ainda mais. Ela não gostava de competição, e eu sabia que ela via Rose como uma ameaça. Não porque eu tivesse dado algum motivo, mas porque todo homem que trabalhava aqui claramente notava a existência de Rose. Era difícil ela passar despercebida.

– Que ruiva? – perguntei, sem tirar os olhos dos meus pedidos não preenchidos.

– A baixinha. A que não consegue fazer nada direito. Eu disse para ela organizar aqueles copos e ela foi reclamar com você. Eu sou a chefe do salão. Ela não pode passar por cima de mim.

Eu tinha contratado Elle como chefe do salão porque ela havia sido muito bem recomendada por uma pessoa da confiança de Arthur. Concordei com isso logo depois de conhecê-la e entrevistá-la. Transar com ela no meu escritório no dia seguinte não tinha sido planejado, mas ela deu muito em cima de mim e era gostosa. Não vi problema nisso. Eu gostava de mulheres altas e esbeltas. Ela se encaixava com perfeição nesse perfil. Mas também confundia o fato de estar dormindo na minha cama com a autorização para exercer algum tipo de controle sobre mim, e eu precisava consertar isso.

– Não fomos *nós* que contratamos Rose, Elle. Fui eu. E *nós* não vamos mandar ninguém embora. Ela não passou por cima de você. Ela não conseguia alcançar as prateleiras. Ia acabar caindo e quebrando alguma coisa. Mandei ela fazer outra coisa.

Apesar de não estar olhando para ela, podia sentir sua frustração crescendo. Ela não gostou da minha resposta. Elle tinha um pequeno problema com figuras de autoridade. Mas era excelente no que fazia.

– Eu não quero ela aqui – falou, fazendo bico.

Por fim, olhei para ela. Estava com os lábios contraídos como se fosse chorar. Poderia ter ficado ridículo, mas ela sabia exatamente como fazer aquilo. Eu me afastei da mesa e dei uns tapinhas na coxa.

– Venha aqui, Elle – ordenei, mantendo a expressão séria.

Ela veio devagar, passando ao redor da minha mesa e mordendo o lábio inferior. Seus olhos ardiam de

excitação. Essa era uma coisa com a qual eu podia contar. Se eu precisasse acalmar Elle, sexo sempre ajudava.

– Se você está fazendo essa boca sexy para me provocar, então vai ter que usá-la para me fazer gozar – disse a ela quando parou na minha frente.

– O que você quer que eu faça? – perguntou ela, ofegante.

– De joelhos – mandei.

Ela se abaixou rapidamente e começou a desabotoar minhas calças.

Enrolei uma mecha de seus cabelos escuros no meu dedo e deixei que a textura sedosa me provocasse enquanto ela puxava minhas calças para baixo, depois minhas cuecas, até que meu pau estava em suas mãos.

– O mais fundo que você conseguir – disse a ela, enquanto começava a acariciar seu pescoço.

Ela deu um gemido que ressoou direto no meu pau. Então começou a me chupar como se fosse um aspirador, e eu joguei a cabeça para trás e gemi. Eu precisava daquilo hoje. A melhor coisa para aliviar o estresse.

– Isso, gata – incentivei, colocando uma das mãos na sua nuca, empurrando gentilmente para que eu deslizasse mais fundo em sua garganta.

O som dos engasgos só me dava mais tesão. Eu adorava quando ela se engasgava me chupando.

– Isso, isso. Que delícia. – Eu a elogiava, sabendo que isso sempre a estimulava. – Mais fundo, gata. Que delícia.

Uma batida à porta da minha sala fez com que ela congelasse, mas segurei sua cabeça para que ela não se afastasse.

– Estou ocupado. Vá embora – disse eu.

Quando a pessoa não respondeu, dei uns tapinhas em sua cabeça para que ela fosse até o fim. O que ela fez.

◆◆◆

Uma hora depois de Elle sair do meu escritório, fui até a cozinha ver se Brad tinha deixado tudo em ordem. O meu nível de estresse tinha baixado, e Elle parecia mais segura e menos ansiosa para se livrar de Rose. Fazê-la lembrar que era com ela que eu estava transando fez maravilhas para seu comportamento.

A primeira coisa que ouvi quando entrei na cozinha foram risadas: a risada grave de Brad acompanhada de um riso de mulher. Segui o som até os fundos da cozinha e encontrei Brad coberto de um pó que parecia farinha, enquanto Rose estava com as mãos na barriga e sem fôlego de tanto gargalhar. Ela se virou para mim.

Senti uma pressão no peito ao ver seus olhos brilharem de tanto rir. O azul-claro deles me era familiar, mas havia algo mais. Era como se eu já a tivesse visto rir antes. Como se já tivesse escutado sua risada. Observá-la fez meu peito doer de um modo sem sentido. Como se... como eu sentisse saudades dela. Mas eu nem a conhecia.

Logo as risadas dela cessaram e ela enxugou as lágrimas que haviam se formado. Desviou o olhar para Brad. Eu a deixei nervosa, e a verdade é que eu nunca havia sido muito simpático com ela. Ela era apenas uma funcionária. Em breve eu iria embora. Não estava ali para fazer amigos.

– Desculpe, chefe. Eu estava pegando uma caixa naquela prateleira ali e, bem, caiu um saco de farinha, então você pode ver o que aconteceu – explicou Brad, ainda rindo.

Desviei meu olhar de Rose para Brad. Ele piscou para ela e começou a tentar limpar a farinha de si. Ele precisava de um banho. Não seria nada mau se ele se afastasse um pouco de Rose.

Rose

Os cachos louros de Franny balançavam enquanto ela corria da beira da água em direção a mim. A Sra. Baylor estava sentada embaixo de um carvalho com um suco de frutas nas mãos e um chapéu de palha de abas largas na cabeça. As duas haviam se dado bem, e a Sra. Baylor se ofereceu para cuidar de Franny enquanto eu trabalhava. Ela disse que assim teria companhia e algo para fazer.

Franny nunca teve contato com os avós, mas queria ter uma família. Era algo que ela sempre havia notado nas outras crianças – a forma como eram rodeadas por mãe, pai, irmãos, avós, primos, tias e tios –, e desejava o mesmo para si. Mas era a única coisa que eu não podia lhe dar, porque eu também não tinha tido uma família. Tendo vivido em um orfanato desde os 5 anos até fugir, com 16, só existia uma pessoa que eu havia considerado minha família. A única família que Franny também tinha: River.

Minha filha tinha o cabelo igual ao meu, ou pelo menos a cor natural dele, meus olhos, e, que Deus tivesse piedade, parecia ter herdado minha baixa estatura também. A única coisa nela que não era uma réplica perfeita minha era a pele. Eu era clara, enquanto Franny ficava com um bronzeado dourado quando tomava sol, mesmo que por pouco tempo. Isso ela puxara do pai. Ela também tinha o senso de humor e o sorriso dele. Mas essas eram coisas que apenas uma mãe nota. Para todo mundo, Franny era igualzinha a mim.

– Peguei um peixe, mamãe! Um peixe de verdade, e vivo! Mas tive que tirar o anzol da boca dele e jogar de volta na água pra ele não morrer. Eu não queria matar o peixe. Tomara que o anzol não tenha machucado muito ele. A Sra. Diana disse que tudo bem. Peixes são pra comer, mas eu queria que ele encontrasse a família dele. Eles podiam estar sentindo a falta dele.

Franny mal respirou durante sua longa explanação, depois jogou os braços em volta da minha cintura e me abraçou bem forte.

– Fiquei com saudade de você hoje, mas nós nos divertimos. Fizemos bolo de chocolate.

Eu me abaixei para beijar sua cabeça e virei para olhar para a Sra. Baylor. Ela sorriu calorosamente e se levantou. O longo vestido tomara que caia que ela usava dançava ao vento e ao redor de suas pernas conforme ela caminhava em nossa direção. Ela estava sempre muito arrumada e glamorosa.

– Como foi o trabalho hoje, Rose? – perguntou.

– Bem, obrigada – respondi, sorrindo. – Soube que vocês duas tiveram um dia divertido.

A Sra. Baylor sorriu de maneira carinhosa para Franny.

– Essa menina aqui torna os dias mais alegres. Mas não nasceu pra ser pescadora.

Franny riu e puxou minha mão.

– Vamos entrar pra comer bolo.

– Sim, vamos todas estragar o nosso apetite para o jantar com essa maravilha de bolo de chocolate – concordou a Sra. Baylor, apontando para a casa principal.

Ela nunca parecia ansiosa para voltarmos para o nosso chalé. Eu me perguntava se ela iria sentir falta de Franny quando as aulas começassem, na semana seguinte. As duas tinham ficado tão próximas... Pelo menos eu sabia que quando Franny chegasse da escola, teria uma gulodice e um abraço esperando por ela todos os dias.

Isso tornava tudo muito mais fácil. Foi difícil tomar a decisão de deixar Oklahoma, onde estávamos estabelecidas e seguras. Franny tinha amigos lá, e meu emprego como secretária na escola em que ela estudava nos mantinha próximas. Mudar para cá foi um salto no escuro, mas fiz isso por Franny. E, no fundo, fiz isso por River.

Não queria me arrepender da minha decisão, embora desejasse que tivéssemos ficado em Oklahoma conforme ia convivendo mais com River.

Catorze anos atrás

Outra família adotiva. Não tinha criado laços com nenhuma das anteriores. Eu tinha deixado de desejar uma família havia anos. Minha única expectativa agora era que ninguém me batesse e que tivesse comida. Porque eu sabia como era apanhar e não ter o que comer.

Cora ficou ao meu lado com sua cara fechada e sua postura tensa. Ela não esperava que eu durasse ali também. Já havíamos passado por aquilo. Eu havia sido transferida várias vezes nos últimos oito anos, desde que minha mãe havia me abandonado no estacionamento de um supermercado. Cora Harper era a assistente social responsável por me arranjar novas famílias.

– Seja boazinha aqui, Addison. Não discuta com eles. Não reclame. Quando disserem para fazer alguma coisa, faça. Tire boas notas e não arrume confusão na escola. Essa pode ser a família ideal pra você. Eles querem uma filha. Você só precisa ser boazinha.

Eu sempre era boazinha. Ao menos tentava ser. Não discutia. Só pedia para comer quando minha barriga doía de fome, e briguei na escola aquela única vez porque a outra garota havia me empurrado e me xingado. Fiz o melhor que pude para ser boa. Mas me dei conta de que não era o bastante. Eu não esperava que ali fosse ser diferente.

– Sim, senhora – respondi de maneira educada.

Cora olhou para mim e soltou um pequeno suspiro.

– Você é uma criança linda. Se você se comportasse, encontraria uma família na qual poderia ficar.

Eu tinha vontade de dizer a ela que eu me comportava bem. Estava na ponta da língua, mas fiquei quieta e apenas assenti.

– Sim, senhora – repeti.

Segui Cora escada acima, em direção à bonita casa amarela que tinha uma grande varanda branca. Eu gostava da aparência do lugar. As outras casas em que vivi não eram nada parecidas com aquela. Normalmente eram velhas e tinham um cheiro engraçado.

Antes que Cora batesse à porta, ela se abriu lentamente. Um garoto alto estava parado lá. Ele tinha cabelos louros, um pouco compridos e desgrenhados demais. Seus olhos verdes foram de Cora até mim. Então ele franziu a testa. Eu realmente nunca tinha visto um garoto que eu achasse bonito até aquele momento, e ele estava franzindo a testa para mim. Eu ainda nem tinha arrumado confusão nenhuma.

– Você é pequena. Pensei que tivesse a minha idade – disse ele, me encarando.

Eu detestava ser chamada de baixinha. Todo mundo falava sobre o fato de eu ser pequena para a minha idade. Já me provocavam o suficiente com isso na escola. Eu tentava ficar mais alta endireitando meus ombros.

– Talvez você é que seja muito alto – rebati.

Cora colocou as mãos nos meus ombros e me apertou tão forte que eu estremeci. Suas unhas compridas penetraram na minha pele, para me lembrar que eu deveria colaborar. Se não desse certo, eu seria levada para um orfanato, e eu sabia o pesadelo que era ficar lá. Tinha ouvido histórias.

– Desculpe – murmurei, sentindo a dor nos ombros, que Cora ainda não tinha largado.

– Solta ela. Você está machucando a menina – disse o garoto, irritado, chamando minha atenção de volta para seu rosto bonito. Ele estava encarando Cora como se estivesse prestes a afastá-la de mim com as próprias mãos. – Caramba, ela é pequena. Você não precisa esmagá-la – acrescentou ele, carrancudo.

– River Kipling! Veja como fala – disse uma voz pouco antes de a mulher que se tornaria o meu pior inimigo aparecer à porta.

Capitão

Meus olhos se abriram e eu joguei o cobertor para o lado. Depois fui me contorcendo até a beirada da cama e respirei fundo. Eu estava coberto de um suor frio, e meu coração ainda estava acelerado. Conhecia bem esse sonho, mas já fazia um certo tempo que não o tinha. Desde os 16 anos, eu vinha lutando contra um fantasma – o mesmo que arrancou o meu coração e nunca mais o devolveu.

Maldita morte. Eu tinha matado homens. Muitos homens. Homens que mereciam morrer. Homens que haviam abusado de crianças. Homens que não pertenciam a esse mundo. Com cada um deles, eu estava salvando a *ela*. A única com quem falhei. A única que não consegui salvar. Tentei dominar aquele horror de diversas maneiras, porém, dez anos depois, eu ainda sonhava com ela. Em outras noites, sonhava com o modo como a havia perdido. Como não tinha sido forte o suficiente para salvá-la. Fechando bem os olhos, respirei fundo e enterrei o rosto nas mãos. Cada respiração queimava, e o meu peito parecia rachar.

O lindo rosto de Addy olhando para mim, sorrindo, enquanto seus cabelos louros dançavam ao seu redor com o vento. A imagem me fez sentir completo, mas era só uma tentação. Uma doce memória. Uma das últimas lembranças que eu tinha dela. Mas os sonhos sempre mudavam muito rápido. De repente, havia sangue por todo lado. Addy em uma piscina de sangue e tudo o que eu podia ver era ela. A mulher que havia me criado, rindo enquanto assistia a Addy morrer. Toda vez eu gritava, mas não conseguia chegar perto dela. Eu ficava paralisado. Incapaz de salvá-la no sonho ou até mesmo de abraçá-la.

Ela tinha sido minha alma gêmea. Minha outra metade. Mesmo quando éramos crianças, eu sabia que ela era a melhor amiga que eu teria na vida. Não demorou muito para eu perceber que a amava. Uma vez, tive medo de amá-la demais.

Pensar em Addy machucava mais do que eu poderia descrever. Eu ficava esperando que essa sensação abrandasse, esperando o dia em que eu poderia pensar no nosso tempo juntos com um sorriso. Mas eu sabia que isso jamais aconteceria. Ela havia perdido sua vida por minha causa. Tão bonita e delicada. Tudo o que eu sempre quis fazer foi protegê-la e abraçá-la.

Tive que me livrar desses pensamentos antes de ir para o trabalho. Fazia meses que eu havia sonhado com Addy pela última vez. Normalmente era porque alguma coisa ativava uma lembrança. Eu não tinha certeza do que era dessa vez. Por que ela estava de volta aos meus sonhos, que tão frequentemente se tornavam pesadelos? Alguma coisa estava me fazendo pensar nela.

Não era Elle. Disso eu tinha certeza. Eu tomava o cuidado de nunca namorar alguém que me fizesse lembrar de Addy. Mulheres louras e pequenas estavam fora do meu radar. Uma vez eu até tentei, mas as memórias voltaram com tanta força que eu quase tive um colapso e busquei ajuda profissional. Por um tempo, as lembranças dela estavam me matando devagar. Fazendo com que eu desejasse ter ido junto com ela. A vida parecia não ter sentido sem o seu sorriso.

Mas eu era mais forte do que aquilo e havia encontrado uma forma de sobreviver.

Mesmo que tivesse sido tirar a vida de outras pessoas. Contudo, meu passado não era algo de que eu me arrependesse. Fiz o que precisava ser feito para me salvar e para impedir que pervertidos machucassem mais crianças. Era ilegal, mas eu não estava nem aí para as leis.

Eu me levantei, fui tomar um banho e encontrar uma forma de empurrar as memórias de volta para os recantos da minha mente.

Duas horas depois, quando entrei no meu escritório, Major Colt estava sentado no sofá que ficava em frente à mesa, com aquele seu eterno sorrisinho no rosto. Se o cara não fosse tão bom no que fazia, eu não o

teria apresentado a Benedetto DeCarlo. Qualquer pessoa que conseguisse manter aquela fachada de playboy gente boa e matar pessoas por dinheiro no tempo livre era impressionante. Eu aparentava ser o que eu realmente era: um imbecil. Não tinha o charme dele. E também nem queria ter.

– Por que você está aqui, Colt? – perguntei, jogando minhas chaves em cima da mesa.

– Parece que meu próximo alvo está ligado a alguém daqui. Então vou poder me divertir um pouco em Rosemary Beach enquanto trabalho. Você viu as pernas dessas gracinhas?

Não conseguia imaginar por que Benedetto o enviaria a Rosemary Beach. A menos que não tivesse sido Benedetto. Ultimamente, ele vinha dando mais e mais poder para o homem que estava preparando para assumir seu lugar: Cope. Ninguém sabia o sobrenome do cara. Só sabíamos que ele estava no comando. E ninguém discutia com ele.

– Foi Cope quem mandou você? – perguntei.

– Sim. Eu só lido com ele agora. DeCarlo não dá muito mais as caras. Ele deixa essas coisas para Cope.

Suspeitava que eu era a única pessoa com quem Benedetto ainda lidava pessoalmente. Ele foi o mais próximo que tive de uma figura paterna em toda a vida. Ele me sacudia quando eu agia como um garoto medroso e me dava um propósito.

– Não o irrite – falei para Major.

Eu já tinha visto Cope matar apenas porque podia. E aquilo era assustador. O cara não fazia perguntas. Ele apenas finalizava a jogada e ia embora. Era o que alguém como Benedetto tinha que fazer. Mas não eu. Eu concordava apenas com uma coisa: eu apagava os caras caso eles merecessem. Não aos olhos da lei, mas aos meus olhos. Isso era tudo o que importava para mim. Se eu achasse que estava salvando alguém que precisava de ajuda, então eu puxava o gatilho.

Major riu.

– É, eu já entendi. Ele é o rei dos fodões.

Ele era mais do que isso, mas Major descobriria isso em breve.

– Tenho trabalho para fazer, Colt. Você vai chegar a algum lugar com isso?

Major se levantou e deu de ombros.

– Nada, só queria dar um oi e avisar que vou passar um tempo por aqui.

Ótimo. Fantástico. Merda.

Uma batida à porta desviou a minha atenção.

– Pode entrar – falei, esperando que não fosse mais alguma merda àquela hora da manhã.

Aqueles óculos chamaram a minha atenção de cara. Lembrei das risadas dela na véspera e senti um frio na barriga. Será que foi ela que fez com que o pesadelo voltasse? Eu realmente esperava que não. Não queria mandá-la embora por causa disso. Mas eu não poderia trabalhar com aquela garota se ela fosse acordar meus fantasmas.

– Posso ajudar? – perguntei, tentando não me perturbar com a presença dela.

Ela deu uma olhada nervosa para Major e depois se voltou para mim.

– Minha filha está doente. Acordou com febre hoje de manhã e a pessoa que toma conta dela é uma senhora de idade. Não quero que ela fique exposta ao que quer que seja que Franny tenha. Também preciso levar Franny a um médico.

Fiquei aliviado em saber que não precisaria vê-la hoje.

– Quanto tempo isso vai levar?

Todo o corpo dela ficou tenso, e era como se ela estivesse fisicamente tentando se conter para não me bater pela minha resposta insensível. Eu quase sorri.

– Com sorte, o médico vai receitar algum remédio e ela vai melhorar o suficiente para que eu possa vir amanhã – disse ela, em um tom que comunicava exatamente o que seu corpo estava tentando não dizer: que ela estava irritada comigo.

– A criança não tem pai? – perguntei, por alguma razão insana, querendo vê-la furiosa.

Mas, em vez de ficar na defensiva e agir de forma impertinente comigo, seu rosto ficou pálido. Ouvi

Major murmurar um palavrão que eu sabia que era para mim. Porra, o pai da criança estava morto ou algo assim? Droga, eu e minha maldita boca.

– Acho que não... não – respondeu ela em um sussurro, antes de sair e fechar a porta.

– Você é um idiota perfeito – murmurou Major, soando irritado. – Ela parece ser um doce. Um doce muito sexy. E é uma mãe solteira.

Ele estava certo, e eu não discuti. Eu devia desculpas a ela.

Rose

Faringite estreptocócica. Isso não ia melhorar em 24 horas. Eu teria que ficar em casa com Franny por pelo menos dois dias até que os antibióticos fizessem efeito e eu pudesse voltar ao trabalho. No entanto, ter que dizer isso para o meu chefe me enchia de medo.

As palavras de River – não, de Capitão – tinham sido decisivas para mim. Não havia razão para ficarmos ali. Eu não poderia dizer que havia sido um erro. Pelo menos agora eu sabia no que o garoto que amei durante todos esses anos havia se transformado. Eu não estava privando Franny de um bom pai. Capitão era um imbecil. Ela não precisava conhecê-lo. Além disso, fiquei me perguntando se ele iria mesmo acreditar em mim. Eu não suportaria isso. Já tinha visto o suficiente.

Espiei para dentro do quarto que dividíamos e, graças ao remédio, Franny estava dormindo em paz. Peguei a caneca com gelo derretido que estava ao lado da cama e saí do quarto nas pontas dos pés. Ligar para Capitão era o próximo item da minha lista. Se ele me dificultasse a vida por causa disso, então eu pediria demissão antes que ele me mandasse embora. Aquele não era o único emprego na cidade. Eu poderia conseguir outro e economizar dinheiro para nos mudarmos novamente.

Cuidar da gente era tarefa minha, e eu era boa nisso. Não haveria arrependimento. Aquilo era simplesmente uma porta que eu poderia, enfim, fechar para seguir em frente. A culpa que senti por sair com outros caras não me assombraria mais. Não veria River sorrindo para mim cada vez que alguém me convidasse para sair. Dali em diante eu aceitaria se gostasse do cara. Não viveria com autocensura e culpa por nem mais um dia da minha vida.

Fui para fora fazer a ligação para não acordar Franny. Se eu tivesse sorte, Elle me atenderia e lidaria com isso da pior forma. Então eu poderia simplesmente pedir demissão. Fácil.

– Alô?

A voz grave de Capitão vibrou ao telefone. Eu detestava o fato de gostar da maldita voz dele.

– Alô, Capitão, aqui é Rose. Estou ligando para avisar que minha filha está com faringite estreptocócica e vou ter que ficar cuidando dela por dois dias.

Falei rápido, sem pensar, e fiquei tensa, pronta para sua resposta.

– Tudo bem. Tire o tempo que precisar – respondeu ele.

Esqueci de respirar por um momento e fiquei lá parada de boca aberta. Tinha escutado direito?

– E sobre o meu comentário hoje, me desculpe – acrescentou ele. – Foi grosseiro e ridículo. Não deveria ter perguntado aquilo. Respeito o fato de você ser uma mãe solteira que trabalha duro.

As palavras que eu estava pronta para gritar para ele simplesmente evaporaram, enquanto eu ficava ali parada, pasma e em silêncio pelo que estava ouvindo.

– Você está aí? – perguntou ele.

Consegui assentir com a cabeça, apesar de ele não ter como ver isso.

Engolindo em seco, abri a boca de novo e consegui falar baixinho:

– Obrigada.

Capitão soltou um suspiro pesado e esperou um momento.

Será que ele estava esperando que eu dissesse mais alguma coisa? Ele tinha me deixado em choque. Eu não sabia o que dizer.

– Me ligue assim que souber quando vai poder voltar a trabalhar. Vamos nos organizar sem você enquanto cuida da sua filha – disse ele, antes de desligar.

Ele não esperava que eu falasse mais nada, mas imaginei que havia desistido de esperar por uma resposta.

Fiquei olhando fixamente para o telefone na minha mão, sem expressão. Aquilo tinha mesmo acontecido?

– Mãe – chamou Franny lá de dentro.

Corri até ela.

Mais tarde eu entenderia as razões de Capitão.

Catorze anos atrás

– Você gosta de comer, não? – falou ele, com um sorriso divertido, do outro lado da mesa.

Se não fosse tão bom olhar para ele, eu o ignoraria, mas eu gostava de vê-lo sorrir. Mesmo que ele estivesse me provocando. Minhas bochechas ficaram quentes de vergonha por eu ter comido tão rápido. Eu nunca sabia quando a comida ia acabar. Enquanto houvesse um prato cheio na minha frente, eu pretendia aproveitar.

Apenas concordei com a cabeça.

– Eles não vão parar de te alimentar – me garantiu ele, como se tivesse lido minha mente.

Aquele garoto, com aquela vida, não sabia o que era sentir fome. Eu sabia. Também sabia que o que é bom dura pouco. Você tinha que aproveitar enquanto pudesse.

– Eu meio que achei que eles iam comer com a gente hoje à noite, mas papai não veio para casa a tempo do jantar. Mamãe está emburrada. Isso acontece bastante. Você vai se acostumar.

Dei outra garfada no purê de batatas. Contanto que me alimentassem, não me importava onde eles comiam.

– Você não é de falar muito.

Engoli e larguei meu garfo.

Ele era bem legal, apesar de gostar de me provocar. Talvez pudéssemos ser amigos, enquanto eu estivesse ali, se eu lhe desse uma chance de me conhecer.

– Gostei do frango – disse finalmente, porque não sabia bem o que dizer.

Primeiro ele sorriu, depois sorriu mais, e então começou a gargalhar. Meu rosto queimou dessa vez, e ele começou a balançar a cabeça enquanto ria.

– Não, isso é… – Ele soltou outra gargalhada. – Isso é bom. Fico feliz que você tenha gostado do frango, Addison.

– É Addy – respondi com um sussurro.

Ele ficou quieto e se inclinou para mais perto de mim.

– O que você disse?

Deixei a vergonha de lado e o encarei.

– Meu nome é Addy.

Ele deu um sorriso e o verde dos seus olhos brilhou.

– Gostei. Addy.

– Obrigada. Eu também gosto. Addison é muito comprido e parece nome de velho.

Ele manteve o sorriso e deu de ombros.

– Não acho que pareça nome de velho, mas Addy combina com você.

– Minha mãe me chamava de Addy – comentei, para minha própria surpresa.

Eu nunca falava sobre ela.

– O que aconteceu com sua mãe?

Queria contar a ele. Nunca quis contar para ninguém, mas queria contar para aquele garoto.

– Ela me abandonou há muito tempo… no estacionamento de um supermercado.

Capitão

Quando a porta do meu escritório se abriu sem terem batido antes, presumi que fosse Elle. Ela continuava achando que o fato de estarmos transando lhe dava algum tipo de poder por aqui.

– Bata da próxima vez – mandei sem levantar o olhar.

Ela ia fazer bico e eu não estava no clima.

– Minhas mãos estavam ocupadas com o seu café. Interceptei aquela garota alta, de cabelos escuros, que você vive trazendo para cá – respondeu Blaire. Olhei instintivamente para cima e vi minha irmã parada em pé na porta com um sorrisinho e uma xícara de café. – Mas, pensando bem, com essa atitude, talvez eu fique com o café para mim mesma.

Eu tinha conhecido minha irmã havia apenas alguns anos. Nem sabia que ela existia até meu pai biológico me encontrar. Mas, desde o momento em que nos conhecemos, ela fez de tudo para garantir que nos tornássemos uma família. E conseguiu. Blaire Finlay era o tipo de pessoa que não aceitava um não como resposta.

– Desculpe. Pensei que fosse Elle – expliquei.

A explicação fez seus olhos, tão parecidos com os meus, se acenderem enquanto caminhava em minha direção e colocava a caneca na minha mesa.

– Nesse caso, entendo perfeitamente. Ela é irritante.

Blaire era franca. Sempre dizia o que estava pensando.

– A que devo o prazer da visita? – perguntei, pegando meu café e me recostando para analisar minha irmã, que se acomodava na cadeira em frente à minha mesa.

– Estava só com saudades de você. Achei que sua mudança para Rosemary Beach quisesse dizer que nos encontraríamos mais, só que você trabalha o tempo todo. Eu estava reclamando disso hoje de manhã, então Rush sugeriu que eu viesse vê-lo e convidá-lo para jantar conosco.

Rush Finlay era o marido dela e filho do baterista da banda de rock mais famosa do mundo, a Slacker Demon. Eles tinham lançado os primeiros sucessos vinte anos antes e ainda estavam na ativa. O mundo do qual Rush vinha era muito diferente do mundo de Blaire, mas eles davam certo. Ele venerava o chão em que ela pisava e era um pai surpreendentemente ótimo para seu filho.

– Esse lugar me consumiu cada segundo. Na verdade, essa é a primeira vez que abro um restaurante, e é mais trabalhoso do que eu esperava.

Blaire virou a cabeça e seus cabelos louro-claros caíram sobre um dos ombros.

– Então isso é um não para o jantar?

Eu estava ocupado, mas sabia que se dissesse não a ela, minha irmã ficaria triste e eu me sentiria um merda. Então eu acabaria recebendo outra visita hoje. De Rush. E essa não seria nem um pouco amigável. Cedi.

– Eu vou. É só dizer quando.

Ela abriu um sorriso largo e me dei conta de que valia a pena encontrar tempo para estar com a família dela se fosse para vê-la sorrir daquele jeito.

– Ótimo. Que tal amanhã à noite? – perguntou ela, batendo palmas como se eu tivesse acabado de dar a melhor notícia do mundo.

– Amanhã à noite eu posso.

– Perfeito. Sete horas. E não leve aquela garota. Você pode levar alguém se quiser, menos ela. Ou posso

convidar uma amiga ou algo assim...

Ela parou de falar. Eu não sabia de nenhuma amiga de Blaire que estivesse solteira, mas era provável que ela fosse tentar arranjar alguém para mim.

– Não vou levar Elle, mas também não quero que você convide outra pessoa. Será apenas uma coisa de família.

Blaire sorriu enquanto se levantava, e algo naquele sorriso me deixou nervoso. A cabeça dela já estava a mil. Cacete.

– Nos vemos amanhã, então – disse ela. – Não exagere. O lugar parece ótimo, e tenho certeza que vai ser um sucesso. Apenas tire um pouco de tempo para você mesmo.

Assenti. Na minha vida toda, apenas uma única outra pessoa havia se importado o suficiente comigo para ter esse tipo de conversinha inútil. Afastei as lembranças dela da minha mente. Já estava sonhando com Addy de novo. Não podia deixar que ela entrasse no meu dia a dia também.

– Certo – garanti a ela, apenas para que ela parasse com a sessão de cuidados e fosse embora.

Não queria que ela se importasse tanto. Não comigo sendo tão insensível.

– Até amanhã à noite então – insistiu ela, como se eu fosse esquecer, e saiu.

Tomei um longo gole de café e deixei que descesse queimando. Havia documentos dos quais cuidar e ligações a fazer.

Momentos após Blaire ir embora, alguém bateu. Segurando um palavrão, olhei para cima.

– Pode entrar – falei, mais alto do que o necessário.

A porta se abriu lentamente e o rosto de Rose apareceu na fresta.

– Desculpe se estou interrompendo. Eu só... queria avisar que estou de volta e agradecer pela compreensão enquanto Franny estava doente. Vou fazer hora extra pelo resto da semana.

Ser um chefe distante e durão era mais fácil quando você não sabia detalhes da vida pessoal dos outros. Mas agora eu sabia que Rose era mãe solteira e isso mudava a porra toda. Ela era tão jovem, e mesmo assim teve a criança e a estava criando. Eu respeitava aquilo.

Seus grandes olhos piscaram por trás dos óculos, e tentei imaginá-la sem eles. Rose ficava bonita com eles também, mas me peguei pensando quão mais atraente ela seria se não estivesse se escondendo por trás daqueles aros.

– Ela está melhor? – perguntei, sem poder evitar.

Rose relaxou a expressão tensa e sorriu. Seu rosto se iluminou, e senti um frio na barriga da mesma forma que tinha acontecido quando ouvi sua risada na cozinha no outro dia. Aquele sorriso despertava algo em mim.

– Sim, obrigada. Ela está bem melhor e pronta para sair e brincar de novo – disse ela, com amor e alívio evidentes na voz.

Ela amava a filha. Não havia nenhuma dúvida quanto a isso.

– Ótimo. Fico feliz que ela esteja melhor. Não se preocupe com as horas extras. Você pode voltar para as suas horas normais de trabalho. Não acho que estejamos assim tão atrasados.

Ela assentiu.

– Certo. Devo procurar Elle para saber o que preciso fazer hoje?

Elle a comeria viva, então fiz que não com a cabeça. O que era ridículo, já que Elle em breve seria a chefe da equipe do salão e Rose acabaria tendo que responder a ela. Eu não poderia protegê-la de Elle para sempre, e não deveria ter que fazer isso. Eu precisava consertar aquilo. Elle não tinha a menor ideia de como era a vida de Rose. Ela tinha que pegar mais leve.

– Volte para a cozinha e ajude o Brad. Ele está recebendo outro carregamento. No almoço de hoje, a equipe da cozinha vai preparar alguns pratos de destaque do cardápio e a equipe do salão vai se reunir para fazer uma degustação, assim todos vocês vão saber como descrever cada prato para os clientes.

– Sim, senhor – respondeu ela um pouco rápido demais, como se estivesse louca para sair de perto de mim, antes de dar as costas e fechar a porta, me deixando sozinho.

Rose

Ele odiava a minha risada, ou talvez fosse apenas o som da minha voz. Ele a reconheceu? Será que foi isso? Será que ele odiava a garota que pensava ter fugido dele? Será que eu o lembrava de algo que ele queria esquecer?

Ao sair para a rua, inspirei a brisa morna e fiquei parada um tempo, para aliviar a dor no meu peito. Estar perto dele fazia a dor aumentar. As coisas que eu tinha conseguido deixar de lado e as lembranças das quais eu havia encontrado uma maneira de escapar agora estavam batendo à porta. Elas começaram a aparecer nos meus sonhos; às vezes, eu não conseguia respirar.

Não tinha certeza do que ele achava que tinha acontecido comigo naquela época. Minha decisão foi muito rápida e eu só tinha uma coisa em mente: protegê-lo. Eu já havia causado problemas suficientes e permanecer lá só teria nos separado no final. Ela teria feito de tudo para que isso acontecesse. Ela não me deixou nenhuma alternativa. Fiz o que deveria fazer.

Era óbvio que minha risada havia provocado alguma coisa nele. Seu olhar fixo e a frieza em seus olhos me roubaram qualquer possibilidade de prazer. Aquele olhar podia acabar com a minha capacidade de sorrir.

Brad também percebeu isso, hoje, na degustação. Não fui a única a notar o comportamento estranho de River quando eu ria. Brad se inclinou e sussurrou alguma coisa sobre Elle mal ter provado a comida, e quando deixei escapar uma risadinha, os olhos de River se voltaram totalmente para mim. Brad pareceu irritado e disse baixinho:

– Qual é a dele?

Se ele estava reconhecendo minha risada, eu precisava ser mais cuidadosa. Ainda não estava pronta para abrir o jogo. Ele demonstrou certa bondade e, por um momento, vi o garoto que havia conhecido por trás daquela aparência fria. Mas isso não era o suficiente para que eu permitisse que ele entrasse na vida de Franny.

O olhar de Elle me fuzilando me lembrava do que eu não deixaria entrar na vida da minha filha. Se Elle era o tipo de mulher que River costumava ter por perto, ele não era bom o suficiente para Franny. Eu simplesmente não confiava nele.

– Vai para casa? – me perguntou Brad enquanto eu me aproximava do meu carro.

Estava tão absorta em meus pensamentos que não o escutei atrás de mim.

– Sim, minha filha está me esperando – disse com um sorriso.

Podia reconhecer o ar de paquera em sua atitude. Havia lidado muitas vezes com isso ao longo dos anos. Às vezes, eu saía com um cara, mas nunca durava muito porque os homens não conseguiam lidar com o fato de Franny estar em primeiro lugar. Antes de qualquer coisa, eu era uma mãe.

– Você e Franny estariam interessadas em comer uma pizza comigo na praia?

Sua pergunta me pegou de surpresa, fazendo com que eu parasse de procurar as chaves do carro na bolsa e olhasse em sua direção.

– O quê? – perguntei, apesar de ter escutado bem o que ele havia dito.

Ele sorriu, enquanto uma covinha quase se formava em sua bochecha esquerda. Seus dentes eram bonitos e brancos também. Ele tinha um belo sorriso.

– Sei que preparo pratos gourmet como profissão, mas adoro uma boa pizza cheia de queijo como qualquer pessoa. Tem um lugar que frequento na Grayton Beach que fica bem na beira da praia.

Fiquei olhando para ele em choque. Ninguém jamais havia convidado a mim e Franny para sair. Na maioria

das vezes, quando os caras ficavam sabendo de Franny, inventavam desculpas e se afastavam. Brad, no entanto, parecia estar completamente confortável com o fato de eu ter uma filha de nove anos.

– Ahn, bem... sim, claro. Franny adora pizza – falei, e ouvi o tom de surpresa em minha voz.

Brad riu mais uma vez e apontou com a cabeça em direção a uma caminhonete Ford branca.

– Sigo você até sua casa e pegamos Franny.

Ele parecia tão contente. Apenas concordei com a cabeça novamente.

Brad era provavelmente um pouco mais velho do que eu, alto, tinha cabelos escuros e olhos castanhos. Sua estrutura era a de alguém que passava bastante tempo na academia. Havia sete atendentes no restaurante que eram jovens, solteiras e maravilhosas. Por que ele estava interessado em mim? Sabia que duas dessas garotas tinham uma queda por ele – elas estavam sempre inventando desculpas para ir até a cozinha falar com ele. Era educado e levava isso na boa, mas nunca dava corda. Não que isso as fizesse parar de tentar. Mas eu havia presumido que ele tivesse alguém. Talvez uma namorada ou noiva. Não era da minha conta, então não perguntei.

– Vejo você em breve – disse ele, dessa vez piscando e depois virando em direção à sua caminhonete.

Certo, então talvez aquilo fosse uma coisa entre amigos. Quero dizer, ele convidou Franny sem pestanejar. E nos demos bem nos poucos dias em que River nos colocou juntos para a preparação da grande inauguração.

Finalmente, meus dedos encontraram o chaveiro no fundo da bolsa. Abri a porta e estava entrando no carro quando vi alguma coisa de canto de olho. Olhando para trás, vi que River estava saindo do restaurante com Elle. Os braços dela em volta da sua cintura, e ele com a mão no quadril dela. Eu podia vê-la rindo para ele.

Aquele não era o meu River. Quanto mais eu ficava perto dele, mais meu coração lamentava pelo garoto que eu havia amado. Alguma coisa o havia transformado naquele homem. Um homem bonito, distante e duro. Não queria perder meu bom humor. Fui embora sem olhar para trás.

Treze anos atrás

– Onde está Addy? – perguntou River para a mãe.

Podia escutá-lo de dentro do armário onde eu estava presa. Estava escuro e eu precisava muito ir ao banheiro, mas sabia que não podia bater nem fazer qualquer barulho, senão ela me deixaria ali por mais tempo.

– Addison está de castigo. Vá lavar as mãos para o jantar. Papai estará aqui esta noite. Ele ligou e prometeu vir para casa. Poderemos ter um jantar em família – disse ela, com uma voz empolgada que fez com que eu me retraísse; eu morria de medo daquela voz.

– Por que Addy está de castigo? Onde ela está, mãe? – River parecia irritado.

Sua mãe deu um forte suspiro.

– Isso não é da sua conta. Obedeça a mamãe e vá lavar as mãos.

– Tenho 13 anos. Não fale comigo como se eu tivesse 5. Já sou grande, mãe. Me diga, onde você colocou Addy? Agora!

Ele deu um último grito, e eu apertei meus olhos com força, rezando para que ela não batesse nele. Ele não revidaria. Nunca fazia isso. Apenas deixava que ela batesse nele até que ela se cansasse. Então ela correria para o quarto dela e ele me encontraria.

– O nome dela é Addison. Addy soa ridículo. E não grite comigo – disse ela, ainda em um tom animado. – Seu pai vai chegar a qualquer minuto. Não vamos brigar. Com ela fora do caminho, poderemos aproveitar nossa refeição.

Ouvi uma batida alta e me encolhi contra a parede.

– Se não me disser onde ela está, vou jogar todas as merdas desses pratos na parede da cozinha. – A voz de River soou como a de alguém muito mais velho que um garoto de 13 anos.

– Por favor, Deus, não deixe que ela bata nele – sussurrei, imaginando que Deus me escutaria se eu

rezasse por outra pessoa.

Sabia que rezar por mim mesma não adiantava; já tinha tentado.

Um grunhido agudo e alto comprimiu meu coração.

– Solta o meu braço!

– Não. Não vou deixar você bater em mim e não vou deixar você trancar ela. ONDE ELA ESTÁ?

– Por favor, por favor, por favor, Deus – implorei em silêncio no escuro.

Ele a estava provocando demais.

– Ai! – gritou ela. – Você está machucando o meu pulso.

– Então me diga onde Addy está!

– No armário do corredor – disparou, rosnando com raiva. – Mas se você for atrás dela, vou trancá-lo no sótão.

– Nãoooo! – implorei, chorando baixinho.

Toda vez que ela me trancava no sótão, eu tinha pesadelos por dias seguidos.

– Você não vai me colocar em lugar nenhum. Vou contar para o papai – disse ele.

Então ouvi seus passos na minha direção.

Desejei que ele apenas me deixasse aqui dentro. Nós dois pagaríamos por isso mais tarde. Ela faria algo terrível.

A maçaneta da porta girou, e eu fechei meus olhos contra a luz ao olhar para ele. Ele era tão alto, e, naquele momento, com aquela expressão feroz no rosto, tive certeza de que ele era meu anjo. Talvez Deus tivesse me escutado e enviado River.

Ele se postou de joelhos e estendeu a mão para mim.

– Está tudo bem, Addy. Estou aqui.

A voz dele era suave. Nada parecida com a que o ouvi usar com a mãe.

– Se você tirar essa garota desse armário, vou chamar o serviço social e fazer com que a mandem embora. Não preciso dela aqui. Ela não é o que eu queria. Ela é uma criança má.

Não queria ir para um orfanato e também não queria perder River, então fiquei de boca fechada. Dentre as minhas opções, havia dois tipos de mal. Aquele eu já conhecia, ao contrário do que aquele que eu teria que encarar lá fora. Também não teria River para me defender.

– Se você a mandar embora, conto para o papai que você está tomando aquelas pílulas de novo – disse River, se virando para olhar para ela. – Eu sei. Eu tenho provas. Vou dizer a ele e ele vai deixá-la desta vez. Para sempre.

Não sabia bem de quais pílulas ele estava falando, mas ela ficou pálida.

Ela não disse nada, então se virou e foi embora.

– Vem cá, Addy. Ela vai ficar trancada a noite toda agora. Eu a venci em seu próprio jogo – disse ele, tomando minha mão com um aperto suave. – Vamos pegar alguma coisa para você comer.

– Seu pai está vindo para casa – sussurrei, com medo que ela me escutasse e voltasse.

Ele fechou a cara e fez que não com a cabeça.

– Não, não está. Ele está com a secretária dele. Venha, vamos comer.

Capitão

Era a risada dela. Brad a fez rir o suficiente hoje para que eu tivesse muitas oportunidades de avaliar. Dizer que a risada de Rose lembrava a risada *dela* era pouco. Rose tinha a *mesma* risada de Addy. Até mesmo o jeito que seus olhos dançavam e o jeito como ela virava a cabeça eram idênticos. Era duro ver e ouvir aquilo.

Hoje, por duas vezes, precisei me conter para não pedir que ela parasse de rir. Eu detestava o jeito como a risada dela fazia eu me sentir, porque junto com o calor vinha um agudo sentimento de dor pela perda. Algo que pensei ter superado há anos. Precisava manter Rose a uma certa distância. Ela era trabalhadora e mãe solteira. Não podia mandá-la embora. Tinha apenas que evitá-la, senão iria ficar mal. Junto com aquelas memórias vinha um desequilíbrio emocional. Mesmo depois de todos aqueles anos, foi um trauma que nunca consegui esquecer. Minhas atitudes após a morte de Addy me transformaram. Eu nunca mais seria a mesma pessoa.

A cada homem que eu matava, perdia um pouco mais da minha alma. Mesmo que eles merecessem morrer, ser responsável por isso tirava um pedaço de mim. Sabia que nunca mais voltaria a amar, porque eu não podia. Minhas emoções não eram normais. Elas me assombravam e me bloqueavam de uma maneira que não havia cura.

Quando parei a caminhonete na marina onde deixava meu barco, vi o carro de Elle. Eu disse a ela que não estava no clima pra companhia essa noite, mas ela não me deu ouvidos. Raramente dava. Talvez o que eu precisasse fosse deixá-la me fazer esquecer do passado.

Vivi no barco a maior parte da minha vida adulta. Ele se mudou comigo e mantê-lo significava que eu poderia ir embora a qualquer momento. Gostava da liberdade que ele me dava. Senti falta disso quando estava no Texas, último local em que morei. Casas me traziam memórias ruins. Não podia viver em uma casa.

Meu barco me trazia paz.

Ao entrar, vi que Elle estava na pequena cozinha preparando sanduíches. Quando ela fazia coisas como essa, eu me sentia culpado por estar iludindo a garota, se é que era isso que eu estava fazendo. Ela tinha seus problemas, mas não era de todo má. Quando eu precisava desestressar, ela estava lá. Eu apenas não tinha o que ela precisava em termos emocionais. Eu nunca ia querer mais. Nunca me importaria profundamente com ela, e jamais viria a amá-la.

Seus longos cabelos castanhos balançavam sobre os ombros enquanto ela olhava para mim. Então ela sorriu. Aquele sorriso era seguro. Não comprimia meu peito. Ela não me fazia lembrar de tudo que eu havia perdido. Ela podia rir e isso não me afetava. Aí estava outra razão para eu gostar da Elle.

– Sei que você disse que não estava no clima para companhia, mas imaginei que fosse precisar comer, e eu estava com fome, então fiz alguns sanduíches pra gente. Podemos ao menos comer juntos. Depois vou embora.

Nós dois sabíamos que ela não iria embora. Mas apenas concordei com a cabeça e fui até a geladeira pegar uma cerveja.

– Você quer alguma coisa? – perguntei.

– Pode ser uma cerveja – respondeu ela, um pouco feliz demais.

Ela sabia que tinha ganhado. Eu estava muito cansado para me importar.

Peguei duas cervejas e coloquei a dela no balcão antes de pegar meu sanduíche. Era o maior dos dois. Ela raramente comia grandes porções. Duvidava que fosse comer metade do sanduíche dela.

Dando uma mordida, me recostei e observei as ondas escuras do lado de fora. Era uma noite calma.

Nenhum vento para tornar as coisas tempestuosas.

– Você não quer se sentar? – perguntou ela, interrompendo meus pensamentos.

Fiz que não com a cabeça e dei outra mordida no sanduíche.

– Você parece tenso hoje. Como se estivesse prestes a explodir a qualquer momento.

Ela me observava de muito perto. Se ela relacionasse o meu humor a Rose, as coisas ficariam feias. Outra razão para manter distância de Rose.

Você está protegendo ela. Assim como fez com Addy.

O pensamento veio antes que eu pudesse afastá-lo. Era verdade, claro. Eu estava protegendo Rose. Apenas porque sua risada me lembrava a de Addy. Podia mentir para mim mesmo e dizer que estava intrigado com ela por ser uma mãe solteira e trabalhadora. Mas não era por isso. Eu sabia que não era.

– Quanto mais nos aproximamos da inauguração, mais tenso eu fico. Vou ter que lidar com isso – respondi sem emoção.

Podia ver Elle brincando com seu sanduíche em vez de comê-lo. Ela queria mais de mim. Sabia que chegaria o dia em que ela me pressionaria por mais. Isso sempre acontecia. E eu sempre as mandava embora. Eu não podia oferecer mais.

– Queria que você se abrisse comigo. Estou aqui para ouvir. Eu me importo com você. Pensei que estivéssemos nos aproximando. Ontem mesmo, no seu escritório...

– Nós transamos, Elle. Isso foi tudo. Uma transa. Eu disse para você desde o início, eu só transo, gata. Se você quer mais intimidade, está com o cara errado.

Minhas palavras eram frias, mas eu era assim. Ela precisava ouvir aquilo.

– Você não é o cara durão e intocável que quer que eu acredite que é. Já vi você baixar a guarda. Então é só comigo? É isso? Você não me quer?

Esse era o momento. Eu podia machucá-la e mentir, concordar e mandá-la embora. Mas ela era a chefe do salão. Eu não a amava, mas também não seria cruel.

– Não é você – deixei escapar. Eu não ia compartilhar com ela um pedaço do meu passado. No entanto, ela precisava entender que eu não era o cara que ela estava procurando. – Dei meu coração há muito tempo.

Ouvi seu rápido suspiro. Ela não estava esperando por isso.

Dando outra mordida no sanduíche, peguei minha cerveja que estava no balcão. Precisava ficar longe de Elle. De todo mundo.

– Você está dizendo que está apaixonado por outra pessoa?

Era mais do que isso, mas apenas concordei com a cabeça e tomei minha cerveja.

– Quem é? Onde ela está? – perguntou Elle.

Seu tom de voz estava ficando mais alto, o suficiente para que eu soubesse que ela estava irritada.

– Não quero falar sobre isso.

– Você não quer falar sobre isso? – gritou ela atrás de mim. – Nós estamos transando, como você diz, há semanas, e você fala que está apaixonado por outra pessoa? O que estamos fazendo, então? Ahn?

– Transando – respondi.

– Você é um... você é um... argh! Não acredito que eu... – Ela parou e soltou um grunhido, então foi em direção à porta. – Não vou ser usada – disse ela, pronta para sair.

– Ótimo.

Foi minha única resposta. Ela não deveria se deixar ser usada.

– É só isso que você tem para dizer? Sério?

Larguei minha cerveja e finalmente me virei para olhar para ela. A fúria no seu rosto era como eu esperava. Sempre acabava assim. Mesmo que eu as avisasse desde o início que eu não queria ir além.

– Por acaso, alguma vez eu disse a você que haveria mais do que apenas sexo comigo?

Ela me fitou por algum tempo e finalmente balançou a cabeça.

– Certo. Eu não disse. Você é que queria mudar as regras.

Eu podia ver a dor em seus olhos, e me senti culpado por colocar as coisas dessa maneira. Me sentia

culpado toda maldita vez.

Elle não disse mais nada. Ela se virou e foi embora. Finalmente, eu estava sozinho.

Rose

Franny estava dormindo aninhada no sofá quando cheguei em casa. A Sra. Baylor se encontrava sentada na poltrona com um livro no colo. Ela tirou os olhos do que estava lendo e, sorrindo, me cumprimentou com um sussurro.

– Tentei convencê-la a ir para a cama, mas ela quis esperar você. Ela brincou bastante hoje. Até fizemos um monte de biscoitos de macadâmia. Você precisa levar a maior parte deles para o seu trabalho amanhã. Não vamos conseguir comer tudo.

Brad estacionou a caminhonete atrás da minha na entrada da garagem, e eu olhei em sua direção. Não esperava que Franny fosse estar dormindo tão cedo. Normalmente, ela dormia tarde. Mas eu também não ia pedir à Sra. Baylor que ficasse com ela enquanto eu saía para comer pizza com um homem.

– Obrigada por hoje. Sei que ela se divertiu – falei.

Minha filha era meu mundo. Nunca teria como agradecer o bastante à Sra. Baylor por ser tão boa com ela.

A Sra. Baylor se levantou e pigarreou suavemente.

– Bem, parece que você tem companhia.

A voz dela tinha um tom divertido.

Eu me virei e vi Brad saindo da caminhonete. Ele parecia indeciso se devia seguir em frente.

– É um amigo do trabalho. Vou explicar que Franny está dormindo e dizer para ele ir embora.

– Nem pensar. Você precisa fazer amigos, e daqui onde estou, esse amigo é uma bela visão.

Meu rosto ficou vermelho.

– Franny esperou por mim. Quero estar aqui se ela acordar.

– E você pode estar. Mas isso não significa que não possa oferecer uma taça de vinho ao rapaz e convidá-lo para se sentar na sua adorável varanda. As estrelas estão lindas esta noite.

Eu duvidava de que Brad tomasse vinho. Ele fazia mais o tipo que bebia cerveja. E estava com fome. Tudo que eu tinha eram sobras de um empadão de frango da noite anterior. Mas havia os ingredientes para fazermos uma pizza. Uma vez por semana, Franny e eu tínhamos a noite da pizza, então eu sempre mantinha a cozinha estocada com todo o necessário.

A Sra. Baylor deu um tapinha no meu braço ao passar por mim.

– Você vai saber o que fazer.

Então sorriu para Brad antes de atravessar o jardim em direção à casa.

Não sabia se deveria sugerir fazermos uma pizza ali em casa. Ele pareceu bastante empolgado em relação ao local em Grayton Beach. Nunca havia convidado um homem para jantar. E, apesar de ele estar se tornando um amigo, ainda assim, eu estava nervosa.

– Está tudo bem? – perguntou ele, enquanto caminhava na minha direção com uma expressão preocupada.

– Sim, é só que Franny dormiu. Ela estava doente no início dessa semana e ainda não está cem por cento.

Fiz uma pausa em vez de me oferecer para fazer uma pizza para ele. Brad era legal o suficiente para aceitar, mesmo que não quisesse.

– Isso é compreensível – respondeu ele, então olhou para a casa, por cima do meu ombro, antes de olhar novamente para mim. – O que você acha de pedirmos uma pizza então?

Essa era a confirmação que eu precisava.

– Na verdade, tenho tudo de que precisamos para fazer uma pizza. Eu poderia cozinhar para você – ofereci.

Um sorriso se formou em seus lábios.

– Isso é uma boa ideia.

– Certo, deixa eu acordar Franny e colocá-la na cama. Imagino que ela vá querer conversar um pouco comigo. Entre. Não tenho cerveja, mas tenho chá – disse a ele com um sorriso bobo.

Aquilo era legal. Ele era legal.

– Sou um grande fã de chá – respondeu ele.

Eu não era boa naquilo, mas ele não parecia se importar. Abri caminho para dentro de casa e rapidamente preparei uma xícara de chá para ele. Franny continuou dormindo. Não queria que acordasse e ficasse confusa ao ver um estranho. Ela não estava acostumada a termos homens em nossa casa.

– Aqui está – disse com um sorriso, enquanto entregava a xícara para Brad. – Eu só preciso de uns minutos para levar Franny para o quarto.

Na verdade, queria pedir a ele que saísse enquanto eu fazia isso, mas pareceria falta de educação.

– Vou apreciar a vista da água ali da sua varanda – disse ele piscando, antes de se dirigir para a porta.

Era como se ele pudesse ler a minha mente. Quase agradeci, mas me contive. Quando ele chegou do lado de fora, fui até o sofá e suavemente passei a mão pelos cabelos de Franny.

– Você precisa ir para a cama – sussurrei perto de seu ouvido.

Ela se mexeu antes de piscar lentamente, enquanto tentava focar em mim.

– Está bem – murmurou ela, em seguida se aconchegando ainda mais fundo no sofá.

– Não consigo carregar você, então vai ter que se levantar. Eu a ajudo a ir até a cama.

– Está bem – disse ela mais uma vez, levantando um dos braços para que eu pegasse.

Com um sorriso, ajudei-a a se levantar e a segurei firme do meu lado.

– Eu te amo – disse a ela.

– Te amo também – respondeu ela com uma voz meio grogue.

Queria dar tudo a ela. Tudo que nunca tive. E, na maior parte do tempo, havia feito isso. Dei a ela uma vida estável, e ela não tinha dúvidas de que estava segura e de que era amada.

Quando chegamos ao quarto, ela foi direto para a cama e se aninhou sem nem abrir os olhos. Peguei as cobertas e a cobri, então dei um beijo em sua cabeça.

– Você gosta dele? – sussurrou ela, abrindo os olhos para olhar para mim.

– Dele quem? – perguntei, pensando se ela estava sonhando.

Ela costumava falar dormindo.

– Do cara na varanda.

– Ah! – respondi, com surpresa.

Ela sorriu, então fechou os olhos de novo, puxando as cobertas até a altura do queixo.

– Guarde pizza para mim, para amanhã.

Com uma risada, eu a beijei mais uma vez antes de ir até Brad na varanda.

Capitão

Doze anos atrás

Esperei Addy do lado de fora da escola. Todo dia ela me encontrava ali e caminhávamos juntos até nossa casa. Antes, pegávamos o ônibus, mas depois que dei um soco no nariz de um garoto por ele ter empurrado e derrubado Addy no chão, perdi o privilégio do transporte coletivo. O que não era um problema para a gente. Gostávamos da caminhada. Addy sempre me contava do seu dia e eu adorava escutar. Ela ria das coisas que eu dizia, e eu me esforçava ao máximo para ser engraçado. Era como se aquelas risadas me pertencessem. Addy não ria muito em casa. Minha mãe fazia questão de garantir isso. Mas todas as vezes que eu tinha uma chance, dava a ela uma razão para rir. Isso me dava mais prazer do que qualquer outra coisa.

As portas se abriram e Addy saiu. Seus cachos louros caíam em suas costas, e ela estreitava os olhos contra a luz do sol enquanto me procurava. Dei um passo à frente e acenei, e, no mesmo instante, seu rosto se iluminou. De novo, aquele sorriso me pertencia. Ela o dava apenas para mim. Toda vez, o meu peito apertava.

– Ei, River, tudo certo para sexta-feira à noite? Meus pais estão fora da cidade, então você pode ir lá em casa para assistirmos a um filme. – Era Mallory Buchanan, que apareceu do meu lado, jogando os cabelos sobre os ombros dramaticamente.

– Sim, claro – concordei.

Mallory estava dando em cima de mim havia duas semanas, então a convidei para sair na sexta-feira. Normalmente, eu não paquerava garotas ou falava com elas na frente de Addy. Sempre que eu fazia isso, podia ver que ela ficava desconfortável. Olhei de volta para Addy e vi que ela já não estava mais sorrindo, e que estava caminhando mais devagar. Ela não estava com pressa de chegar até mim agora. Por que Mallory tinha que falar comigo aqui fora?

– Bem, tenho que ir – disse para Mallory, sem tirar os olhos de Addy.

Eu me apressei em direção a ela. O sorriso forçado no meu rosto era para tranquilizá-la. Addy havia se tornado minha melhor amiga. Ela me entendia de um jeito que ninguém mais conseguia fazer, e eu a compreendia também. Nós cuidávamos um do outro e contávamos tudo um para o outro. Eu apenas tentava não falar sobre garotas na frente dela.

– E aí? – falei, quando cheguei mais perto dela.

– E aí? – respondeu ela, e suas bochechas ficaram rosadas. – Não quis interromper.

Ela sempre fazia isso, sempre agia como se estivesse me atrapalhando. Eu já sabia, por isso era cuidadoso quando estava com ela, mas detestava que ela pensasse que não era mais importante do que aquelas outras garotas. Ela era a pessoa mais importante da minha vida. Sempre seria.

– Não seja boba. Você é minha garota preferida. Você sabe disso – brinquei, e coloquei meus braços em volta dos seus ombros para um abraço rápido. – Quando chegarmos em casa, que tal irmos até a lagoa e fazer nosso dever de casa lá?

Ela amava a lagoa. Tínhamos que caminhar por uma trilha no bosque que havia atrás da nossa casa para chegar até ela, mas ela adorava. O sorriso que eu estava procurando tinha voltado, enquanto ela assentia.

– Boa ideia.

◆◆◆

Havia sonhado com ela outra vez. Mas dessa vez não havia sangue. Era apenas a gente. Do jeito que éramos. A maneira confortável como me sentia quando estava com ela. Vê-la sorrindo para mim e me sentindo completo com ela.

Em pé, na proa do meu barco com uma caneca de café, assisti ao nascer do sol enquanto lembranças de Addy me vinham à memória. Não era que eu tivesse me esquecido daqueles momentos. Eu me lembrava de tudo sobre ela. Cada momento que vivemos estava eternamente gravado na minha mente. É que fazia muito tempo que eu havia desistido de pensar neles.

Aquela dor aguda estava tão encravada no meu peito que eu não conseguiria me livrar dela. Vinha com as memórias. Era por isso que eu tentava não me lembrar. Mas enquanto eu estava ali na água, assistindo à beleza da luz da manhã lentamente iluminar o céu, parecia certo. Addy adorava a água e amava ver o sol nascer. Assistimos a tantas alvoradas juntos. Ela teria adorado viver em um barco. Teria sido uma aventura. Contanto que estivesse comigo, ela toparia qualquer coisa.

Ouvi passos se aproximando às minhas costas. Pelo ruído pesado das passadas, sabia que era um homem. Alguém decidido. Eu não precisava me virar. Escutar era mais importante do que ver no meu tipo de trabalho.

– Cope – disse eu, e em seguida tomei mais um gole de café, enquanto via o sol brilhar sobre a água.

– Cap – respondeu ele.

DeCarlo havia encurtado nossos nomes. O dele era Copeland, mas todo mundo o chamava de Cope.

– Não trabalho mais para DeCarlo. Não vejo o porquê de você estar aqui.

Nunca duvidei que DeCarlo tentaria fazer com que eu voltasse. Ele não queria que eu saísse. Mas a pequena parte da minha alma na qual eu consegui me segurar era o pedaço em que apenas as memórias de Addy se mantinham vivas. Eu não queria perder isso.

– Vim alertá-lo – disse ele, de um jeito que sempre me lembrava um rosnado. Ele era o ser humano mais raivoso que já conheci. Isso somado à sua estrutura maciça fazia com que ele fosse bastante intimidador. Ele era uma parede de tijolos sólida coberta de tatuagens. – Tem alguém aqui. Não sei quem, mas rastrearam você aqui.

Franzi a testa.

– Alguém atrás de mim por causa de um trabalho antigo?

Ele deu de ombros.

– Não sei. Você foi seguido. Mantenha seus olhos abertos.

Merda. Não queria trazer meu antigo inferno para perto da minha irmã e de sua família.

– Há quanto tempo estão aqui?

– Pelo menos um mês. Talvez mais.

E ainda não tinham feito nada? Isso não era normal. Era estranho.

– Vou encontrá-los.

– Tenho que consertar umas merdas do Major – disse Cope, voltando em seguida para a doca.

Ele não era um homem de muitas palavras, mas sempre gostei dele.

Eu não estava preocupado que houvesse alguém me rastreando. Se estivessem aqui, não iriam se aproximar sorrateiramente: eu sentiria a presença deles primeiro. Era apenas uma questão de tempo até eu descobrir quem era.

Rose

Eu havia retocado a raiz dos cabelos na noite anterior, depois que Brad foi embora, então, estava ainda mais ruiva hoje. Tingir meus cabelos louros não era uma coisa que eu fazia porque queria. Exigia muita manutenção, mas era parte do meu disfarce. Isso e os óculos me faziam parecer diferente o bastante da garota que ele havia conhecido. Eu também tinha crescido e as maçãs do meu rosto estavam mais definidas, meus seios estavam maiores e meus quadris mais largos depois do parto. Também havia perdido aquele brilho de curiosidade no olhar.

Naquele primeiro dia, no fundo, eu acreditava que ele me reconheceria apesar de tudo. Que descobriria quem eu era, que meu disfarce seria em vão, porque ele seria um homem maravilhoso que me conhecia instintivamente e que adoraria nossa filha assim que eu lhe contasse sobre ela. Mas isso não aconteceu. Ele mal olhou para mim. O máximo que fez foi me dizer o que eu tinha que fazer.

Ontem à noite, quando Brad e eu tivemos nosso primeiro encontro, me dei conta de que sentia falta de ter esse tipo de conexão. Não tive essa experiência na minha vida adulta. Alguém com quem rir junto e conversar sobre coisas de adulto. Não que eu pudesse me apaixonar por Brad, porque, honestamente, não achava que houvesse a mínima possibilidade.

Por mais que eu não quisesse admitir, River ainda era dono de uma grande parte do meu coração e que Capitão não havia conseguido destruir.

Às vezes, quando ele não estava olhando para mim, podia ver sua expressão pensativa enquanto resolvia alguma coisa em sua cabeça, e sentia como se estivesse na presença de River naquele momento. Esses pequenos relances eram suficientes para que eu mantivesse o propósito no meu coração. Mas amar River tinha sido o meu mundo. Você não pode mandar seu coração parar de amar alguém. Eu tinha tentado fazer isso por anos, apenas para abrandar a dor de perdê-lo.

Respirando fundo, entrei no salão pronta para encarar mais um dia. Esperava ver Elle mandando em todo mundo por ali, mas, em vez disso, lá estava River – Capitão – dando ordens aos gritos e reclamando de coisas que não haviam sido feitas corretamente. Me apressei para escutá-lo antes de bater o ponto e guardar minha bolsa.

– Os talheres devem ser enrolados nos guardanapos de acordo com as especificações dadas. Elle deu três aulas sobre isso, e todos vocês deveriam comparecer a pelo menos uma delas. Cada atendente deverá enrolar os talheres nos guardanapos todas as noites ao fecharmos o bar até que tenhamos trezentos jogos prontos para uso. Esta merda está longe de estar certa. Algum de vocês pode demonstrar como isso deve ser feito?

Ninguém levantou a mão. A irritação no rosto de Capitão emudeceu a todos. Dei um passo à frente e levantei a mão.

– Eu posso.

Estive em duas aulas de Elle, e ela aproveitou cada oportunidade que pôde para me usar como exemplo. Um dia, embrulhei mais de trinta jogos de talheres sozinha, porque ela ficava dizendo que meu trabalho era desleixado. Eu não tinha dúvida de que poderia fazer aquilo.

Os olhos de Capitão se fixaram em mim, e ele pegou um guardanapo de linho e um jogo de talheres.

– Mostre.

Não deixei que seus olhos penetrantes me intimidassem, mas também não consegui encará-lo. Sempre havia a chance de ele finalmente reconhecer os olhos que estavam por detrás dos óculos. Peguei os itens e os

coloquei sobre a mesa ao lado da qual ele estava em pé. Então os enrolei no guardanapo com mais perfeição do que qualquer coisa que Elle já tivesse feito.

– Parece que alguém prestou atenção. – O alívio em sua voz era evidente. – Elle estará fora pelos próximos dias. Preciso que você ensine a esse pessoal como fazer isso – disse ele, olhando, em seguida, para todos os outros. – Se não aprenderem a enrolar direito essas merdas de talheres nos guardanapos em dois dias, estão demitidos. Entenderam?

A tensão na sala era pesada, mas todos concordaram. Isso significava que eu teria o resto do dia para ensiná-los a enrolar corretamente os talheres nos guardanapos.

– Bom trabalho – disse Capitão, com uma voz que suscitou lembranças.

Havia bondade em seu tom. Quase como se ele sentisse que éramos uma equipe. Já havíamos sido a melhor equipe uma vez.

– Obrigada – respondi.

– Se algum deles der trabalho, me avise. Não vou abrir este lugar com nenhum preguiçoso a bordo. Na minha mesa, tem uma pilha de fichas de pessoas que tomariam seus lugares de bom grado.

Eu não duvidava disso. Além do Kerrington Country Club, aquele era o único lugar na cidade que traria boas gorjetas.

– Certo – falei, olhando para longe e depois para as minhas mãos.

– Vamos logo com isso – gritou ele para o resto do salão, me fazendo pular; em seguida, deu um tapinha no meu ombro e saiu do salão.

Os resmungos e reclamações começaram, assim como os sussurros, e rapidamente ficaram mais altos. Pensei ter escutado o nome de Elle algumas vezes. Ninguém parecia preocupado em fazer o que ele havia acabado de mandar.

– Ei, Rose, tudo bem com você? – perguntou Brad, ao entrar no salão, vindo da cozinha.

Segurei um guardanapo com a mão e forcei um sorriso.

– Tenho que ensinar a todos como enrolar os talheres no guardanapo – expliquei.

Ele olhou em volta para os outros, notando a falta de preocupação, então franziu a testa.

– Ei! – chamou ele, atraindo a atenção de todos. Quando os olhos se voltaram para ele, Brad apontou para mim. – Vocês todos precisam aprender a enrolar a porra dos talheres nos guardanapos, e Rose não tem o dia todo. Prestem atenção.

Muitas das mulheres sorriram para Brad como se fossem fazer o que quer que ele quisesse. Ele era solteiro e atraente, então eu não as culpava por isso. Pararam de fofocar sobre onde Elle poderia estar e escutaram quando comecei a primeira das muitas lições daquele dia.

◆◆◆

O comentário era que Capitão havia terminado com Elle, e que ela estava chateada, em casa. Qualquer que fosse o caso, estava aliviada em poder ter uma folga da presença dela pelos próximos dias. Mas era demais esperar que ela não voltasse. Garotas como ela não desistiam sem brigar.

Uma vez que todos ficaram sabendo o porquê Elle de não estar no trabalho, pareciam mais dispostos a prestar atenção na lição dos talheres. Brad aparecia a cada meia hora mais ou menos para se assegurar de que eles estavam prestando atenção. Eu gostava disso nele. Era solícito e parecia se importar. De novo, era uma sensação boa. Sensação que eu não tinha havia muito tempo.

– Ei – disse Brad. – Testei uma nova entrada para o cardápio hoje. Quer me ajudar a experimentá-la? Poderíamos comer aqui ou ir até a sua casa e dividir com Franny. Pode ser bom ter a opinião de uma criança.

Levantei meus olhos para encontrar com os dele enquanto lustrava as mesas. Não o escutei entrar, mas lá estava ele, mais uma vez sendo legal.

– Ahn, sim. Parece uma boa ideia. Quero dizer, ir para a minha casa. Franny vai precisar jantar.

Um sorriso se abriu em seu rosto, fazendo-o parecer ainda mais bonito.

– Ótimo. Vou arrumar tudo e me encontrar com você aqui atrás daqui a pouco – disse ele, e correu de volta para a cozinha.

Com um sorriso de satisfação nos lábios, me abaixei para terminar de lustrar a espessa madeira de mogno da mesa que eu estava arrumando. Capitão disse que elas precisavam brilhar.

– Você e Brad estão saindo?

A voz grave de Capitão preencheu a sala, fazendo meu coração palpitar. Frustrada, afastei o sentimento e me levantei para olhar para ele. Sua expressão não era amigável ou de curiosidade, mas severa.

– Somos, ahn, amigos. Eu acho – respondi.

Porque, honestamente, ainda não tinha certeza do que éramos.

– Você acha? – Ele parecia irritado com a minha resposta.

Endireitando minha coluna, enfrentei o seu olhar e respondi com a mesma expressão irritada que ele estava fazendo para mim.

– Não vejo como isso possa ser da sua conta.

Ele deu um sorrisinho e inclinou a cabeça ligeiramente para a esquerda, mas seus olhos permaneceram firmes. Nada como os de River. Não quando ele olhava daquele jeito.

– Brad é o melhor chef do sudoeste. Não vou mandá-lo embora. Você é quem irá embora se as coisas não derem certo. Entendido?

A dor no meu peito tinha retornado. Eu detestava ver aquele lado dele. Era algo que eu nunca havia vivenciado diretamente. Era difícil esquecer o passado, e ele dificultava ainda mais criando momentos como aquele. Nunca conseguiria dizer adeus a River – ele sempre seria uma parte de mim –, mas eu estava me preparando para me desapegar dele.

– Entendido – respondi com os dentes cerrados.

– Ei, Rose... – A voz de Brad irrompeu quando ele entrou na sala. – Ah, oi, Capitão. Testei aquela entrada da qual falamos. Rose e eu vamos até a casa dela para experimentar. – Ele levantou as caixas de transporte de comida. – Depois contamos nosso veredito.

Capitão deu um aceno firme de cabeça e saiu da sala sem dizer uma palavra.

Capitão

Meu humor estava péssimo. Jantar com minha irmã era uma coisa que eu não queria fazer hoje à noite, mas cancelar também não era uma opção. Eu sabia que se eu tentasse desistir, ela ficaria chateada e seu marido apareceria irritado na minha casa. Então, para evitar drama, decidi ir.

Estacionei o carro do lado de fora da sua mansão na praia, verifiquei rapidamente os carros que estavam na entrada da garagem e fiquei aliviado em ver que seríamos apenas nós. Ela não havia convidado seus amigos. Eu não estava no clima para os casais felizes com seus filhos.

Quando cheguei à porta, toquei a campainha e esperei. Podia escutar pezinhos correndo do lado de dentro pouco antes de ouvir uma batida na porta.

– Eu atendo – disse meu sobrinho.

Ele tinha 3 anos, mas poderia ter 20.

A porta se abriu, olhei para baixo e vi Nate Finlay sorrindo para mim com um bocão cheio de dentes. Seus olhos cinza-prateados eram como os do pai. Credo, quase tudo no garoto era como o pai. Blaire não podia reivindicar muito.

– Oi, tio Cap – disse ele, enquanto estendia a mão para que eu o cumprimentasse.

Eu me abaixei e o cumprimentei, então dei um jeito de sair logo dali, ou ele me faria repetir o gesto até que eu fizesse direito. Já tinha aprendido essa lição.

– Oi, garoto – respondi.

– Estamos comendo purê de *tatas* – anunciou ele, como se isso fosse a melhor coisa do mundo.

– Esse é o único item do cardápio que importa para ele – disse Blaire, chegando por trás dele. – Juro que fiz mais do que só purê de batatas.

O cheiro que vinha da cozinha me deu fome. Eu estava pronto para comer. O que Brad cozinhou no restaurante tinha ficado com um cheiro incrível, mas então ele usou aquela refeição para impressionar Rose.

Pensar nisso me deixava ainda mais puto. Não queria admitir para mim mesmo que não gostava da ideia de Rose com Brad, mas óbvio que alguma coisa estava acontecendo, porra. Pensar sobre Addy tinha bagunçado com a minha cabeça. Estava fazendo com que eu passasse dos limites. Droga, eu mal tinha conversado com Rose. Não tinha nada contra ela, além do fato de me fazer lembrar de Addy. Ela trouxe de volta memórias que eu tinha me esforçado para reprimir.

Dizer que eu a mandaria embora tinha sido frio e desmedido, mas, no fundo, era isso mesmo que eu queria fazer. Queria uma desculpa para afastá-la de mim. Ela era provavelmente a melhor funcionária que eu tinha, mas estava tentando me livrar dela por causa das memórias do meu passado. Não era justo com ela, e, mais uma vez, eu lhe devia desculpas. Essa merda não tinha que se tornar um padrão.

– O que foi com essa testa franzida? Purê de batatas não é assim tão ruim – disse Blaire, me analisando de perto.

Blaire não sabia nada do meu passado, e eu queria manter as coisas desse jeito.

– Eu adoro purê de batatas. Só tive um dia longo. Estou com muita coisa na cabeça, com a inauguração do restaurante em uma semana.

Minha irmã não pareceu se convencer.

– As costelas estão prontas – disse Rush da cozinha.

Blaire sorriu novamente.

– Fiz os acompanhamentos. Coloquei tudo na grelha.

Costela parecia ótimo.

– Estou faminto.

– Perfeito. Vamos alimentá-lo.

– Purê de *tatas*! – vibrou Nate enquanto corria na nossa frente.

O garoto não tinha noção do quão boa era sua vida. Seu pai o adorava e sua mãe o amava incondicionalmente. O mundo dele era tão diferente do mundo em que eu vivi. A vida de Blaire começou bem, mas depois que sua irmã gêmea morreu em um acidente de carro, tudo virou um inferno. Fico feliz que ela tenha tido uma segunda chance. Ela merecia.

Blaire tinha a vida que eu desejei para Addy. A vida com que costumávamos sonhar. Addy teria sido uma mãe incrível. Ela era dona de um coração tão grande que superava qualquer mal pelo qual tivemos que passar. Se eu não tivesse precisado tanto dela, poderia tê-la salvado. Tirado ela de lá mais cedo. Mas eu a queria perto de mim.

Onze anos atrás

Nem entrei quando cheguei em casa do meu encontro. Sabia que Addy não estaria lá. Mamãe estava em seu mais novo evento beneficente esta noite. Foi a única razão pela qual concordei em ir a algum lugar sem Addy. Sabia que ela estaria a salvo.

Ainda não tinha conseguido aproveitar ou curtir a garota, que logo tirou a roupa para mim. Meus pensamentos estavam com Addy e em como eu precisava saber como ela estava. Pensar que ela ficara sozinha me incomodava. Ela não deveria ficar sozinha. De qualquer forma, eu não precisava de sexo. Poderia dar um jeito nisso no horário das aulas, se precisasse.

Eu contornei a casa até a parte de trás e ia em direção à trilha que sabia que me levaria ao lugar preferido de Addy na lagoa. Podia ver seus cabelos louros na luz da lua antes de enxergar qualquer outra coisa. Eu amava seus cabelos.

Pisei de mau jeito e acabei sendo descoberto. Ela levantou a cabeça, se virando para olhar para mim enquanto eu me aproximava. A expressão de medo em seu rosto logo se transformou em um sorriso de satisfação. Aquele que ela só dava para mim. Eu já tinha visto ela sorrir para outros caras. Ela não dava esse sorriso para ninguém a não ser para mim. O sorriso que fazia os olhos dela se iluminarem e brilharem. Se algum dia outro cara recebesse aquele sorriso, não sei se conseguiria lidar com a situação. Eu machucaria alguém.

– Você voltou – disse ela.

O tom feliz em sua voz era como uma brisa suave.

– Sim, não estava muito legal.

Ela deu um sorrisinho e então olhou para o outro lado, em direção à água.

– O que foi, ela não quis transar logo?

Havia uma amargura no seu tom que eu não gostava.

– Ahn, não, não foi isso. Apenas preferia estar aqui.

Addy virou a cabeça devagar na minha direção, e seus olhos pareciam estar procurando no meu rosto por algum sinal de que eu estivesse mentindo.

– Sério?

– Sim, verdade. Sempre prefiro estar com você.

Ela mordeu o lábio inferior por um momento e em seguida franziu a testa.

– Então por que você foi?

Não sabia bem o porquê. Porque eu sabia que iria transar...? Porque... que merda, eu não sabia. Preferia estar com Addy. Sempre preferia estar com Addy, mas ultimamente, quando olhava para ela, eu pensava em coisas. Coisas que eu precisava parar de pensar. Ela era minha melhor amiga e precisava de mim tanto

quanto eu precisava dela. Enfrentávamos uma batalha diária dentro daquela casa e contávamos um com o outro para passar por tudo isso.

É só que quando eu me deixava levar pelos meus pensamentos, imaginava qual seria o gosto dos seus beijos, quão macia seria a sua pele. Quais sons ela faria quando eu a tocasse por baixo da blusa ou quando eu escorregasse minhas mãos para dentro de sua calcinha.

Porra, eu não podia pensar nisso. Olhei para longe dela, para a água. Addy era especial. Ela era perfeita e eu deveria protegê-la. Inclusive de mim mesmo.

– Fui porque estava com necessidades que os caras têm, só por isso. Estou aqui agora. Onde quero estar – finalmente respondi.

Ela não disse nada, e eu não olhei para ela por medo de que meus pensamentos fossem na direção contrária à que eu tanto lutava para que fossem.

– Você quer entrar e fazer pipoca antes que ela chegue? – perguntou Addy, com um divertimento na voz.

*Minha resposta havia sido suficiente. Ela não me pressionaria por mais informaçõe*s. *Ela nunca fazia isso. Eu me virei para olhar para ela e soube naquele momento, sem dúvida alguma, que ela era tudo para mim. Ela era o meu lar. Aquela casa, administrada por pais que estavam fodidos demais para me compreender, não era um lar para mim. Addy era. Sempre seria. Um dia, eu daria uma mansão para ela e teríamos filhos. Ela viveria como uma princesa.*

– Sim, vamos pegar umas pipocas – respondi, me levantando e estendendo a mão para ela.

Ela deslizou a mão pela minha, e eu a apertei com força.

O sorriso em seu rosto era melhor do que qualquer pipoca jamais poderia ser.

Rose

Finalmente era a noite da grandiosa inauguração do restaurante, e o lugar estava com as reservas esgotadas. Na última semana, todos nós trabalhamos até a meia-noite todos os dias, arrumando tudo para o grande evento. Brad não tinha ido lá em casa novamente, mas fazia questão de me dar coisas que estava testando para o cardápio nos meus intervalos. Algumas noites, ele até me deu um queijo quente gourmet com batatas fritas caseiras para que eu levasse para Franny. Ela havia encantado ele, o que não era uma surpresa. Ela tinha esse efeito sobre as pessoas.

Capitão tinha me evitado. Em meio a todo o trabalho, ficar longe de mim e manter distância de Elle, ele devia estar exausto. Elle havia retornado determinada a agir como se estivesse bem. Todos escutamos sobre seus encontros, porque ela contou para as garotas, que falaram tão alto que ouvimos todos os detalhes. Se ela estava querendo provocar ciúmes em Capitão, não estava conseguindo. Ele a estava ignorando.

Quase senti pena dela. Quase.

– Você acha que Elle me mataria se eu tentasse dar em cima de Capitão? – me perguntou Patricia, uma das outras atendentes, enquanto olhava por cima do meu ombro e dava um sorriso atrevido na direção dele.

Olhei para trás e vi Capitão inspecionando a sala enquanto conversava com Brad.

– Provavelmente, mas você quer mesmo sair com o chefe? Veja no que deu isso com Elle – disse, com honestidade.

Era preciso ser uma mulher de personalidade forte para voltar depois de ter levado um fora do gerente, e todos sabiam disso.

Patricia fez um beicinho, e seus lábios, pintados com um tom de rosa forte, ficaram ainda maiores do que o normal.

– O outro único gostosão aqui é Brad, e todos sabem que ele tem uma queda por você. – Ela voltou sua atenção para mim. – Você gosta dele, certo?

Se eu gostava dele? Sim, gostava, mas nós éramos amigos. Às vezes, ele dava em cima de mim, mas na maior parte do tempo a gente só conversava e ria.

– Ahn, bem, ele é um cara legal. Gosto de passar tempo com ele, mas não estamos tendo um relacionamento nem nada assim. Somos apenas amigos.

Seus olhos castanho-escuros se acenderam e ela piscou, sedutora, antes de olhar de volta para os dois homens. Desta vez, seu olhar se fixou em Brad.

– Ótimo. Obrigada! – disse ela, antes de ir rebolando na direção dele com um brilho determinado nos olhos.

Eu poderia ter ficado lá para ver ou poderia ter terminado de arrumar as mesas e acendido as velas. Escolhi a última opção e fui trabalhar. Se Brad estivesse interessado nela, então que bom para ele. Não atrapalharia nossa amizade. Pelo menos, acho que não atrapalharia.

◆◆◆

Cada um de nós tinha três mesas para atender. Capitão queria garantir que cada cliente recebesse a maior atenção possível. Eu tinha duas mesas de quatro lugares e uma de dois, então não estava sobrecarregada, mas havia pressão para que tudo saísse perfeito.

Brad estava sendo muito elogiado pelos jantares, e todos estavam gostando da comida. Tudo correu sem

maiores percalços, tendo em vista que era a noite de inauguração.

Olhei em volta e vi Capitão conversando com um homem mais velho, obviamente rico e importante, que estava com uma bonita mulher mais jovem do seu lado. Teria pensado que era sua filha se sua mão não estivesse possessivamente posicionada na cintura dela.

O homem sorria e parecia feliz em conversar com Capitão.

– Este é Arthur Stout – sussurrou Patricia, ao meu lado. – O dono.

Bom, então isso fazia sentido. Concordei com a cabeça e fui em direção à cozinha. O pedido da mesa sete estava quase pronto.

Voltei para a área de montagem dos pratos e vi Brad organizando pedidos e liberando travessas fumegantes. Estava com uma bandana amarrada na cabeça para segurar seus cabelos desgrenhados. Ele olhou para cima e me deu um sorriso largo.

– Ei – disse ele, antes de se concentrar no prato que estava montando.

– A sete está pronta – avisou Henry, um dos outros cozinheiros.

– Ótimo. Obrigada – respondi, me virando para um dos atendentes que estava aguardando ao lado. – Leve para a sete. Da esquerda para a direita. Estou logo atrás.

Uma das coisas que Capitão insistiu foi que o atendente principal da mesa não deveria levar a comida. Eles deveriam ir depois, prontos para resolver qualquer coisa que estivesse errada ou pegar qualquer coisa que os clientes pedissem.

Havia me virado para sair quando Brad me chamou.

– Ei, amiga.

Sem saber se aquele cumprimento era para mim, parei e olhei de volta para ele. Ele piscou e balançou a cabeça.

– Preciso melhorar minhas habilidades.

Em seguida voltou a trabalhar, ainda sorrindo.

Será que ele estava falando sobre o que eu disse para Patricia? Ela teria contado para ele?

– Paquere quando tiver tempo. Você tem pessoas para servir, e ele tem comida para fazer. Sem distrações, Rose.

A voz dura de Capitão me assustou quando o vi me encarando da porta da cozinha.

Estava trabalhando para ser mais do que boa esta noite, mas ser excelente e receber este tipo de tratamento dele? Eu não estava paquerando, ora essa – estava trabalhando! Por que ele não estava chamando a atenção de Brad? Mordendo minha língua, nossos olhares irritados se encontraram antes que eu passasse por ele sem dar uma palavra.

– Rose – disse Capitão, com uma voz cortante.

Queria continuar caminhando e ignorá-lo, mas chamaria a atenção dos outros que estavam nos vendo no corredor. Engoli em seco, parei e olhei para trás.

– Sim, senhor? – deixei escapar.

Seus olhos se arregalaram por um momento, e tentei imaginar o que eu tinha feito para deixá-lo tão puto.

– Preste atenção quando eu lhe der instruções.

Sua voz estava baixa, e seu tom de advertência apenas me deixou com mais raiva.

– Você deve dirigir suas instruções a quem precisa delas. Não fiz nada de errado.

Tentei não falar de forma ácida, mas foi difícil.

– Disse a você que Brad é o melhor. Não quero a cabeça dele em nenhum outro lugar que não seja na comida.

– Não estou distraindo ele. Estava pegando os pratos da minha mesa para servi-los – disparei de volta em minha defesa.

– Então por que ele estava focado em você quando deveria estar trabalhando feito um camelo na merda que estava na frente dele? Não se faça de tonta comigo, Rose. Conheço as mulheres, meu doce. Conheço elas muito bem.

Era isso. Capitão tinha ido longe demais comigo.

– Termino a noite e vou embora. Afinal, é isso que você quer. Não vou trabalhar aqui para ser acusada de coisas que não fiz – falei mais alto do que deveria, mas não me importava.

Dei meia-volta e saí de perto do homem furioso pelo qual cometi o erro de mudar minha vida.

Capitão

Merda. Fiquei encarando Rose enquanto ela passava pela porta e entrava no salão. Ela tinha razão. Era Brad que estava dando em cima dela. Eu estava observando os dois a noite toda e podia afirmar que ele não gostou nem um pouco quando Patricia lhe contou que Rose disse que eles eram apenas amigos. Parecia que ele estava ansioso para conversar com ela sobre isso assim que o restaurante fechasse.

O fogo nos olhos dela, mesmo por detrás daqueles óculos, me lembravam Addy. Quando pressionada, Addy tinha aquele mesmo fogo. Aquela mesma determinação. Meu peito doeu. Sempre doía quando me lembrava dela, e Rose fazia eu me lembrar dela o tempo todo. As lembranças estavam ficando cada vez piores. Não havia nenhuma arma nas minhas mãos e nenhum plano de vingança agora. Eu havia deixado aquela vida para trás.

E minha mente estava mais uma vez aberta para as partes boas da minha vida. A melhor parte. Apesar de termos vivido o próprio inferno naquela casa com meus pais, Addy a tornou perfeita. Ela fez tudo valer a pena. Pensei estar salvando ela, mas ela que tinha me salvado. Ela me deu um propósito. Me mostrou como era sentir o verdadeiro amor.

Então, depois de tudo que ela havia me dado, falhei com ela no final. Depois de tudo, não a salvei. Me amar foi o que a matou. Me encontrar na cama com Addy deixou a minha já insana mãe fora de si. Não era nossa primeira vez – Addy havia me entregado sua inocência meses antes, e foi o momento mais bonito da minha vida. O tempo que passamos juntos nos aproximou e forjou um vínculo que eu pensei que nunca poderia ser rompido. De certa forma, eu estava certo. O controle de Addy sobre mim ainda estava lá. Ainda era forte.

– Porra, parece que está ótimo lá fora. Não tem por que você ficar aqui carrancudo.

A voz de Major me tirou dos meus pensamentos.

Foquei no homem à minha frente e coloquei de lado minhas lembranças e meus problemas com Rose.

– Estou pronto para seguir em frente. Isso não é para mim – disse eu, simplesmente.

Porque não era. Eu precisava de mais solidão.

Major levantou a cabeça e me analisou.

– Está dizendo que quer voltar? DeCarlo ia morrer de alegria.

– Não. Eu disse que estava acabado para mim, e está.

Major deu de ombros.

– Entendi. Mas é excitante. A emoção. A perseguição. Você não sente falta?

Ele podia até se parecer com um ator bonitão, sempre prestes a dar uma boa gargalhada, mas era um cara perturbado. Talvez não tão perturbado como Cope, que eu nem tinha certeza se tinha alma, mas ao menos você sabia o que esperar de Cope. Major podia enganar qualquer um. Até mesmo sua própria família. Coisa que ele fazia brilhantemente.

Olhei em volta, para ter certeza que ainda estávamos sozinhos antes de responder.

– Fiz aquilo para sobreviver, não porque gostasse. Eu estava buscando algo que nunca encontrei de verdade.

Major deu um sorrisinho.

– Então você está dizendo que eu sou um doente do caralho?

– Sim – respondi.

Major riu.

– Que nada, é só um jogo.

A vida não era um jogo. Era uma dádiva. E escolher tirar esse presente de outra pessoa não era fácil. O que fizemos – o que ele fez – jamais estaria certo. Não significa que eu mudaria aquilo. Toda vez que eu puxava um gatilho, sabia do preço. Sabia o que isso significava. E embora eu não fosse Deus, e escolher quem deve viver ou morrer não fosse meu trabalho, eu escolhia de qualquer maneira. Corrigia as merdas do mundo, esperando, a cada vez, estar salvando Addy de alguém.

– Por que você ainda está aqui? O trabalho deve ser feito – disse eu, passando por Major em direção à porta.

– É complicado. Esse não é qualquer um. DeCarlo quer algumas respostas antes. Sorte minha, posso ficar transando por aí com umas gostosas para conseguir essas respostas. Meu Deus, eu amo esse trabalho.

Parei na porta.

– Em breve, estou indo embora. Mas eu quero você fora e o trabalho do DeCarlo feito antes de ir. Não quero essa merda perto da minha irmã e da família dela. Esqueça a bocetinha e foque na tarefa.

Não esperei pela resposta dele e abri a porta para voltar à sala de jantar.

– Você acha que Mase contou à Reese o que DeCarlo fez? – perguntou Major com uma voz baixa.

Parei. Eu já tinha pensado nisso. Ela era uma das razões de eu ter estado no Texas antes de vir para Rosemary Beach. Não falei com Reese agora que meu trabalho para ela estava concluído, mas Mase e eu nos falávamos de vez em quando. Matar o homem que molestou e estuprou Reese quando ela era uma criança foi um dos meus momentos de maior sucesso. Ele arruinou com a vida de uma garota com sua doença. Eu teria feito qualquer coisa para garantir que ele nunca mais tocasse em ninguém. DeCarlo era o verdadeiro pai dela e ele queria a morte desse homem mais do que a de qualquer pessoa. Sua filha tinha sido uma guerreira. Ela sobreviveu ao inferno, para logo em seguida ir para os braços de Mase Colt Manning. Um cara que a adoraria e amaria pelo resto de sua vida. Ela foi uma das que tiveram sorte.

– Não. Acho que se ele tivesse contado a ela, DeCarlo saberia.

– Sim. – Major concordou com a cabeça.

Não esperei por mais. Fui verificar o salão do restaurante. Precisava que essa noite fosse um sucesso para poder ir embora e decidir o que fazer do resto da minha vida.

◆◆◆

Arthur estava feliz. Os clientes estavam felizes. E eu estava contente pra caralho que tinha acabado. Logo o lugar seria entregue ao filho do amigo do Arthur, Jamieson Tynes. Tudo que eu tinha que fazer era treiná-lo nas próximas semanas e então deixar que assumisse o restaurante.

Passava de meia-noite quando fechei o escritório e fui em direção à porta dos fundos. Pensar na minha cama nunca tinha sido tão bom. O dia havia começado antes do entardecer e não tinha dado trégua.

– Capitão – chamou Elle.

Então olhei em sua direção e a vi em pé fora do salão. Estava fazendo o máximo para ficar longe dela.

– Sim – respondi em um tom objetivo.

Não queria nenhum drama com ela. Especialmente hoje.

– Podemos conversar?

– Não.

– Sério, é assim que você vai agir? Dormimos juntos por semanas. Tivemos um relacionamento. Você não pode simplesmente se desligar assim.

Parei e reconheci seu olhar irritado.

– Não tenho emoções, Elle. Eu disse para você no início, assim como disse que só estava pela transa. Nada mais.

– Por quem você está apaixonado, então? Hein? Onde ela está? – Elle subiu o tom de voz e deu um passo

na minha direção. – Se ela é assim tão maravilhosa, por que não está aqui lutando por você? Porque eu estou aqui. Eu *amo* você. Ela não, ou então estaria aqui.

A emoção que eu não sentia por Elle era superada pela emoção que sempre vinha junto com qualquer menção à garota que eu amava. Aquela que tinha o meu coração de um jeito que ninguém jamais teria.

– Ela não era nada parecida com você. Era pura e gentil. Era generosa e quando sorria o mundo se iluminava. Ela era minha melhor amiga. Minha razão para levantar todo dia de manhã. Essa era ela, porra. Ninguém vai competir com isso. Jamais.

Elle jogou as mãos para o alto, como se eu fosse um maluco.

– Você está se escutando? Você está falando nela no passado. Ela se foi. Até você sabe. Parte para outra! Ela obviamente já fez isso.

Eu a odiei naquele momento. Odiava sua voz. Odiava sua aparência. Odiava o ar que ela respirava. Queria que ela calasse aquela maldita boca. Meu corpo ficou tenso de fúria, e tive que lutar contra a vontade de enterrar meu punho na parede. E não podia rosnar de raiva para que ela saísse da minha vista. Eu não podia perder o controle aqui. Não agora.

Todo o nojo e a raiva que sentia por ela estavam contidos no meu olhar. Ela enxergaria isso e, se fosse tão esperta quanto eu pensava que era, nunca mais se aproximaria de mim.

– Ela morreu.

Dizer essas palavras nunca foi fácil. Eu queria acabar com tudo. Qualquer coisa, menos admitir isso em voz alta.

Não esperei pela resposta de Elle, mas a palidez do seu rosto me mostrou que ela entendeu. Deixei ela para trás e fui para o meu único refúgio seguro: meu barco.

Onze anos atrás

Minha mãe estava cantando na cozinha. Isso nunca era um bom sinal. Parei na porta e coloquei minha mão na frente de Addy em sinal de proteção. Era um reflexo. Como se minha mãe fosse nos escutar e vir correndo como uma louca para atacá-la. Sabia que isso não ia acontecer, mas eu também estava nos preparando para o sentido daquilo tudo. Minha mãe cantando era sinal de que ela estava feliz, e isso normalmente significava que ela achava que meu pai chegaria cedo em casa para o jantar.

Meu pai nunca vinha para casa para o jantar. Ele não fazia isso há mais de quatro anos, desde que tinha começado a dormir com a secretária. Mesmo agora que ele tinha um filho com essa outra mulher e que passava a maioria das noites com sua outra família, minha mãe ainda fingia que as coisas não tinham mudado.

Vi a garrafa de tequila vazia na mesinha de centro e olhei para Addy, que também estava olhando para ela. Esse era definitivamente outro mau sinal. Minha mãe agindo como louca era uma coisa. Minha mãe louca de bêbada era outra.

– Vá para o seu quarto e tranque a porta – sussurrei.

Ela olhou para mim com aqueles olhos grandes. Havia medo ali, mas também determinação. Ela balançou a cabeça.

– Não vou deixar você sozinho com ela. Se eu me trancar no quarto, você sabe que ela vai vir atrás de mim, e você vai brigar com ela, e ela vai bater em você.

Agora, eu era mais alto e mais forte do que minha mãe. Apanhar dela não me machucava. Mas se ela batesse em Addy, poderia quebrá-la. Eu nunca mais deixaria que aquilo acontecesse. Quando cometi o erro de ficar na escola depois do horário para fazer um teste para o time de basquete, Addy encontrou minha mãe bêbada em casa e acabou com um pulso quebrado. Eu ainda não tinha me perdoado.

– Não dói quando ela bate em mim. Mas não vou deixar que ela bata em você – disse eu baixinho. Não queria que ela nos escutasse. Queria que Addy estivesse trancada em segurança primeiro.

Finalmente, ela suspirou derrotada e concordou com a cabeça.

– Certo. Mas se ela começar a atacar você, eu saio.

– Não, Addy. Por favor. Por mim, fique lá dentro. Vou machucá-la, se precisar.

Eu não queria machucar minha mãe. Eu a odiava pela forma como tratava Addy. A odiava porque ela não conseguia ser normal, nem ser uma mãe. Mas não queria machucá-la fisicamente. Só queria nos manter bem longe dela. Também sabia que se a machucasse, ela me faria pagar por isso mandando Addy embora. Sem mim, Addy não teria ninguém para protegê-la da próxima vez. Tinha que mantê-la a salvo.

– Eu te amo – sussurrou ela para mim, com os olhos cheios de lágrimas não derramadas.

Vínhamos falando isso há um tempo agora, apesar de eu achar que isso significava algo diferente para ela. Eu estava apaixonado por Addy, mas ela não me olhava do mesmo jeito. Ela nunca deu em cima de mim nem tentou chamar minha atenção do jeito que as outras garotas faziam. Contudo, não podia evitar. Em algum lugar no meio do caminho, ela deixou de ser minha melhor amiga para se tornar a pessoa com quem queria estar para sempre. Éramos jovens, mas a merda com que tive que lidar me fez crescer rápido. Fez isso com a gente. Eu sabia o que sentia. Addy me tinha. Ela só não se dava conta disso.

– Amo você também – respondi, então balancei a cabeça em direção aos degraus que levavam para nossos quartos. – Agora vai. Vou lidar com ela. Você fica trancada lá.

Addy me deu um último olhar de súplica, mas apontei para as escadas, firme na minha decisão. Finalmente, ela se virou e foi para o quarto, que já havia sido um pequeno escritório do meu pai, em silêncio. Tínhamos outro quarto de hóspedes que poderia ter sido dado a Addy, mas minha mãe a colocou no menor quarto da casa. Muitas vezes, me perguntava se era porque este era o quarto que ficava mais longe do meu.

Com a porta dela fechada e trancada, fui até a cozinha encarar minha mãe bêbada e fora de si.

O cabelo dela estava lavado e recém-enrolado. Ela estava usando um vestido de praia e salto alto enquanto mexia em alguma coisa no fogão. Havia outra garrafa aberta no bar à sua esquerda, e uma taça de vinho cheia de tequila ao lado dela. Ela estava cantando alguma música antiga que dizia ser a música dela e do papai. Eu sabia que seria uma noite ruim.

– O que você está cozinhando? – perguntei, esperando que a distrair da ausência de Addy fosse funcionar.

Anunciar que eu estava em casa apenas a faria se lembrar de Addy, e ultimamente ela detestava Addy cada vez mais.

Ela se virou. O rímel preto escorrendo pelo seu rosto não era surpresa. Quando ela bebia tequila, normalmente chorava. Muito.

– Frango e bolinhos. O bebê adora frango e bolinhos – disse ela, sorrindo.

Merda. Ela estava de novo com aquela coisa do bebê. Desde que papai teve um filho com a secretária, às vezes, mamãe fingia que ela e papai também tinham tido um bebê. Era muita piração. Contei ao papai e pedi que ele tirasse Addy e eu de casa e que buscasse ajuda para a mamãe, mas ele sempre se esquivava. Ele não acreditava que era assim tão ruim. Mas ele nunca vinha para casa para ver o quão louca sua mulher havia ficado. Tudo que papai fazia era pagar as despesas e colocar dinheiro na conta da mamãe.

– Tenho dever de casa. Vou estudar. Que você e o bebê aproveitem o frango e os bolinhos – falei.

Se eu entrasse no jogo, ela costumava ficar calma. Foi quando tentei tirá-la dessa maluquice que ela descompensou.

– Nós vamos. Venha comer alguns com a gente quando papai chegar em casa.

– Claro, venho sim.

Então ela começou a soluçar, e eu congelei. Merda. Isso nunca acabava bem.

Rose

Eu não era de desistir, mas tinha jogado a toalha ontem à noite na hora da raiva, e agora eu precisava manter minha decisão. Portanto, teria que encontrar outro emprego. Estacionando a caminhonete próximo ao restaurante, me virei e olhei para Franny. Tinha que levá-la à consulta com o dentista hoje.

– Você fica aqui. Tranque as portas. Eu já volto – falei, antes de sair.

– Queria poder entrar e ver como é – disse ela, analisando a fachada do lugar.

Realmente era um prédio bonito. Arthur Stout não tinha economizado, isso era certo.

– Eu sei, desculpa. Mas não é um bom momento – expliquei.

Não queria contar a ela que estava me demitindo. Ainda não. Primeiro eu tinha que encontrar outro emprego. Minha garotinha podia ficar preocupada.

Fechei a porta e esperei até que ela a trancasse, então fui até a entrada. Precisava entregar minha carta de demissão. Imaginei que não teria boas referências dele mesmo, mas, ainda assim, queria fazer tudo certo.

– Pensei que estivesse se demitindo – disse Capitão, e me virei e o vi saindo de sua caminhonete.

Não o tinha visto estacionado lá, estava determinada na minha tarefa.

Levantei minha carta de demissão.

– Estou. Vim apenas para lhe entregar isso.

Mantive a coluna ereta. Ele não fazia ideia das esperanças e dos sonhos que havia destruído. Não apenas meus, mas de Franny. Ela nunca conheceria o pai agora, porque eu não confiava nele para ser o homem de que ela precisava.

Podia ver sua expressão por detrás de seus óculos escuros, mas, a essa altura, não importava. Sabia quanto ele era distante e frio. Ele provavelmente jogaria o papel no lixo assim que entrasse e nunca mais pensaria em mim.

– Você tem certeza de que quer fazer isso? – perguntou ele, me surpreendendo.

Parei. Por que ele estava perguntando aquilo? Ele tinha ficado bravo comigo na noite passada por algo que eu não havia feito.

– Você não é um chefe justo. Você não gosta de mim, e não sei bem o porquê. Trabalho duro e faço o melhor para ser o mais profissional possível. Mas na noite passada você foi...

– Errado – completou ele por mim. – Eu estava errado.

Fechei a boca e abri novamente, antes de fechá-la mais uma vez. Eu não sabia o que dizer. Tinha visto esse lado de Capitão antes, quando ele se desculpou por ter sido duro comigo quando Franny ficou doente. Mas tinha sido só aquela vez.

– Olhe só, Rose, não vou ficar aqui por muito mais tempo. O lugar está aberto agora, e vou treinar o novo gerente nas próximas semanas. Existe um atrito entre nós, mas você é uma boa funcionária. O lugar precisa de você. Só porque não trabalhamos bem juntos, não significa que você não vai trabalhar muito bem com o cara novo. Fique. Dê uma chance.

Ele iria embora em breve? O quê?

– Para onde você está indo? – perguntei, ignorando completamente o fato de que ele havia acabado de me pedir para ficar.

Ele deu de ombros.

– Ainda não sei. Apenas não aqui.

Não deveria importar. Mas importava. Pedir demissão era uma coisa, mas saber onde ele estava ajudava.

Eu não podia mudar o fato de que queria saber que River estava bem e seguro. Consegui passar dez anos sem saber onde ele estava, e todos os dias me preocupava e desejava que ele estivesse feliz.

Saber que ele havia se tornado esse homem tão diferente do garoto que amei era difícil, mas ao menos eu sabia onde ele estava. Que ele tinha família aqui. Queria ter aquela paz. Se ele fosse embora, perderia isso mais uma vez. E só porque meu River se tornara Capitão, não mudava o fato de que eu me importava. Sempre me importaria, porque eu sempre amaria River. Ele era parte de mim.

– Você parece bastante chateada com isso, Rose. Algum motivo em especial? – falou Capitão pausadamente, como se estivesse se divertindo.

Me forcei a parar de pensar nisso e fiz um sinal negativo com a cabeça. Não havia como explicar a ele. Mesmo se eu tentasse, havia uma boa chance de que ele me odiasse por tê-lo deixado sem nenhuma explicação por todos esses anos. Se ele rejeitasse Franny, bem, eu não conseguiria lidar com isso. Então, não disse nada.

– Mamãe, preciso usar o banheiro – falou Franny, e desviei o olhar de Capitão para minha filha.

Ela havia saído do carro e estava olhando para mim com uma cara de quem estava apertada.

– Tudo bem, claro. – Eu me virei de volta para Capitão, mas ele não estava olhando para mim. Estava focado em Franny. – Preciso levá-la para dentro, para ela ir ao banheiro. Tudo bem? – perguntei.

Ele não respondeu. Em vez disso, ficou lá, paralisado. Eu não tinha nem mesmo certeza se ele estava respirando. Nenhum músculo do seu corpo se mexia. Ele estava totalmente concentrado em Franny.

Ela arrastou os pés e nos olhou. O sorrisinho em seus lábios quando ela encontrou o meu olhar me pegou em cheio. Ah, meu Deus. Eu não havia pensado nisso.

– Por favor – insistiu ela, esperando que eu respondesse.

Meu coração estava batendo forte, enquanto eu sentia um misto de ansiedade e medo que fazia minha pele formigar. Não era assim que as coisas deveriam acontecer. Não na frente de Franny. Não agora.

– Juro que não estou inventando isso só para conhecer lá dentro – acrescentou Franny, enquanto começava a caminhar na minha direção. – Quer dizer, quero conhecer, mas eu realmente preciso ir.

Seus cachos louros, tão parecidos com meu cabelo natural, balançavam enquanto ela caminhava, e seu sorriso era quase idêntico ao meu. Seus olhos azuis dançavam com malícia, e tudo que eu podia fazer era esperar que ele não reparasse nisso também.

Ao me virar, pude ver que mesmo através de seus óculos escuros ele estava seguindo cada movimento dela. Não era esse o jeito que um homem reagia ao ver uma menina de 9 anos que não conhecia. Ele me viu – a sua Addy – nela.

Franny pegou minha mão e apertou. Ela sorriu para o homem silencioso que a observava.

– Oi. Eu sou Franny. Você trabalha com a mamãe, igual o Brad? – perguntou ela com inocência.

Houve um estremecimento com a menção de Brad, e o olhar dele finalmente se moveu de Franny para mim. Me senti exposta. Eu precisava me encobrir ou me esconder. Ele estava vendo muito, e eu nem tinha certeza se ele estava conseguindo juntar as coisas. Eu queria que ele fizesse isso?

– Quem é você? – disse ele, enfim, com sua voz grave.

– Sou Ann Frances, mas todo mundo me chama de Franny. Quem é você?

A inocência na resposta dela fez meus olhos arderem e meu estômago doer. Não era para ser assim. Não desse jeito.

Apertei a mão de Franny.

– Depois daquelas portas ali, vire à direita. Você vai ver o banheiro à sua esquerda.

Ela concordou com a cabeça antes de correr para dentro para ver exatamente o que queria ver. Assim que ela saiu, me virei para olhar para Capitão.

– Quem é você, Rose? – perguntou ele.

Quem ele pensava que eu era? Se viu as semelhanças entre Franny e a garota que fui um dia, não poderia ver pela cor dos meus cabelos, óculos e corpo maduro quem eu era também?

– Não entendi o que você está querendo dizer – respondi com cuidado.

Capitão respirou fundo e olhou em direção ao prédio.

– Aquela é sua filha?

– Sim.

Ele olhou de volta para mim.

– Então, quem é você?

Não ia dar isso a ele.

– Você tem todas as minhas informações no arquivo – lembrei.

Ele tirou os óculos escuros e seus olhos se comprimiram um pouco enquanto me analisava. Tentei não prender a respiração, mas não pude evitar. Havia uma parte de mim que queria que ele me reconhecesse. Mas a parte de mim que sabia que ele não era mais o meu River queria se manter escondida. Não apenas pelo bem de Franny, mas também pelo meu próprio bem. River quis me proteger, mas esse homem... não sei bem como sobreviveria a ele. Ele poderia me magoar de uma maneira da qual eu não conseguiria me recuperar.

– Tire os óculos.

As palavras de Capitão soaram como uma ordem, apesar de sua voz ter sido quase como um sussurro.

Olhei fixamente para ele. Desta vez eu estava paralisada. Agora ele me viu? Será que foi isso? Se eu tirasse os óculos, estava tudo acabado. Ele descobriria... e aí? Eu torceria para que ele aceitasse Franny? Para que aceitasse que escondi minha identidade por todos esses anos?

– Esse lugar é tão legal! – falou Franny com empolgação na voz.

Eu não poderia estar mais aliviada em vê-la. Desviando de seu olhar intenso, me virei em direção a minha filha na esperança de que o sorriso que estampei no rosto fosse suficiente para que ela entrasse no carro sem fazer perguntas.

– Vamos nos atrasar para o dentista. Precisamos ir – disse a ela da forma mais calma que consegui.

Mal podia conter o pânico em minha voz.

– Detesto o dentista – resmungou Franny, de repente perdendo a empolgação conforme lembrava para onde estávamos indo.

– Mas você quer continuar com seus dentes – lembrei a ela, como sempre fazia.

Eu estava mais do que ciente dos olhos que seguiam cada um dos nossos movimentos, mas, apesar de poder sentir o calor do seu olhar em cada centímetro do meu corpo, não olhei de volta. Continuei andando em direção ao carro, rezando para que ele apenas nos deixasse ir embora.

Franny se virou e acenou para ele, e eu fechei bem os meus olhos, desejando que minha filha não fosse assim tão simpática às vezes. Ela entrou no carro e eu fiz o mesmo.

Minhas preces foram atendidas. Ele nos deixou ir embora.

Capitão

Fui direto nos arquivos dos funcionários e peguei a pasta que continha a documentação de Rose Henderson. Li com bastante atenção suas informações pessoais, empregos anteriores e endereço. Ela tem o ensino médio completo. Não havia menção a nenhuma faculdade em sua vida. Ela trabalhava desde os 18 anos e possuía referências excelentes de todos os empregos que já tivera antes. Sobretudo da escola fundamental de Oklahoma, onde havia trabalhado recentemente como secretária.

Mas tudo isso era besteira.

Tirei o celular do bolso e liguei para a linha particular de Benedetto DeCarlo.

– Cap – foi seu único cumprimento.

– Preciso de informações sobre uma pessoa o quanto antes – disse a ele.

– Certo. Quem?

– O nome dela é Rose Henderson. Vou escanear a ficha dela e mandar para você agora mesmo. Preciso de tudo o que você puder descobrir sobre ela.

– Vou colocar meus homens nisso – respondeu ele.

– Não seus homens, você. Quero apenas você verificando isso. Mais ninguém.

DeCarlo ficou quieto por alguns instantes.

– Vai me dizer o porquê?

– Eu acho... – Caralho, eu acho... o que eu achava? Que aquela garotinha era igualzinha a Addy, mas o que isso podia significar? Addy tinha morrido. Então, quem era Rose? – Acho que ela tem alguma ligação com ela.

Eu sabia que ele entenderia. Havia apenas uma "ela" na minha vida.

– Retorno em algumas horas com as suas informações – disse ele antes de desligarmos.

Assim que escaneei os arquivos e os enviei para DeCarlo, me afundei na cadeira e fiquei olhando fixamente para os papéis nas minhas mãos. Tantas semelhanças. Será que eu estava me agarrando a qualquer coisa em desespero? Sim, Rose tinha a risada de Addy e, quando ela sorria, às vezes eu sentia como se eu tivesse levado um soco no estômago. Podiam ser coincidências, mas a garotinha se parecia com Addy. Era tão parecida com Addy que cheguei a ficar sem palavras. Ela era mais nova do que Addy quando a conheci, mas, ainda assim, era muito parecida com ela. Foi difícil respirar.

O olhar no rosto de Rose denunciava que ela estava escondendo alguma coisa. Caramba, ela praticamente fugiu de mim. Tinha alguma coisa estranha nisso tudo. Eu sabia que tinha. Não estava inventando essa merda toda. Quem era Rose Henderson?

◆◆◆

Eu não era bom em esperar. Memorizei cada palavra da ficha de trabalho de Rose. Repassei cada conversa que tive com ela. A noite que os meus sonhos com Addy voltaram foi depois da primeira vez que ouvi a risada de Rose. Então, por fim, a filha dela é igual a Addy. Havia uma conexão. Tinha que ter uma porra de uma conexão.

Ninguém conhecia Rose aqui. Exceto, possivelmente, Brad. Eu estava irritado de um modo irracional com ele porque ele estava próximo de alguém que de alguma forma estava conectado a Addy. Não fazia sentido, mas eu não gostava daquilo. Eu o queria longe dela.

Mas, agora, queria saber o que ele sabia sobre Rose. Talvez ela tenha dito algo que pudesse ser uma pista.

Fui direto para a cozinha, sabendo que ele estava lá. No momento que a porta se abriu, Brad levantou a cabeça.

– Precisamos conversar – falei, antes que ele pudesse começar a me falar sobre uma nova entrada que queria testar ou sobre quão boa era uma outra, afinal o cara não parava de falar sobre comida.

– Tudo bem – disse ele, com as sobrancelhas um pouco franzidas, enquanto largava a faca e limpava as mãos na toalha que estava pendurada na cintura de sua calça jeans.

– É sobre Rose. Você pode me encontrar no meu escritório? Não queria que ninguém mais escutasse isso.

Os olhos de Brad se arregalaram, e ele concordou com a cabeça.

– Claro. Ela está bem?

– Sim – respondi em um tom cortante.

Voltei ao meu escritório, e Brad me seguiu.

Assim que ele fechou a porta, não esperei que me perguntasse alguma outra coisa. Esse era o meu momento de fazer perguntas.

– De onde Rose é? Alguma vez ela falou sobre isso?

Brad franziu mais ainda a testa e em seguida fez que não com a cabeça.

– Não – respondeu.

– Alguma vez ela falou sobre alguma família a não ser sua filha?

– Ela não tem família. Ela foi adotada.

Ele disse essas palavras como se elas fossem um simples fato. No entanto, o impacto delas acabou com as dúvidas que eu tinha sobre algo em que não queria acreditar.

– Adotada – repeti, mas não era uma pergunta.

– Sim, ela disse que deixou o sistema quando tinha dezesseis anos, por causa de uma situação ruim. Mas não fala mais nada além disso. Ela se fecha muito rápido.

Sentei na beirada da mesa e agarrei o tampo com as duas mãos para não gritar de alívio ou de raiva ou qualquer porra que estava acontecendo comigo ali, agora. Isso não era real. Eu não podia acreditar.

– Ela fez alguma coisa errada? Ela é uma pessoa realmente boa e genuína, Capitão. Uma ótima mãe. E uma mãe solteira, diga-se de passagem. Nunca foi casada.

Queria ficar sozinho para poder ligar para DeCarlo. Mas eu tinha mais uma pergunta.

– Quantos anos a filha dela tem?

– Nove.

Caramba.

Addy

Quando chegamos em casa e vi que a caminhonete de Capitão não estava na calçada, sabia que não demoraria para que aparecesse lá. Levei Franny até a Sra. Baylor e expliquei que teria companhia mais tarde, me certificando de que Franny pudesse ficar com ela até eu voltar para pegá-la.

A Sra. Baylor pareceu preocupada, mas eu estava lutando tanto contra ansiedade, medos e incertezas que ficava impossível esconder. O melhor a fazer era afastar Franny de casa e lidar sozinha com a situação até Capitão aparecer. Eu precisava tomar uma decisão. Capitão sabia de alguma coisa. Ele estava ligando os pontos. Era bem provável que tivesse me reconhecido, mas que me odeie tanto que deixou que eu fosse embora. Conhecia bem o suficiente o homem no qual ele havia se tornado para saber que ele ia querer mais respostas. Eu esperava por suas perguntas mais cedo ou mais tarde.

Estava em casa há menos de uma hora e a caminhonete dele parou na entrada da garagem. Quando escutei o som de conchas esmagadas sob os pneus, sabia, sem precisar olhar, que era ele. Esperei na mesa da cozinha enquanto ele caminhava até a porta. Seus passos cessaram, e ele esperou um pouco até bater. Era isso. A hora da verdade. Lidaria com as consequências e manteria Franny o mais protegida possível.

Eu me levantei, respirei fundo e tentei acalmar meu coração acelerado. Em seguida, tirei os óculos e coloquei sobre a mesa. Não fazia sentido usá-los agora. Quando vim para cá, sabia que esse dia chegaria. Havia me preparado para isso por diversas vezes nos últimos anos. Mas, agora, me dei conta que a gente não consegue realmente se preparar para algo assim.

Nosso passado não era normal, assim como a maneira como eu amava River Kipling também não era. Ele havia sido minha âncora na tempestade até que precisei me libertar para salvá-lo. E o salvei. Porque eu o amava muito.

Quando abri a porta, cada lembrança que eu tinha de River tomou conta de mim. Cada momento bom, cada momento de mudança de vida, cada vez que ele fez com que eu me sentisse segura. Responder a este homem era uma dívida que eu tinha com aquele garoto. Dizer a ele a verdade. Toda a verdade.

Onze anos atrás

Eu me sentei curvada na cama enquanto lágrimas deslizavam silenciosamente pelo meu rosto. Pelas minhas bochechas sardentas e estúpidas. Eu detestava ter sardas. Detestava ser baixinha. Queria ser alta e bronzeada como Delany O'Neil. Então talvez River olhasse para mim do jeito que olha para ela.

Fechei meus olhos bem apertados, tentando lutar contra a imagem de hoje que estava na minha cabeça. River deveria estar esperando por mim para andar comigo até em casa, mas ele ainda não estava lá. Imaginei que, como saí da aula cedo, poderia encontrá-lo logo. Queria contar a ele que passei na prova de história para a qual ele me ajudou a estudar.

Não foi difícil achá-lo. Ele estava pressionando Delany O'Neil contra seu armário, suas mãos estavam nos seios dela e sua boca grudada na dela. Eu até vi a língua dela de relance – ou a dele, não tinha certeza.

Era difícil engolir tudo aquilo quando meu coração explodia em milhões de pedaços dentro do meu peito.

Delany estava com as mãos entrelaçadas nos cachos dourados de River, que eu sempre quis tocar, mas nunca toquei. Sua perna estava deslizando até os quadris dele, e quando ele moveu a mão para agarrar as coxas dela, não aguentei mais de dor. Cobri minha boca para silenciar o choro, me virei e fui correndo para casa.

A casa estava vazia. E eu estava grata por não precisar me preocupar em apanhar ou ser punida apenas por estar viva. Meu quarto era o único conforto que eu queria. Trancada dentro dele, sozinha. Eu e meu coração partido. Sabia que River gostava da Delany. Eu o vi observando a menina quando ela passava. Ele era bonito, e era apenas uma questão de tempo até que ela caísse na dele. Ele se apaixonaria logo por ela. Ele ia querer ficar com ela, e eu ficaria sozinha.

Pelo menos eu não precisaria me preocupar que ele se machucasse nem teria que ver sua mãe agindo feito louca. Ele teria uma folga disso quando estivesse com Delany. Eu só teria que aprender a conviver com isso e sobreviver enquanto ele não estivesse por aqui. Eu não o teria por perto para me proteger para sempre mesmo.

A maçaneta girou, e eu pulei antes que as batidas começassem.

– Addy, você está aí?

River estava com pânico na voz. Eu não havia dito a ele que estava saindo, mas imaginei que ele tivesse se esquecido de mim com Delany agarrada nele.

– Sim – gritei, me contraindo ao som da minha própria voz.

– Merda, você está bem? Por que você voltou sozinha? Ela te machucou? Porra, Addy, abra a porta.

Ele estava preocupado comigo. Ele estava sempre preocupado comigo. Eu era um fardo, e odiava isso mais do que minhas sardas. Funguei e esfreguei meu rosto, sabendo que ficaria vermelho e manchado.

– Por favor, Addy. Abra – implorou ele.

Eu me levantei e fui até a porta, desejando não ter que encará-lo. Ainda podia ver sua mão na Delany e sua língua na boca da garota. Abri a porta, me retraindo de ciúmes e nojo.

River entrou antes de eu terminar de abrir.

– O que aconteceu? – perguntou ele, segurando o meu rosto e me analisando de perto em busca de qualquer sinal de abuso.

– Nada – murmurei e me afastei dele, sabendo onde aquelas mãos haviam estado recentemente. – Está vendo? Eu estou bem. Você pode ir.

Apontei para a porta sem fazer contato visual.

– Até parece que você está bem. Você nem olha para mim. E desde quando você me expulsa do seu quarto? Addy, alguma coisa aconteceu, e eu quero saber quem é o merda em quem eu tenho que bater.

Ele estava sempre pronto para me salvar. A melhor amiga sardenta e baixinha que era apaixonada por ele.

– Em ninguém. Não é isso. Só estou emotiva – admiti.

Voltei para a minha cama para me sentar.

– Você nunca fica emotiva. Tem alguma coisa errada. Me fala.

Ele não se dava conta que não queria realmente saber o que havia de errado. Ele pensava que queria, mas na verdade não queria. Como ele ia lidar com aquilo? Eu não era uma garota que ele pudesse evitar. Eu estava na casa dele. Vivendo o mesmo inferno diário que ele vivia.

– Você confiaria em mim se eu dissesse que você não quer saber e que não tem como consertar? – perguntei.

Ele fez que não com a cabeça.

– Quero saber o que te faz chorar porque sei que posso dar um jeito.

Suspirando, puxei meus joelhos até o queixo e virei a cabeça para o lado oposto dele, olhando fixo para a parede. Iríamos ficar fazendo isso a noite toda. Ele não sairia enquanto eu não dissesse a ele. Ele saberia se eu mentisse para ele, porque ele me conhecia muito bem. Éramos parecidos em muitas coisas. Contar a ele machucaria a nós dois. Mas ele era meu melhor amigo, e se eu fosse ter dificuldade em me adaptar a isso, ele deveria estar preparado. Duvidava que esta seria a última vez que eu me encolheria e choraria por causa dele e de Delany. Ou de alguma outra garota.

– Eu vi você com Delany – sussurrei.

Assim que disse aquilo, desejei não ter falado. Esperava que ele não tivesse me escutado. Quando ele não

respondeu, pensei que talvez eu tivesse tido uma trégua e que ele tivesse perdido minha confissão. Fechando bem os meus olhos, prendi a respiração.

– Era por isso que você estava chorando? – perguntou ele, com muita delicadeza e em um tom que me dizia que ele se importava. Só fez com que eu me sentisse pior. Ele odiaria pensar que me fez chorar. Fui egoísta em contar para ele. – Addy, fala comigo. Foi por isso que você saiu da escola sem mim? E por que você está chorando agora?

River tinha 15 anos. Era popular na escola e, apesar de não jogar em nenhum time (mais uma vez por minha causa), as pessoas o amavam. Será que era tão errado que eu também tivesse me apaixonado por ele?

Sua mão tocou no meu braço e eu dei um pulo, mas não ia olhar para ele. Eu me sentia muito culpada. Era por culpa minha que ele não jogava em nenhum time, e agora eu estava fazendo ele pensar que não podia namorar ou então eu choraria como um bebê.

– Desculpa. Esquece isso. Juro que não vou reagir assim de novo – falei, com a maior convicção que consegui demonstrar.

Queria que ele acreditasse em mim.

– Me diz, Addy. Você está chorando por causa do que você viu? Eu e Delany?

Estremeci, detestando ouvir o nome dela e o dele na mesma frase. Mas ela era alta, bonita e popular. Eles tinham a ver. Eles combinavam.

River se sentou ao meu lado, mantendo a mão no meu braço.

– É isso. É por isso que você está chorando. Porque você me viu com Delany e isso te deixou chateada.

Agora ele não estava fazendo perguntas. Ele estava dizendo o que havia deduzido a partir do meu silêncio.

– Por que isso te incomoda? – perguntou ele. Sua voz era como um ruído baixo, ao passo que ele se aproximava de mim e que seus dedos acariciavam meu braço. – Você sempre conversou comigo. Não faz assim agora. Me diz, Addy. Por favor. Fala comigo.

A súplica desesperada em sua voz era minha ruína. Eu estava machucando ele, e ele não merecia isso.

Olhei para ele e meus olhos seguraram mais lágrimas não derramadas.

– Desculpa. Eu... eu sei que somos amigos e sei que você faria qualquer coisa por mim. Então isso não é justo, e eu não quero dizer para você porque não quero que se sinta mal por mim.

River não se mexeu. Os olhos dele imploravam para que eu continuasse, então continuei.

– Fiquei com ciúme. Foi difícil ver... – engoli, apesar da bola na minha garganta. – Eu não queria... Eu não quero... – Fechei os olhos. Não conseguia dizer aquilo olhando para ele. – Eu não quero estragar a nossa amizade, mas estou apaixonada por você. Pronto. Falei.

Antes que eu pudesse pensar em qualquer outra coisa, as mãos de River estavam mais uma vez segurando o meu rosto, mas desta vez era diferente. Havia uma intimidade que não estava lá quando ele queria conferir se eu estava machucada.

– Olha para mim, Addy.

Lentamente, abri os olhos e olhei bem nos olhos dele. Havia tanta emoção ali. Não conseguia interpretá-lo nem saber o que estava sentindo.

– Estou apaixonado por você já faz um tempo. Só não pensei que você sentisse o mesmo por mim.

– O quê? – perguntei, confusa.

Ele me deu um sorriso, e então se aproximou mais.

– Eu estou apaixonado por você. Você é tudo que importa para mim.

Franzindo a testa, olhei para baixo e tentei virar meu rosto para o outro lado, mas ele me segurou com um toque firme, porém suave.

– Vi você se importando bastante com Delany.

– Não, o que você viu foi eu agindo como um garoto. Não pensei que você quisesse ser mais do que minha amiga, então, quando Delany deu em cima de mim, aproveitei a chance. Eu não a amo. Ela já se ama o suficiente. Ela foi só uma distração.

– O quê? – repeti. – Você… você tocou os seios e as coxas dela. Eu vi a sua língua na boca de Delany.

River estremeceu, como se aquilo doesse nele.

– Odeio que você tenha visto aquilo. Mas eu nunca mais vou fazer isso. Juro por Deus. Se você me ama, Addy, então eu sou seu. Eu sou seu há anos.

Capitão

Ela não estava usando os óculos, e sem aquela armação tapando seu rosto eu podia ver seus olhos claramente. Olhos que haviam me assombrado por anos. Ela havia mudado a cor dos cabelos, mas aquele era o rosto de Addy. Apenas a versão adulta. Como eu podia não ter notado?

Porque eu não acreditava que ela estivesse viva. Nunca olhei para ela na esperança de ver Addy.

– Addy – falei, apenas para que ela confirmasse que eu não estava alucinando e que isso era real. Ela era real.

Ela se afastou da porta para que eu pudesse entrar.

– River – respondeu ela, e era a única resposta que eu precisava.

Todas as perguntas que me fiz no caminho até ali, quando ainda estava com medo de acreditar que Rose era Addy, se dissiparam. Eu não conseguia formar palavras. O melhor que consegui dizer foi:

– Como?

Addy fechou a porta assim que entrei e se virou para olhar para mim.

– Como o quê? Como eu encontrei você?

Me encontrou? Ela esteve procurando por mim? Haviam se passado dez anos. Balancei a cabeça. Sim, eu queria aquela resposta também, mas primeiro...

– Como você está viva?

Ela franziu a testa e me analisou por um instante, como se minha pergunta não fizesse nenhum sentido.

Será que ela não pensou que essa seria a primeira coisa que eu ia querer saber? Porra, eu pensava que ela estivesse morta há dez malditos anos. Se eu tivesse a mínima ideia de que estava viva, teria ido atrás dela. Eu a teria encontrado. Eu tinha esse tipo de poder com DeCarlo. Teria sido fácil encontrá-la, mas eu vi o que minha mãe havia feito com ela.

– Não estou entendendo a pergunta. Fui embora sem dizer nada porque estava protegendo você da sua mãe. De mim e do destino que você teria se eu ficasse. Na verdade, salvei a nós dois. Por que você achava que eu estava morta?

– Por que você iria embora? Você sabia que não precisava me salvar. Eu mantinha você a salvo, Addy, não o contrário. E pensei que você tivesse morrido porque minha mãe chegou em casa com uma arma na mão e sangue nas roupas. Ela admitiu ter matado você e jogado seu corpo em um lago, mas não falou o local. Você nunca voltou para casa. Eu esperava que ela estivesse mentindo, mas você nunca voltou. Você nunca me procurou. Fui até a polícia, e mamãe foi presa e enviada para um hospital psiquiátrico, onde acabou se matando. Porra, Addy, mandei drenar cada lago num raio de 160 quilômetros assim que tive o dinheiro e o poder para fazer isso. Queria que você tivesse um enterro digno.

Meu coração batia forte conforme eu deixava as lembranças e a dor tomarem conta de mim. Mas vê-la ali de pé era demais para mim.

– O sangue era meu – disse ela baixinho. Mas isso eu já sabia. Os policiais haviam confirmado. – Ela me buscou na escola naquele dia. Eu havia pedido à secretaria para chamar você, mas ela estava em um dos seus melhores momentos e explicou que não queria que o incomodassem em função da minha consulta médica. Então eu fui, apesar de saber que não havia nenhuma consulta médica. Ela me levou para fora da cidade e estacionou atrás de uma rodoviária. Então me perguntou quantas vezes tínhamos transado. Eu não quis falar. Ela estava com aquele olhar maluco, e eu sabia que, se contasse, ela iria descompensar. Então, eu disse que havia sido uma vez. Ela bateu no meu rosto e arrebentou os meus lábios. Então, me perguntou de novo, e eu

disse que foram três vezes. Ela me bateu de novo. Então, me perguntou de novo. Isso se repetiu por cinco vezes, mesmo eu mantendo a mesma resposta. Eu estava sangrando muito nessa hora, e ela jogou o dinheiro em mim, me disse para pegar um ônibus, ir embora e nunca mais voltar. Que eu podia estar grávida de um pirralho seu e que eu não iria manchar o nome dela nem o seu.

Addy continuou:

– Ela disse que o que fizemos era sujo e que ela não aceitaria aquilo. Se eu não fosse embora, ela me mandaria de volta para a adoção, e se eu estivesse grávida, eles tomariam o bebê de mim. Minha menstruação estava atrasada. Não tinha dito a você porque não tinha certeza se já era preciso nos preocuparmos, mas ouvir ela dizer que eu acabaria perdendo não apenas você, mas também o nosso bebê, foi o suficiente para me aterrorizar. Peguei o dinheiro e comecei a sair do carro quando ela agarrou o meu braço e o torceu até me fazer chorar. Então, ela disse que se algum dia eu tentasse te procurar, ela mataria nós dois. Eu acreditei. Mas quando pude ver as coisas de outra perspectiva alguns anos depois, descobri que ela estava em um hospital psiquiátrico. Só não consegui encontrar River Kipling em lugar algum. Apesar disso, nunca parei de procurar.

Porra. Sentei lá e fiquei ouvindo as palavras de Addy e não as questionei em nenhum momento. Minha mãe tinha sido louca, mas nunca pensei que ela tivesse deixado Addy ir embora. Que ela tivesse assustado Addy e a colocado para correr. Sempre pensei que sua loucura tivesse tirado a vida de Addy.

– Você tinha só 16 anos – sussurrei, com medo de escutar como ela havia sobrevivido, e se Franny... se Franny era minha.

Addy assentiu, mas seu rosto permaneceu tenso.

– Não foi fácil. Eu estava em um abrigo para sem-tetos, recebendo uma refeição gratuita, quando o cheiro dos nabos me fez vomitar. A esposa do ministro da igreja, que estava ajudando a servir, imediatamente veio até mim e me ajudou a me limpar. Deborah Posey foi minha salvadora. Ela descobriu que eu tinha 16 anos e me levou para dentro da casa dela. Foi ela que comprou o teste que confirmou que eu estava grávida. Eu queria ligar para você, mas o medo de perdê-lo e de perder o bebê... eu não podia fazer isso com nenhum de vocês. Deborah me deixou ficar com sua família até a barriga começar a aparecer e não ter como esconder. Eles eram batistas, do sul, e a congregação não aceitaria uma adolescente grávida vivendo na casa do ministro. Então ela me ajudou a conseguir um emprego em Oklahoma, onde a irmã dela morava, e foi lá que construí uma vida para Franny e para mim.

Odiar minha mãe era algo que eu já havia aceitado há muito tempo. Eu odiava meu pai da mesma forma, porém, pelo fato de ele ter nos deixado com ela. Ele não a ajudou. Mas, agora, saber que Addy havia passado por esse inferno me fez odiar ainda mais a mulher que me deu a vida. Tantas coisas poderiam ter acontecido com Addy. Tantas coisas ruins, e eu não estava lá.

– Ela é minha filha.

Eu precisava dizer em voz alta. Eu sabia que Franny era minha, mas ouvir Addy dizendo isso tornava o fato real.

Ela apenas concordou com a cabeça. Eu tinha uma filha.

Mas a mulher na minha frente era uma estranha agora. A garota que um dia amei e conheci melhor do que qualquer um era distante e reservada. Ela era forte e independente. Não precisava mais de mim. Ela também não parecia gostar muito de mim. Éramos estranhos, e a pontada que veio junto com aquela constatação me atravessou.

Quando eu não disse nada, Addy foi em direção à sala.

– Por que não nos sentamos? Posso servir uma bebida para você.

Não saí de onde estava. Addy estava tão mais calma sobre tudo. Mas, então, ela estava ali me observando, me conhecendo havia mais de um mês. Ela teve tempo para se adaptar. Eu a segui e me sentei na primeira cadeira que encontrei, mas não conseguia parar de olhar para ela. Eu deveria ter visto. No primeiro maldito dia em que ela entrou no restaurante.

– Seu cabelo... – disse eu, em um tom mais acusatório do que o necessário, mas, caramba, ela havia se escondido de mim.

Ela estava se escondendo bem na porra da minha frente.

Ela tocou os cachos escuros e sorriu para mim.

– Não queria entrar no seu mundo como Addy. Eu precisava ter certeza de que o homem que você havia se tornado era alguém que eu queria que Franny conhecesse. Ela tem perguntado pelo pai há anos, e eu estava procurando. Quando encontrei você, não quis trazê-la para a sua vida até saber que você a aceitaria ou se ela ia acabar magoada.

Por mais puto que eu estivesse, entendia. Ela era uma mãe amorosa e protetora. Coisa que nunca teve na vida. Coisa que nenhum de nós teve.

O fato de que ela não havia mantido minha filha longe de mim intencionalmente de certa forma aliviava a raiva, mas ainda assim eu me sentia roubado. Perder Addy me levou para um rumo que me tornou um homem muito diferente do garoto que a amou. Eu não era o cara que ela deixou para trás.

– Estou diferente. Fiz coisas que mudaram quem eu sou – disse, olhando para ela enquanto ela se sentava na minha frente.

Ela me deu um sorriso tenso e desviou o olhar.

– Sei que você está diferente. Eu vi.

Aquelas palavras fizeram com que eu sentisse que falhei. Eu lutei para sobreviver. Ela não sabia o que eu tinha suportado. Sei que a vida dela foi difícil, mas a minha também não foi fácil. Não teve nenhuma esposa de ministro da igreja para me ajudar. Eu tinha matado homens. Perdi a porra da minha alma porque a morte dela acabou comigo.

– Quero conhecer minha filha.

Não ia deixar que ela mantivesse Franny longe de mim. Se ela não estava satisfeita com o homem que viu, não estava tudo bem por mim. Eu tinha o direito de conhecer minha filha. De me envolver com sua vida.

Addy olhou para mim.

– Ótimo. Ela quer conhecer o pai dela.

Onze anos atrás

Bati uma vez na porta de Addy. Mamãe estava desmaiada de bêbada, mas eu ainda estava tomando cuidado para não fazer muito barulho e perturbá-la. Queria que ela continuasse desmaiada. Addy tinha ficado escondida no seu quarto, como eu disse para ela fazer, a noite toda. Nem tínhamos conseguido conversar sobre o dia. Além disso, eu só queria estar perto dela. Ela estava me deixando segurar sua mão na escola agora, e, ontem à noite, me deixou abraçá-la até que dormisse. Queria mais daquilo.

A porta se abriu lentamente, e Addy me deu um sorriso tímido antes de dar um passo para trás e me deixar entrar. Estar perto dela, sabendo que eu podia tocá-la, fazia com que eu me sentisse um pouco fora do eixo. Eu queria muito, mas não queria assustá-la. Não queria perder o que havia ganhado. Meu coração sempre batia mais forte quando eu estava perto dela.

– Acabei de terminar meu dever de casa – disse ela, caminhando até a cama para guardar seus livros.

Seus cabelos louros caíram sobre os ombros. Queria brincar com seus cabelos. Passar meus dedos por eles e ver como ficavam deslizando sobre minhas mãos.

– Você não precisa de ajuda com nada? – perguntei.

Ela ajeitou os livros na mesinha que ficava ao lado da cama e fez que não com a cabeça.

– Essa noite não. – Então ela se sentou e acariciou o lugar ao seu lado. – Parece que você vai sair correndo. O que que aconteceu?

Merda. Eu estava estragando tudo porque não conseguia ficar calmo perto dela. Minha imaginação ia longe. Eu tinha que controlar isso.

– Estou bem. Só não sabia se você queria que eu ficasse aqui essa noite ou não. – Meu Deus, faça ela dizer que sim.

Ela sorriu e abaixou a cabeça.

– Eu sempre quero que você fique – disse ela de maneira suave.

Meu coração parecia bater contra as minhas costelas. Respirei fundo. Calma. Eu tinha que ficar calmo, caramba. Eu me aproximei para sentar ao lado dela.

– Então, como foi a escola hoje? – perguntei, na esperança de não soar tão magoado quanto eu estava.

Ela se aproximou de mim e sua mão deslizou sobre a minha.

– Tudo bem. A mesma coisa de sempre.

Virei minha mão para cima para que as palmas de nossas mãos se tocassem e entrelacei meus dedos com os pequenos dedos dela. Até a sua pele pálida em contraste com a minha pele bronzeada me excitava. Isso ia me matar. Queria tanto dela e tinha que parar de pensar sobre como sua pele devia ser macia e doce por baixo das suas roupas.

– River – disse ela, se inclinando mais para perto de mim. Respire. Eu tinha que lembrar de respirar.

– Sim?

– Por que você não me beija?

Olhei para os seus olhos.

– O quê?

As bochechas dela ficaram um cor-de-rosa bonito.

– Por que você não me beija? – repetiu. – Eu sei que você gosta de beijar garotas, mas você não me beijou.

Minha calça jeans ficou extremamente apertada enquanto eu olhava para seu rosto lindo e inocente pedindo que eu a beijasse. Como se eu fosse me recusar. Não tinha certeza se conseguiria parar quando fosse o momento e impedir que minhas mãos fossem a lugares para os quais ela ainda não estava pronta.

– Eu estava esperando até que você estivesse pronta – disse a ela, com sinceridade.

Ela lambeu os lábios e a ponta de sua língua apareceu, me provocando.

– Eu estou pronta.

Esse seria o seu primeiro beijo e o meu último primeiro beijo. Porque assim que eu fizesse isso, nunca mais tocaria em outra pessoa. Apenas em Addy.

Addy

Tantas vezes, nos últimos dez anos, imaginei este dia. Quando eu veria River novamente e diria a ele por que fugi e contaria sobre Franny. Nenhuma vez aconteceu dessa maneira na minha imaginação. Porque tudo que eu tinha era a lembrança de River. Eu não conhecia Capitão. O homem que ele havia se tornado era uma pessoa com a qual eu não me importava.

Mas ele queria fazer parte da vida de Franny, e ela merecia isso. Ele não era um homem mau. Só não era o cara que eu conheci. Porém, eu também não era mais a garota que ele havia amado. Era difícil encarar isso, mas agora que eu o tinha aqui como River, não como meu chefe Capitão, tinha que lidar com isso.

– Ela sabe que sou o pai dela? Ou que o pai dela está nessa cidade? – perguntou ele, me olhando com atenção como se estivesse tentando verificar se eu estava mentindo.

Fiz que não com a cabeça.

– Ela não tem a menor ideia. Como eu disse, precisava ver quem você era agora antes de contar a ela.

Ele não gostava quando eu dizia isso. Eu sabia pela maneira como ele apertava os olhos, mas não estava aqui para ficar amiga dele. Franny vinha em primeiro lugar. Ele precisava entender isso.

– Quando podemos contar a ela?

Gostei que ele disse "nós", como se estivesse pronto para assumir um papel de verdade na vida dela. No entanto, eu estava acostumada a ser a única responsável por ela e parte de mim não estava preparada para dividir.

– Posso prepará-la hoje à noite, mas preciso fazer isso sozinha. Assim que ela entender por que eu a trouxe para cá e quis esperar para apresentá-la a você, então podemos nos encontrar. Nós três.

Ele concordou com a cabeça. Fiquei contente que ele não discutiu.

Ficamos lá, sentados em silêncio, sem olhar um para o outro. Havia um abismo entre nós que eu nunca imaginei que existiria. Ele havia sido minha alma gêmea, meu melhor amigo, e eu carreguei aquela memória dele comigo por todos esses anos. Doía simplesmente porque eu sabia que precisava me desapegar daquilo.

– Por que não consegui encontrar você, e por que você mudou o seu nome?

Eu havia contado tudo a ele, mas ele não me dissera nada.

– Papai se divorciou da mamãe quando ela estava presa e se casou com Carlotta, a secretária. Eu fugi. Deixei a cidade e não olhei para trás. Conheci um homem que me deu um emprego e um refúgio. Uma forma de lidar com meus demônios.

Era isso? Ele não ia me contar mais nada além disso?

– O que você fez? Você mudou o seu nome porque fugiu?

Ele fez que não com a cabeça e se levantou.

– Eu mudei porque queria esquecer o que River Kipling havia sofrido. Queria começar uma vida em que aquele passado pudesse ser esquecido. – Era isso. Era tudo o que ele iria dizer. Estendendo a mão, ele disse: – Me dá seu telefone. Vou colocar meu número nele.

Não questionei. Fiz como ele pediu. Ele adicionou o número nos meus contatos e me devolveu o telefone. Em pé, aguardei por mais alguma coisa, mas ele se virou e foi em direção à porta. Fiquei olhando até que ele parou e se virou para mim.

– Não aceito a sua carta de demissão. Fui um idiota naquela noite. Não vou mais fazer aquilo. Foi uma noite estressante, e Brad merecia ser repreendido, não você. Vejo você amanhã à noite, no trabalho. E converse com Franny. Já perdi tempo demais. Ligue para mim assim que ela estiver pronta.

Então ele abriu a porta e saiu sem esperar pela minha resposta.

Nunca imaginei que essa noite acabaria desse jeito.

Fui até a janela e vi Capitão entrar na caminhonete. Assim que ele foi embora, saí para buscar Franny na Sra. Baylor.

Decidi que Franny não iria para a escola e ficaria em casa no dia seguinte. Teríamos todo o tempo que ela precisasse para falar sobre Capitão. Sei que ela teria perguntas. Também sabia que ela iria querer conhecê-lo oficialmente o mais breve possível. Ela estava esperando conhecer o pai há um bom tempo.

◆◆◆

Comecei a fazer panquecas com gotas de chocolate, que são as favoritas de Franny, e enviei uma mensagem de texto para Capitão.

Vou conversar com Franny hoje. Ela vai querer vê-lo em breve. Me avise quando estiver disponível.

Ele levou apenas alguns segundos para responder.

Estarei pronto quando ela estiver.

Esse era River. Eu não tinha mais acesso a ele, mas talvez, por Franny, ele seria o cara que conheci um dia. O protetor que faria ou seria o que quer que ela precisasse.

Eu confiava nele. Apenas esperava não estar errada.

– Gotas de chocolate? – perguntou Franny com voz de sono.

Pude sentir a empolgação no seu tom.

– Sim – respondi, levantando o saco de chocolate.

– Oba! Eu sirvo o leite – disse ela, correndo para a geladeira.

– Boa ideia. Estas estão quase prontas.

Franny se concentrou em não derramar o leite, e eu terminei de fazer as panquecas. Assim que arrumamos a mesa, dei uma olhada no relógio, enquanto Franny encobria um bocejo e se afundava em uma cadeira.

– Hoje vamos passear, só eu e você. Nada de escola. O que você acha? – anunciei, um pouco animada demais.

Franny me analisou por um momento.

– Vamos nos mudar de novo? – perguntou ela, com medo na voz.

Balancei a cabeça negativamente e sorri.

– Não, mas quero conversar com você sobre uma coisa. Uma coisa boa. Portanto, vamos comer e então podemos conversar o tanto que você quiser.

Ela não pegou o garfo.

– Que coisa boa?

Eu não deveria ter dito aquilo. Ela era uma criança impaciente. Gostava de saber o final antes de ler um livro ou de assistir a um filme. O fato é que ela queria saber sobre o que era a conversa antes de tudo.

– Primeiro você come, depois conversamos – respondi, antes de dar uma mordida.

Franny olhou para suas panquecas e cedeu. Ela não podia resistir ao seu agrado favorito. Suspirei aliviada. Eu precisava de tempo para me concentrar e me preparar antes de dizer para minha filha que ela havia se encontrado com seu pai ontem pela primeira vez.

Capitão

Não dormi nada na noite passada. Quando voltei para o barco, peguei uma garrafa de uísque e tomei vários goles longos, antes de dar um soco na parede. Então, atirei uma cadeira e quebrei a perna dela. Eu me recostei e segurei a cabeça com as mãos, enquanto emoções enfurecidas me destruíam.

Addy está viva. Ela tem uma filha. Perdi todos esses anos. Matei homens e perdi cada pedaço da porra da minha alma, exceto o pedaço que ainda se ancorava no amor que sentia por aquela garota. Uma garota que eu nem sabia se ainda gostava de mim. Quem poderia culpá-la, porra?

Eu tinha sido um idiota. Me irritei quando sua filha – não, *nossa* filha – estava doente, e ela cuidou da menina sozinha. Puta merda! Minha filha. Ela estava cuidando da minha filha, e eu fiz ela sentir como se isso fosse um problema. Me deu um nó no estômago quando lembrei de cada conversa que tive com ela desde que ela voltou para a minha vida.

Olhar nos seus olhos na noite passada foi a minha ruína. Precisei sair daquela casa. Me afastar. Estive muito perto de cair de joelhos e implorar para que ela me perdoasse. O que poderia ter sido a melhor coisa a fazer. Mas eu era muito imaturo emocionalmente, não sabia se podia dizer muito mais.

Tirei o telefone do bolso mais uma vez para olhar para a mensagem simples que ela tinha me enviado, apenas para poder ver o nome dela na tela. *Addy*. Senti um aperto no peito e soltei um leve suspiro. Ela estava ali. Era real.

Eu havia ficado acordado tantas noites imaginando como seria nossa vida agora se eu tivesse estado lá para protegê-la. Ela era a principal razão da minha vida, para que eu lutasse. Cada batalha que lutei, cada erro que corrigi, foi por ela.

Mas para quê? Ela havia se afastado de mim. Eu tinha decepcionado Addy. Eu matei o cara que ela conheceu um dia. Agora eu era assim. O que havia sobrado. E eu nunca seria bom o suficiente para ela. Ela merecia muito mais.

Eu estive fora, em busca de justiça para os outros, enquanto a única pessoa no mundo que eu havia amado, ou com quem havia me importado, estava passando por dificuldades.

Eu não iria para o trabalho até que Addy ligasse. Não conseguiria. Tudo que eu conseguia fazer era ficar em pé no meu barco, segurando meu telefone perto de mim, esperando pela sua próxima mensagem.

Onze anos atrás

Meus pais estavam aos gritos um com o outro fazia mais de uma hora. Segurei Addy em meus braços, enquanto, deitados na cama dela, escutávamos em silêncio. Queríamos que meu pai fizesse alguma coisa, mas ele nunca fez. No entanto, isso não nos impedia de ter esperança.

Quando a porta bateu, os soluços da minha mãe ficaram mais altos, e pensei que ela fosse brigar com a gente. Mas então ela deu um grito, e a porta bateu de novo, enquanto ela ia atrás dele. Estávamos sozinhos agora. O silêncio na casa era tão sereno quanto aqui no quarto.

– Você acha que ela deveria dirigir? – sussurrou Addy, apesar de não haver ninguém em casa para nos escutar.

– Não, mas não tenho como impedir – respondi.

Provavelmente eu teria, mas isso significaria trazê-la de volta para casa, o que faria de Addy um alvo. Eu não queria fazer isso.

– Ele não vai voltar, vai? – perguntou ela, e havia medo em seu tom.

Nós dois sabíamos que se isso fosse para os tribunais, Addy seria levada de casa e encaminhada para algum outro lugar. Eu não deixaria que eles a levassem de mim. Quem sabe qual tipo de situação ela teria que enfrentar depois? Pelo menos aqui ela tinha a mim.

– Não, mas não vou deixar ninguém levar você embora – garanti a ela.

Ela se aconchegou mais para perto e levantou a cabeça para me dar um beijo no rosto.

– Eu te amo – disse, com suavidade.

– Eu te amo também. Sempre – respondi.

Eu estava sendo sincero. Eu a amaria para sempre.

– Promete? – perguntou ela.

– Juro por Deus.

Isso fez com que ela sorrisse, e eu adorava fazê-la sorrir.

– Você vai dormir aqui comigo?

Minha resposta era sempre sim.

– Sim, não preferiria estar em nenhum outro lugar.

Ela apertou meus braços com força.

– Me beija, por favor.

De novo, outro pedido que eu nunca recusaria.

Os lábios dela eram tão macios que me faziam querer ser cuidadoso, mas ela sempre apertava com mais força, tornando nossos beijos profundos, a ponto de eu me esquecer de tratá-la como se fosse frágil. Suas mãos subiram, deslizando sobre o meu peito, enquanto ela agarrava a minha camiseta e arqueava o seu corpo sobre o meu. Cada curva dela se apertava contra o meu corpo. Os seus seios fartos me provocavam porque eu ainda não havia tocado nela. Não de verdade. Mas, meu Deus, como eu queria, e a forma com que ela estava se esfregando em mim, eu sabia que ela queria também. Ela estava pronta.

Na escuridão do seu quarto, iluminado apenas por um feixe do luar que atravessava a única pequena janela que havia sobre a cômoda, estávamos protegidos em nosso mundo seguro. O mundo que criamos para esquecer o mal que nos rodeava. Não víamos nossos desejos como algo errado. Já tínhamos visto o que era errado e sabíamos que não era isso. O sentimento era muito genuíno. Nossos corações eram nossos guias. Já tinha estado com garotas quando era apenas uma questão de atração física. Eu sabia a diferença.

Lentamente, deslizei uma de minhas mãos por baixo de sua camiseta, e ela ficou imóvel, sua respiração pesada, conforme minha mão subia e afastava o seu sutiã para cobrir o seu seio direito. Ela estremeceu quando passei meu polegar sobre seu mamilo rígido. Eu precisava de mais. Puxando a parte da frente, libertei seus seios e levei minha outra mão até o seu peito, ficando com as duas palmas cheias. Addy rolou de costas e deixou escapar um gemidinho que fez o meu pau latejar instintivamente. Seus olhos se agitavam fechados, e ela arqueou as costas me dando mais, e eu peguei. Meu sangue estava pulsando tão forte que eu podia escutá-lo conforme tirava sua camiseta e a jogava no chão antes de tirar seu sutiã.

Seus olhos se abriram e ela olhou para mim em um misto de necessidade e dúvida.

– Você é linda – disse a ela, me inclinando para beijar seus lábios.

Ela se abriu para mim com tanta facilidade e me envolveu com seus braços. Seus mamilos duros, agora descobertos, pressionaram contra meu peito, e meu pau se contraiu mais uma vez. Dei início a uma trilha de beijos desde seu rosto até seu pescoço e então me detive por mais tempo em sua clavícula, antes de encobrir seus seios redondos e macios com minhas mãos. Mamilos rosa-claro, mais perfeitos do que qualquer coisa que eu já tivesse visto, ficavam ainda mais duros conforme minha boca se aproximava, e coloquei um em minha boca.

Addy gritou meu nome, e suas mãos foram para a minha cabeça e seguraram meus cabelos enquanto ela se contorcia embaixo de mim. Esta noite eu teria que parar por ali, mas sabia que era apenas o começo. Estou apaixonado por Addy já faz algum tempo, mas ela apenas me deu um gosto de quero mais. Nunca mais

vou querer outra pessoa que não seja ela. Isso era o mais próximo do céu que qualquer homem poderia chegar.

Addy

Franny me encarou sem dizer uma palavra. Eu estava preocupada de ter me precipitado ou que não tivesse pensado direito sobre o assunto ou que ela ficasse chateada por eu ter mantido isso em segredo desde que estávamos aqui.

– Então... ele quer me conhecer também? – perguntou ela finalmente, com os olhos arregalados de curiosidade.

Esse tinha sido seu único pedido durante muito tempo. Ter essa oportunidade diante dela devia ser avassalador. Soltei o ar que estava segurando quando me dei conta que o silêncio dela não era porque estivesse com raiva. Ela estava ganhando algo que queria desesperadamente.

– Sim, ele quer. Muito. Ele não fazia ideia que você existia. Houve um mal-entendido que nos manteve separados, e eu levei muito tempo para encontrá-lo. Mas ele está feliz que eu o encontrei. Ele quer conhecer você também e fazer parte da sua vida.

Ela torceu o nariz.

– Você quer dizer... da nossa vida?

Não... não da nossa. Somente da dela. Soube disso a partir da nossa conversa na noite passada e por tê-lo observado nos últimos meses. Ele não estava interessado em me conhecer. Eu não era atraente para ele agora. As pessoas que fomos um dia não existiam mais. Não de verdade.

– Ele quer conhecer você, querida. Você é filha dele. Nós nos amamos muito um dia, e você foi concebida a partir deste amor. Mas nós crescemos e mudamos desde aquele tempo. Não temos mais aquele sentimento.

Franny concordou com a cabeça, como se tivesse entendido, mas eu podia dizer pela expressão do seu rosto que não tinha. De jeito nenhum. Quando se tem 9 anos, muitas coisas são difíceis de entender. Especialmente coisas com as quais sua mãe tem dificuldade de lidar.

– Você vai estar lá quando eu for conhecer ele?

– Sim – garanti a ela, que pareceu aliviada.

– Certo. Quando?

Sabia que isso ia acontecer. Quando ela decidia alguma coisa, queria que fosse na mesma hora.

– Ele disse que estaria pronto quando você estivesse – respondi.

Franny respirou fundo e fez que sim com a cabeça.

– Estou pronta.

Era isso. Todos esses anos imaginando, e era isso. River entraria na vida de sua filha. Eu quis isso por tanto tempo. Franny merecia isso.

– Certo.

Peguei o telefone e mandei uma mensagem de texto para Capitão.

Ela está pronta.

Não levou trinta segundos para que ele respondesse.

Você quer que eu vá até aí, ou seria mais fácil para ela se nos encontrássemos para um sorvete ou algo assim?

Olhei para Franny, que estava me observando e mordendo o lábio inferior com nervosismo.

Sorvete seria bom, acho.

Ele respondeu imediatamente.

Me encontrem no Sugar Shack quando estiverem prontas. Vou estar esperando.

Isso estava indo muito rápido. Ele mal vira Franny no dia anterior, e havia sido totalmente por acaso. Agora ele iria conhecê-la e se tornar oficialmente parte da vida dela. Olhei para minha filha. Havia a possibilidade de que isso me machucasse, mas eu passaria por qualquer sofrimento por ela. Se eu pudesse apenas me lembrar de que Capitão não era meu River. Não mais. Esperava poder confiar no meu coração para compreender o que minha cabeça já tinha entendido. Eu não teria River de volta.

– Vamos encontrá-lo no Sugar Shack para um sorvete – disse a ela com um sorriso.

Ela fora lá uma vez. Foi um agrado que fiz quando recebi meu primeiro salário, depois de nos mudarmos para cá. Era uma sorveteria pequena e pitoresca, repleta de todos os doces possíveis, bem na beira da praia.

Ela bateu palmas e pulou.

– Vou me vestir.

Eu a observei voltar correndo para o quarto na esperança de estar fazendo a coisa certa. Se isso a fazia feliz, tinha receio de também a estar expondo a potenciais dores. Mas precisava manter minha decisão. Meu instinto me dizia que, independentemente de qualquer coisa, Capitão estaria lá para ela. Ele pode ter mau gosto para mulheres, mas isso era algo sobre o que eu conversaria com ele depois. Franny deveria ser a garota mais importante da vida dele agora.

Onze anos atrás

Vi, de uma certa distância, Delany dando em cima de River. Como eu possivelmente seria expulsa de casa se algum professor notasse que River e eu éramos um casal, não agíamos de forma diferente na escola. Queria segurar a mão dele, mas sabíamos que se alguém contasse aos pais dele, eles me mandariam embora. Então, eu seria encaminhada para um abrigo para meninas até completar 18 anos. Esses lugares tinham uma péssima reputação, e eu nunca mais veria River.

O mais difícil era ver garotas dando em cima dele. Ele nunca correspondia e sempre mantinha distância, mas ainda assim era difícil. Fiquei pensando se ele não começaria a me odiar por levar uma vida tão difícil com a minha presença. Não queria ser um fardo, mas eu também não colaborava. A mãe dele ficava louca sempre que eu estava por perto, então ele tinha que me manter longe dela. Como eu não podia ser uma namorada normal, ele não conseguia me levar para festas, o que significava que ele também não ia a festas.

Delany tocou no peito dele, e eu parei de respirar, olhando e desejando poder sair dali e confiar nele. Mas era mais do que confiança. Eu queria ver o rosto dele. Ver se ele também a queria. Era tudo o que eu tinha para me tranquilizar.

Aqueles lábios carnudos dele, que eu amava tocar, a rejeitaram com nojo conforme ele pegava a mão dela e a retirava do seu peito enquanto se afastava. Eu estava muito longe deles para escutá-lo, mas ele parecia irritado. O aperto no meu peito, que eu sabia se tratar de ciúmes, lentamente se dissipou, e comecei a me virar para ir embora quando os olhos dele encontraram os meus.

Fui pega. Desejava ter ido embora mais cedo. Não queria que ele pensasse que eu o espionava. Isso também não era justo. Ele não precisava ter que me aguentar observando cada movimento que fazia. Ele deu um sorrisinho para mim e então começou a vir na minha direção. Eu poderia fugir agora para não ter que confrontá-lo, mas ainda teria que encarar aquilo mais tarde.

Delany o chamou, e ele não olhou para trás. Fui atingida pelo olhar de ódio dela, antes que ela desse meia-volta com seus saltos e saísse com raiva. Não me importava que ela pensasse que River estava comigo. Ela não poderia nos prejudicar.

– Gostou do show? – perguntou ele, com o sorriso sendo suavizado por suas palavras.

Senti minhas bochechas esquentarem e abaixei a cabeça, sem conseguir olhá-lo nos olhos. Estava me sentindo culpada, e era constrangedor.

– Me desculpe. Estava só passando por aqui e vi você... – Parei de falar.

A mão dele roçou a minha, o único contato que ousávamos ter na escola além de conversar.

– Você é minha garota, Addy. Você sabe disso. Não quero mais ninguém. – A voz dele estava baixa, um

sussurro rouco.

Eu me sentia quente por dentro. Somente River fazia eu me sentir assim. Antes dele, não sabia que você podia sentir como se um dia de verão estivesse pulsando através de cada membro do seu corpo, completo, com pôr do sol e limonada.

– Eu sei. Eu só... eu estava... me desculpe – disse eu, por fim.

Não havia mais nada que eu pudesse falar. Ele sabia por que eu tinha ficado olhando para ele. Eu não ia mentir.

River riu.

– Imagino que se sua garota sente ciúmes, é porque ela gosta de você tanto quanto você gosta dela. Se ela parar de sentir ciúmes, é porque ela gosta de outra pessoa. Aceito os ciúmes. É bonitinho.

Sorrindo, olhei nos olhos dele.

– Eu ia dizer que não estava com ciúmes, mas se é assim que você vê, então eu estava com muitos ciúmes – sussurrei para que ninguém pudesse me ouvir.

River piscou.

– Ótimo. Porque qualquer cara que olha para você me deixa louco de raiva. Vamos para a aula.

Caminhei ao lado dele de volta para o corredor, com meu peito tão estufado e cheio de amor que me pergunto como não explodi ali mesmo.

Capitão

Sentei em um banco do lado de fora do Sugar Shack, aguardando pelo carro de Addy. Cheguei dez minutos depois que ela me enviou a mensagem de texto, sabendo que elas ainda poderiam demorar uma hora, mas não ia deixar que elas chegassem antes de mim. Eu queria isso. Também precisava ver Addy de novo, porque eu tinha sido péssimo na noite passada. Mal consegui falar ou explicar alguma coisa. Fiquei tão distraído com ela sentada na minha frente e sabendo que era ela.

Depois de ficar bêbado e de colocar para fora minha raiva e frustração sobre quão injustas acabaram sendo nossas vidas, estava pronto para ver nossa filha. Estava pronto para vê-la como minha. Saber que tínhamos feito uma criança durante o melhor e mais feliz momento das nossas vidas de alguma forma amenizava as lembranças ruins. Franny fez tudo que aconteceu depois valer a pena.

Apenas gostaria de ter estado lá. A vida que eu e Addy havíamos imaginado, abraçados na cama dela, nunca aconteceria, mas ao menos eu tinha isso. Eu tinha uma parte dela que também era minha. Compartilhávamos alguma coisa – não, compartilhávamos uma *pessoa*. O produto do único amor que eu experimentei de verdade.

A ideia de que Addy possa ter amado novamente era como se uma faca estivesse atravessando minha barriga. Tive outras mulheres, mas nunca entreguei meu coração a mais ninguém. E se ela tivesse entregado? E se eu não tiver sido seu único amor, apenas o primeiro? Será que eu conseguiria lidar com esse tipo de informação? Cacete, não. Eu teria que beber mais, porque quando se tratava de Addy, eu era irracional.

Avistei seu carro assim que ele entrou na pequena rua e me levantei para que ela pudesse me ver. Era isso. Eu ia conhecer minha filha. Também era minha chance de mostrar a Addy que eu não era um imbecil sem qualquer tipo de sentimento.

O carro parou em uma vaga a alguns metros de distância, e pude ver aqueles cabelos louros, tão parecidos com os de sua mãe. Ele se destacava, assim como o de Addy sempre se destacou. Addy se virou e disse alguma coisa para ela, e Franny concordou com a cabeça antes de elas abrirem as portas e saírem do carro.

O rosto de Franny me observava em um misto de expectativa, medo e emoção. Ela era tão transparente quanto Addy. Estava começando a pensar que ela não tinha puxado nada de mim, mas ter uma filha que era uma réplica perfeita de Addy não era ruim – ou, pelo menos, não seria até ela ter idade suficiente para namorar. Então, eu teria que me certificar de que os meninos soubessem como eu era bom com as armas.

O pensamento me fez fechar a cara, e Franny parou. Percebi o que eu estava fazendo e afastei o pensamento, colocando um sorriso no rosto para não assustar minha filha. Ela relaxou um pouco e pegou a mão de sua mãe antes de chegar até mim.

Desviei o olhar para Addy, que estava com seus longos cabelos vermelhos para o lado, presos em um rabo de cavalo baixo. Seus ombros estavam descobertos e sua pele clara exibia algumas sardas. Eu costumava provocá-la com isso enquanto beijava cada uma delas, coisa que sempre a fazia rir.

O azul-claro de sua camiseta combinava com seus olhos, fazendo-os brilhar ainda mais quando ela olhou para mim. Havia neles um leve sinal de alerta, mas também confiança. Ela estava confiando em mim para que eu entrasse na vida de Franny, mas eu podia ver que era uma mãe protetora. De novo, algo que nossos pais nunca foram. Adorava o fato de ela garantir que nossa filha tivesse aquilo que sempre quisemos ter. Agora, eu poderia garantir que Franny receberia isso de nós dois.

– Oi, Capitão – disse Addy, com um pequeno sorriso. – Franny provavelmente tem muitas perguntas para

fazer a você. Espero que esteja preparado para uma garotinha curiosa. Mas vamos pegar um sorvete primeiro para então nos conhecermos. Vamos com calma.

Ela estava no controle, e tudo bem. Ela sabia o que deixava Franny à vontade. Mesmo se eu quisesse ficar encarando Franny e perguntar a ela sobre a escola e sua música preferida e qual tipo de filme ela gostava, ainda não era o momento.

Concordei com a cabeça e tentei tranquilizá-la com um olhar de que eu não iria estragar as coisas. Queria manter aquela confiança que ela depositou em mim. Também queria ver Franny feliz.

Entramos, e Franny levantou a cabeça e olhou para a mãe.

– Do que você vai querer?

– De menta – respondi por Addy, lembrando que ela sempre escolhia esse sabor.

Sempre que podia, eu pegava dinheiro da bolsa da minha mãe e a levava para tomar sorvete depois da aula.

Os olhos de Addy se arregalaram e ela olhou para mim antes de se virar para Franny.

– Ahn, de menta – repetiu ela.

Franny deu um sorriso largo para nós dois.

– Ela sempre pede esse. Toda vez eu acho que ela vai mudar de ideia. Mas ela nunca muda – explicou Franny, enquanto olhava para os diferentes sabores.

– E você nunca repete o mesmo sabor – disse Addy, que em seguida deu uma olhada para mim. – Como uma outra pessoa que conheço – sussurrou ela, sorrindo. Ela não só estava me mostrando que lembrava que eu gostava de experimentar todos os sabores, como também que nossa filha tinha alguma característica minha. Franny podia ser uma miniatura de Addy, mas tinha sua própria personalidade. Eu já podia dizer.

– Eu quero o pralinê de noz-pecã. Dentro dele tem pedaços de noz-pecã. Está vendo? – disse Franny, apontando para o sorvete.

– Tem preferência por alguma casquinha? – perguntei a ela.

Ela virou o rosto animado na minha direção.

– Eu gosto de casquinha de waffle.

Eu já sabia do que Addy gostava. Me virei para o garoto que estava aguardando para atender nossos pedidos.

– Duas bolas de pralinê de nozes na casquinha de waffle, duas de menta na casquinha de açúcar e uma bola de cada um na casquinha de waffle.

– A mamãe nunca pede duas bolas para a gente – disse Franny, olhando para sua mãe com os olhos bem abertos.

– Tudo bem. Hoje é um dia especial – assegurou Addy.

Senti o olhar de Addy em mim e o encontrei com o meu.

– Você não gosta de sorvete de menta – disse ela de forma natural.

Até certo ponto, isso era verdade. Mas, nos últimos dez anos, sorvete de menta era só o que eu tomava. Contudo, eu não ia contar isso a ela. Em vez disso, dei de ombros.

– Sou corajoso.

Ela sorriu e balançou a cabeça, antes de pegar a casquinha cheia de pralinê de noz-pecã que o rapaz estava entregando sobre o balcão.

– Aqui está, querida. Vamos encontrar um lugar legal na sombra para comer isso.

Franny correu para a porta enquanto tomava seu sorvete, e Addy se virou para mim.

– Eu pago pelos nossos.

Era só o que me faltava.

– Eu cuido disso – falei, então peguei a casquinha dela com o rapaz e entreguei a ela. – Vá ajudar Franny a encontrar um lugar.

Addy me analisou por um momento, deu um pequeno aceno com a cabeça e fez como eu pedi.

Addy

Ele estava diferente. Esse não era o homem que eu havia conhecido durante o último mês. O homem do último mês era duro e frio. O fato de ele se lembrar do meu sorvete favorito pode ter mexido um pouco comigo. Era como se, por um momento, eu tivesse River de novo. Embora eu não quisesse criar expectativa ou ter esperança. Mas eu estava feliz por Franny, porque este era o homem que ela iria conhecer.

– Ele é muito alto – disse Franny baixinho. – Ele parece forte.

Alto e forte. Era isso que ela pensava até agora. Sorri enquanto sentávamos em uma mesa redonda com um enorme guarda-sol fazendo sombra.

– Ele também pagou o nosso sorvete. Isso é legal.

Concordei com a cabeça.

– Ele é bom.

No fundo, eu sabia que ele era.

Franny sorriu e deu uma lambida no sorvete.

– Ótimo lugar – disse Capitão, enquanto puxava uma cadeira do outro lado de Franny e na minha frente. – O sorvete é bom? – perguntou, olhando para Franny.

Ela limpou a boca com a parte de trás da mão enquanto concordava com a cabeça vigorosamente.

– Eu adoro este lugar. Já viemos aqui uma vez, quando nos mudamos para cá, para comemorar. Mas é muito caro, então não viemos mais.

Eu queria me enfiar debaixo da mesa e sumir, mas eu não tinha nada do que me envergonhar. Franny não era uma criança desprivilegiada. Ela tinha uma vida boa, e eu dei isso a ela. Fiquei com a cabeça erguida, como se o que ela tivesse dito não fosse nem um pouco constrangedor para mim.

– Tomar sorvete a toda hora acaba com a emoção. Perderia a graça. Tomar apenas de vez em quando faz com que o evento seja sempre especial – disse Capitão.

Eu podia sentir o olhar dele para mim, então tirei os olhos da minha casquinha. Ele me deu um sorrisinho e lambeu seu sorvete.

– Mamãe disse que você costumava levá-la sempre para tomar sorvete. Então perdeu a graça? – perguntou Franny com total sinceridade.

Ao longo dos anos, toda vez que perguntava pelo pai, ela me pedia para contar alguma coisa sobre ele. Ela se lembrava de cada história. Voltei os olhos para o meu sorvete. Esperava que ele compreendesse que não enchi a cabeça dela de ideias por ter esperança de que algo fosse acontecer entre a gente. Apenas fui falando sobre ele ao longo do caminho.

– Sim, levava, e nesse ponto você tem razão. Nunca perdeu a graça – respondeu Capitão.

– Era o que eu achava. É muito gostoso. Nas quartas-feiras, temos sorvete no almoço na escola. Mas não tem o mesmo gosto, e é só de baunilha ou chocolate.

– É mesmo? – Capitão a escutava atentamente, e ela estava aproveitando toda aquela atenção.

– Então, às sextas-feiras, comemos cupcakes para comemorar os aniversários da semana e, às vezes, comemos red velvet. É o meu preferido. Só a minha amiga Anna prefere os de chocolate, então, a semana preferida dela não é a mesma que a minha e...

Franny tinha a atenção do pai e estava empolgada. Eu me recostei na cadeira e saboreei meu sorvete, enquanto nossa filha contava a Capitão tudo o que ele poderia querer saber sobre sua vida. Ela mal respirava.

Os únicos intervalos que ele tinha eram quando ela precisava lamber o sorvete e, mesmo assim, duravam bem pouco.

Fiquei olhando para o mar, mas, de vez em quando, dava uma espiada em Capitão para ver como ele estava se saindo com uma garotinha de 9 anos tão falante. Todas as vezes ele parecia estar fascinado. Como se não houvesse nada que ela pudesse falar que fosse deixá-lo entediado. Ele concordava com a cabeça e dizia as coisas certas na hora certa. Isso só deixava Franny ainda mais agitada. Tinha a sensação de que ela estava guardando tudo aquilo para este dia.

A forma como ele interagia com ela deixava claro que eu havia errado por não ter contado sobre ela antes. Esconder isso dele tinha sido a minha forma de protegê-la, mas eu realmente pensava que o coração que conheci um dia pudesse estar tão diferente dez anos mais tarde? Mesmo que ele tivesse mudado e endurecido um pouco, sua bondade e instinto protetor ainda estavam lá. Sabia que Franny tinha acabado de se tornar uma das garotinhas mais sortudas do mundo.

Porque quando River Joshua Kipling decidia que você era merecedora, ele fazia de tudo para protegê-la.

Dez anos atrás

Ela estava gritando, e podíamos ouvi-la lá de fora. River parou diante da porta e colocou a mão na minha frente, me segurando.

– Vá para o nosso lugar na lagoa. Vou dar um jeito nela e depois encontro você lá.

Se eu não entrasse naquela casa, ela ficaria furiosa. Ele sabia disso. Semana passada, ela jogou um copo na cabeça dele quando ele me mandou ir para o quarto e trancar a porta. Não ia deixar ela fazer isso de novo. Felizmente os reflexos dele não o deixaram ser atingido.

– Não, eu vou entrar. Ela tem ameaçado me mandar embora há semanas. Não quero dar a ela um motivo.

Sabia que usar o meu medo de deixá-lo seria a única maneira de fazê-lo concordar.

– Não vou deixar ela fazer isso.

– River, você não tem como impedir.

– Ela não vai mandar você embora porque ela sabe que se fizesse isso, eu a denunciaria. Eu ligo para o serviço social. E vou embora também. Ela sabe disso. Não vão tirar você de perto de mim.

A determinação na voz dele fez com que me sentisse segura, muito embora eu estivesse parada do lado de fora de uma casa que tinha uma mulher louca e furiosa dentro.

– Ela está no telefone com o papai – disse ele, abaixando a mão para apertar a minha. – Vá para a lagoa, por mim.

Balancei a cabeça.

– Não. Não vou deixar você aqui.

River suspirou e então se virou para me olhar de frente, colocando as duas mãos nos meus ombros. Agora ele me olhava do alto do seu 1,82 metro de altura.

– Addy, por favor. Eu consigo lidar com ela e acalmá-la. Mas se ela machucar você, eu machuco ela. Não quero machucar a minha mãe. Ela precisa de ajuda. Preciso entrar lá sabendo que você está segura.

Fiquei olhando para ele fixamente, desejando que ele não tivesse razão.

– Detesto que você tenha que lidar com ela sozinho. Detesto ser o motivo.

Ele me puxou para perto dele e aproximou a boca do meu ouvido.

– Você é a minha razão de tudo.

Então me deu um beijo na bochecha e se afastou.

No meio daquele momento insano, eu sentia um frio imenso na barriga. Mas ele sempre provocava isso em mim.

– Não consigo me lembrar como era minha vida antes de você – disse a ele, com sinceridade. – E nem quero me lembrar.

Ele deu um sorrisinho.

– Eu me lembro como era a minha, e não quero nunca mais viver sem você.

Capitão

Depois de nossa ida à sorveteria, Addy concordou em levar Franny para jantarmos juntos dali a três dias, na sua noite de folga. Estava tentando dar às duas tempo para se adaptarem a minha presença em suas vidas, mas com toda certeza eu não queria esperar demais. Ver Franny conversar foi fascinante. Ela era cheia de energia, e senti como se tivesse uma vida inteira para compensar com ela.

Tinha uma pilha de papéis na minha mesa esperando por mim, mas eu não estava com a cabeça no trabalho. Minha cabeça estava nas duas garotas da minha vida. As duas únicas que eu amaria para sempre.

Uma batida na porta interrompeu meus pensamentos.

– Entre – disse eu.

Brad abriu a porta e entrou. Eu tinha deixado uma mensagem para que ele viesse falar comigo. Tinha algo que precisávamos conversar, e a cozinha não era o local para fazer isso.

– Oi, você me chamou? – perguntou ele, com cara de quem tinha acabado de sair da cama.

– Noitada? – perguntei, esperando que ele dissesse sim.

Queria que sua atenção não estivesse voltada para Addy.

Ele concordou com a cabeça.

– Sim, fiquei acordado até tarde testando uma nova ideia para o cardápio. Precisei fazer três vezes, mas acho que consegui. Vou fazer hoje e deixo você experimentar.

O cara era obcecado por comida, mas era isso que fazia dele o melhor.

– Faça isso – respondi. – Feche a porta e se sente.

Hoje o novo gerente estava vindo para o restaurante, o que me daria mais tempo para passar com Franny. E a mãe dela. Porque eu tinha intenção de passar tempo com Addy. Mesmo que ela parecesse estar com dúvidas em relação a mim.

– Brad, qual é a sua relação com Ad... quer dizer, Rose? – corrigi rapidamente.

Chamá-la de Rose era difícil agora. Lembrar disso no trabalho seria complicado. Explicar a troca de um nome para todos não seria fácil.

Brad franziu a testa e se mexeu na cadeira.

– Ainda não é nada. Quer dizer, acho que somos amigos. Gosto de passar tempo com ela. Isso é contra a política da empresa? Como você estava saindo com Elle, imaginei que não houvesse problema.

De nervoso, ele logo se colocou na defensiva.

– Não, não é contra a política, mas vou pedir para você desistir de conquistar Rose.

Ele franziu ainda mais a testa.

– Por quê?

Porque ela era minha Addy, e eu não queria ele perto dela e a fazendo dar risada, porra.

– Porque você é responsável por uma cozinha de primeira classe. Você não tem tempo para paquerar as atendentes. Rose tem uma filha. Ela precisa se concentrar nisso quando não está aqui. Então, desista.

Brad me encarou por um tempo, então se mexeu para se levantar.

– Não sei como ser amigo dela e encontrá-la depois do trabalho poderia atrapalhar essas coisas. Ela é a melhor atendente que temos, e você sabe disso. Ela não deixa nada atrapalhar isso.

Ele precisa desistir. Apertei minhas mãos com força enquanto olhava para ele.

– Não me faça perder a paciência – falei, baixando o tom de voz para enfrentá-lo.

– Você gosta dela? É isso? Porque, da última vez que conversamos, ela não era o seu tipo. Você prefere as

Elles da vida. E Rose não é como Elle. Nem perto...

Eu concordava totalmente com ele.

– Estou cuidando dela. Só isso. Pode sair agora.

Não queria deixar espaço para discussão.

Parecia que ele queria dizer mais alguma coisa, mas não falou. Eu sabia como tinha olhado para ele agora. Ele não ia dizer mais nada depois do meu olhar de advertência. Com uma expressão de frustração, ele se virou e saiu do meu escritório.

Aquilo tinha saído como o esperado e tinha que ser feito. Brad era o melhor chef das redondezas, eu odiaria ter que mandá-lo embora caso ele não desistisse de Addy.

◆◆◆

Eu me afundei em papéis e telefonemas nas horas seguintes. Quando Jamieson Tynes finalmente apareceu, fiquei irritado e aliviado. Arthur disse que ele viria hoje, e eu precisava dele aqui agora mais do que nunca. Ele seria o meu caminho para criar o tempo livre necessário para estar com minha filha.

Deixar Rosemary Beach não era mais o plano. Aceitei isso na mesma hora. Ter tempo para poder ficar com Franny e Addy era a minha prioridade. Queria apresentá-las a minha irmã e trazê-las para o meu mundo. Mas Addy precisava de mais coisas antes disso. Ela não era mais a mesma garota confiante que me procurava para qualquer coisa. Meu peito doía só de pensar. Eu queria aquilo de volta. Queria que ela olhasse para mim como se soubesse que eu tornaria tudo melhor. Sabia que ela era forte. Meu Deus, ela já tinha provado isso pela forma como havia sobrevivido e criado nossa filha. Ela era tão mais forte do que eu imaginava...

Mas eu não queria que ela precisasse ser tão forte, caramba. Queria estar lá para que ela tivesse alguém em quem se apoiar. Com quem dividir a vida. Os meus sentimentos por ela nunca mudaram. Mesmo quando pensei que ela tivesse morrido, ela me controlava. Ela era a única razão pela qual eu me agarrava ao pedaço de alma que ainda me restava. Queria manter alguma parte de mim para ela. Mesmo se ela não estivesse lá.

– Você é Capitão? – perguntou Jamieson, e me dei conta que havia me perdido nos meus pensamentos sobre Addy.

Eu me levantei e estendi minha mão.

– Sim, sou eu mesmo. Suponho que você seja Jamieson.

Ele me deu um aperto de mão e meneou a cabeça.

– Desculpe o atraso. Meu voo de Dallas atrasou.

Não importa, ele estava ali.

– Sem problemas. Eu tinha coisas para resolver hoje de manhã. Vou passar o resto do dia mostrando o lugar e apresentando você para os funcionários.

Jamieson era mais jovem do que eu, mas tinha aquele visual de recém-saído-da-faculdade-de-administração, com sua calça social e camisa oxford. Sabia que ele estava reparando na minha calça jeans desbotada e na camiseta preta. Claro, eu sempre trocava de roupa antes de abrirmos o restaurante para o jantar, mas durante o dia eu seguia um estilo mais confortável. Ele precisaria aprender a relaxar um pouco também.

– Ótimo. Estou animado com essa oportunidade.

Eu me contive para não revirar os olhos. Ele era um garoto. Perderia logo esse entusiasmo. Estava prestes a entrar no mundo real. Passei por ele e abri a porta.

– Vamos começar pela cozinha, vou mostrar os bastidores. Vou apresentá-lo ao pessoal da gastronomia. Vamos nos encontrar com os atendentes quando eles chegarem em uma hora.

Jamieson tirou um iPad Mini da pasta. Que merda ele estava fazendo?

– Posso deixar a minha mala aqui? – perguntou ele.

Apenas concordei com a cabeça, ainda tentando entender o que ele ia fazer com o iPad.

– Ótimo. Estou pronto para tomar nota de tudo – explicou, segurando o iPad.

Isso ia ser interessante.

Addy

Franny implorou para ir trabalhar comigo naquela noite. Ela queria circular pelos bastidores com Capitão. Ela não entendia que ele ficava ocupado a noite inteira e que ela não tinha como ficar pendurada nele. Mas desde a hora em que voltamos para o carro depois do sorvete, ela falou no pai dela sem parar. Ela também não o chamava mais de Capitão. Se referia a ele como pai quando falava dele. Sabia que ela gostava do jeito que a palavra soava, mas eu ficava preocupada que ela estivesse apressando as coisas.

Os dois tinham que ir com calma.

Ou talvez *eu* precisasse que eles fossem com calma. Talvez apenas eu precisasse de espaço e tempo para me adaptar. Franny tinha sido somente minha por tanto tempo. Dividi-la desse jeito – as emoções, o amor dela – era difícil. Eu não esperava por aquilo. Queria que ela tivesse tudo. Queria que ela conhecesse o pai dela. Só não queria que ela algum dia sentisse que eu não havia sido o bastante. Isso era insegurança minha, eu sabia.

– Reunião no salão. O gerente que Capitão está treinando para assumir o restaurante está aqui. Ouvi dizer que ele é novo e supergostoso – informou Patricia, enquanto eu guardava a bolsa na sala dos funcionários.

– Está bem – respondi.

Sabia que Capitão não planejava ficar. Todos sabiam disso. Ele não escondeu isso de ninguém. Mas esperava que ele não fosse embora da cidade. Não tão cedo. Não agora que eu o trouxe para a vida de Franny.

– Salão, agora. Todo mundo – disse Elle de um jeito mandão, assim que entrou na sala.

Ela olhou para mim, então deu meia-volta e saiu.

– Querem apostar que ela vai estar transando com esse aí antes do final da semana? – sussurrou Daniel, um dos atendentes que eu não conhecia muito bem. Muitos dos outros riram baixinho e abafaram a risada.

Eu realmente esperava que ela fizesse isso, mas era uma esperança egoísta que eu não ia alimentar. Eu não precisava pensar nisso.

– Você não está de óculos – disse Natalie Orchard, sorrindo para mim. – Sabia que tinha alguma coisa diferente em você. Você fica bem de lentes de contato. Seus olhos são lindos de morrer.

Não tinha por que eu usar óculos falsos agora. Não expliquei que eu não usava lentes de contato. Em vez disso, apenas agradeci e segui todo mundo até o salão.

Não consegui me conter e rastreei a sala em busca de Capitão. Meus olhos pousaram nele, então logo desviei o olhar. Não queria que ele me pegasse olhando para ele. Ainda estava confusa sobre o que sentia por ele. Quando ele estava com Franny, vi River em sua expressão. A rigidez havia ido embora, e o sorriso, que costumava fazer com que todas as coisas ruins da minha vida ficassem boas, tocaria seus lábios, e eu sentiria uma atração que não queria sentir. Não estava pronta para sentir. Estava com medo de sentir.

– Ele é gostoso – sussurrou uma atendente.

– Ele é do tipo universitário-sexy – disse outra.

– Droga. Ele é hétero. Posso dizer daqui – murmurou Kyle, baixinho.

Aquilo me fez abrir um sorriso. Kyle estava admirando Capitão a distância desde o primeiro dia. Ele não escondia que achava Capitão atraente, e como a energia meio perigosa de Capitão o fazia suar e tremer. Aquilo era mais do que eu queria escutar.

– Não, ele definitivamente gosta de garotas. Ele já está de olho em Elle – resmungou Natalie.

– Porque ela está dando em cima dele – respondeu Daniel. – Ou ela está tentando provocar ciúmes em Capitão, ou quer marcar território.

– Capitão não está nem prestando atenção. Ele está olhando para cá – disse Kyle sussurrando. Então ele se

virou para olhar para mim e olhou de volta para Capitão. – Ou ele está olhando para Rose. Você realmente fica muito bem sem óculos.

Sorri para Kyle.

– Obrigada.

Ele voltou o olhar para a frente do salão e fez que sim com a cabeça.

– Sim. Ele está de olho em Rose.

Eu não queria ver, mas estava curiosa. Devagar, olhei para ele, e nossos olhos se encontraram imediatamente. Ele estava me observando de perto. Ele deu um sorrisinho, e eu não consegui evitar, então sorri de volta.

– Caramba, aquele cara é gostoso – falou Kyle pausadamente, então tirei o olhar de Capitão e fiquei encarando os meus pés.

Kyle deu uma risadinha, e Natalie soltou um assobio baixinho.

– Fiu, fiu. Alguém chamou a atenção do *bad boy*. Ele é assustador e gostoso ao mesmo tempo – disse Kyle.

Ignorei aquilo. Eles não conheciam Capitão. Eles não conheciam o garoto que ele foi ou a vida que teve que enfrentar. Mas eu não sabia o que ele tinha passado nos últimos dez anos. Talvez a energia perigosa que todos eles sentiam fosse real. Uma imagem dele rindo com Franny sobre uma história que ela lhe contou me veio à cabeça, mas afastei o pensamento. Ele não era perigoso. Eles achavam que seu cabelo ligeiramente longo, dourado pelo sol, preso para trás em um coque samurai, e a barba por fazer, lhe davam a aparência de alguém perigoso. Mas eu gostava daquela barba. Gostava muito. Me fazia pensar em coisas. Coisas que eu não tinha há bastante tempo.

– O rosto de alguém está vermelho. O que foi que eu perdi? – perguntou Hillary enquanto dava um passo à frente ao meu lado.

– Ah, só o chefe que estava de olho em Rose – complementou Kyle.

– Como é que você sabe que ele não estava de olho em mim? – perguntou Hillary em um tom presunçoso.

– Porque você acabou de chegar, e ele está mirando naquela ali desde que ela entrou no salão – respondeu Natalie, claramente se divertindo.

Havia uma tensão entre eles que eu não tinha notado antes.

– Bom, a baixinha precisa entrar na fila. A próxima agora sou eu. Ao que tudo indica, o cara novo é o alvo da Elle agora, e eu quero um pouco daquele gostosão ali. Assim que eu ficar sozinha com ele por cinco minutos, ele vai olhar para outro lugar – disse Hillary, passando reto pela gente, rebolando, na direção de Capitão.

– Ela é uma vaca – disse Natalie com um tom de nojo.

– A maioria das mulheres é – disse Kyle, que em seguida piscou na nossa direção. – Exceto as aqui presentes.

Queria continuar a olhar para o chão ou pela janela. Para qualquer lugar, menos para onde meu olhar estava determinado a ir. Eu tinha que olhar. Não estava bem certa do porquê. E se ela desse em cima dele e ele gostasse? Ele era o pai da minha filha. Ele era o meu passado. Eu não tinha como exigir nada. Mas quando ela se inclinou para sussurrar no ouvido dele e ele deixou de prestar atenção em mim para dar atenção a ela, senti uma leve dor no coração. Não pude evitar. É difícil perder velhos hábitos.

– Meu Deus, espero que ele seja mais esperto do que isso – murmurou Natalie. – Ah, ele vai transar com ela. Ele é do tipo que sempre fica com as fáceis e gostosas. Eles não se envolvem. Isso faz parte do estereótipo *bad boy* gostosão que nos deixa loucos – disse Kyle.

– É uma pena – sussurrou Natalie, parecendo estar se sentindo tão decepcionada quanto eu.

Capitão baixou a cabeça e respondeu Hillary, enquanto ela mantinha um sorriso de satisfação no rosto. O que eles estavam fazendo? Planos para mais tarde? Minha barriga deu um nó e eu odiei sentir isso. Odiei demais.

– Você está saindo com Brad, não está? – perguntou Daniel.

Olhei para ele na esperança de que a agitação interna que eu estava sentindo não estivesse aparente no meu rosto.

– Não. Na verdade, não. Somos apenas amigos – corrigi.

Brad me paquerava, mas não fazia nada além disso. Ele não me telefonava ou mandava mensagens. Conversávamos apenas no trabalho, e ele era um cara muito legal, mas eu não queria nada a mais com ele. Eu gostava da amizade bacana que tínhamos criado.

– Hum... é só que ele olha muito para você, então pensei que tivessem alguma coisa a mais – explicou Daniel.

Não disse nada sobre isso. Não sabia que Brad olhava bastante para mim. Eu raramente olhava para ele, a não ser que estivéssemos conversando.

Capitão pigarreou para que todos prestassem atenção.

– Muito bem, pessoal. Estamos todos aqui, então é hora de apresentá-los ao futuro gerente. Arthur Stout enviou Jamieson Tynes para assumir o restaurante nas próximas semanas. Enquanto ele estiver aqui, estejam disponíveis para responder a qualquer pergunta que ele fizer. Vou começar a tirar algumas noites de folga por semana e deixar que Jamieson assuma, então as decisões e ordens partirão dele. Jamieson, vou deixar com você a partir de agora. Esta é a sua equipe de atendimento. Vá conhecê-los.

Olhei para Jamieson, imaginando se esse bando iria comê-lo vivo. Ele aparentava ser realmente novo e ingênuo.

– Ah, merda, lá vem ele – sussurrou Kyle.

Olhei para cima e vi o grupo de atendentes se dividir como o Mar Vermelho.

Capitão

– Ele é muito determinado. Sexy. – Kyle fez, baixinho, um estranho som de satisfação.

Eu não podia olhar para outro lugar desta vez. De olhos bem abertos, vi Capitão vindo na minha direção. Havia um brilho nos seus olhos que me deixou excitada, mas não sabia muito bem o que isso queria dizer.

– Rose, venha comigo – disse ele bem alto para que todos escutassem, apesar de ter sido um pedido gentil.

Apenas concordei com a cabeça e o segui até o seu escritório. Estava com medo de olhar para as outras pessoas, mas podia sentir seus olhos fixos na gente. Esperando para ver o que estava acontecendo.

Eu o segui com obediência, porque, sinceramente, não sei se algum dia alguém já tinha dito não a esse homem. Quando foi que ele aprendeu a impor tanta autoridade num simples olhar decidido e em tão poucas palavras? Quando a porta do escritório dele se abriu, fui logo atrás, me perguntando se aquilo não tinha sido um erro. Ele estava com um humor estranho, e eu não sabia o que eu tinha a ver com aquilo. Quando entrei, ele fechou a porta, e eu dei um pulinho com o barulho.

– Você não olhava para mim – disse ele com uma voz firme e grave.

Eu tinha olhado para ele. Ele não viu? Estávamos olhando um para o outro antes da Hillary entrar na sala.

– Não sei do que você está falando – respondi, um pouco sem ar por causa da atmosfera pesada que estava na sala.

– Não, você estava olhando para mim, mas daí parou e não olhou mais.

Como é que ele estava deixando o ar da sala tão rarefeito? Tentei respirar fundo.

– Desviei o olhar quando você desviou o seu – retruquei em um sussurro.

Capitão deu um passo na minha direção, e o resto do oxigênio que havia na sala se esvaiu. Eu precisava me segurar em alguma coisa. Isso não era um estado emocional, eu já tinha visto ele assim antes. Eu não fazia ideia de como lidar com aquilo.

– Eu não quero ela. Ela se ofereceu. Eu mandei ela embora. Mas você não olhava para mim – disse ele, com a voz tão profunda e rouca que eu não conseguia fazer com que meu peito não arquejasse a cada curta respiração que eu dava.

– Ah – disse com dificuldade, vendo a tempestade nos olhos dele.

O verde havia se tornado castanho, e a firmeza da sua boca se suavizado para algo mais... sedutor. Minhas pernas ficaram fracas.

– Sim. Ah – repetiu ele. – Por que você não olhou para mim?

Porque eu não gostava. Eu não tinha nenhuma razão para não gostar, mas não gostava.

– Eu não sei – menti.

A curva que ele fazia com os cantos dos lábios me dizia que ele não acreditava em mim. Mas aqueles lábios carnudos eram fascinantes. Eu poderia ficar olhando para eles assim o dia inteiro sem nunca cansar. Será que eles já eram carnudos assim naquela época? Ou eu era muito nova para valorizar a beleza da sua boca?

– Addy – disse ele com a voz ainda mais profunda, e tremi ao som do meu nome vindo daqueles lábios.

Ele resmungou um xingamento que tirou minha atenção dos seus lábios.

Olhar para os olhos dele não era mais fácil. Eles estavam escuros agora, com as pupilas grandes pela intensidade do seu olhar.

– Não minta para mim. Por que você não olhou para mim?

Pisquei, tentando quebrar o feitiço que ele estava colocando em mim, mas não ajudou. Se ele continuasse com isso, eu ia precisar me agarrar nos braços dele para me manter em pé. Isso, ou encontrar uma cadeira onde eu pudesse me afundar.

– Você parou de me olhar.

Eu me forcei a dar um passo para trás, na esperança de conseguir me segurar, mas Capitão imitou meus movimentos e deu um passo junto comigo. Senti como se estivesse sendo encurralada, e por mais que aquilo devesse ter me aterrorizado, não aterrorizou. Minha cabeça sabia que esse era River. Eu não podia ter medo dele. Tínhamos muitas coisas entre nós.

– Por um momento. Eu tive que deixar as coisas claras para a garota. Meus olhos voltaram exatamente para onde eu queria, mas... – Ele parou e moveu sua mão de forma que seus dedos passaram ao longo do meu braço com tanta suavidade que mais pareceu um sussurro. – Você não olhava para mim. Eu não conseguia me concentrar. Nem sei bem o que eu disse para a equipe. Só queria que você me olhasse. Não gostei de ver você olhando para o chão. Queria que você olhasse para mim.

Ah, meu Deus... certo. Esse não era o homem com o qual eu estava acostumada. Não era o homem da sorveteria. Caramba, quem era esse homem? E por que ele estava fazendo o meu coração bater tão rápido, fazendo com que o meu peito corresse o risco de explodir a qualquer momento?

– Eu não estava esperando por isso – respondi, finalmente conseguindo falar algo que fizesse algum sentido, que dizia a ele o que eu estava sentindo.

Seu olhar se voltou para a minha boca agora, e meus joelhos se dobraram ligeiramente. Ele parecia estar faminto. Como se quisesse sentir o meu gosto. Não, como se quisesse que eu fosse sua última refeição.

Suas mãos largas agarraram minha cintura. Seu toque foi eletrizante. Pude sentir o calor na minha pele, mesmo através das roupas. Eu poderia muito bem ter ficado sem roupa ali.

– Quando vi você pela primeira vez de novo, como Rose, não consegui tirar os olhos de você. Ninguém jamais havia me atraído desse jeito. Não desde... você. Eu não gostava de olhar para você, porque você se movia como minha Addy. Você ria como minha Addy. Você era pequena e feminina, tão parecida com minha Addy, e eu não queria ninguém por perto que me lembrasse do que eu tinha perdido. Eu ficava longe de qualquer pessoa que minimamente me lembrasse de você. Mas era difícil ignorá-la. Observei você mais do que deveria. Detestava que estivesse evocando uma coisa dentro de mim que eu havia reservado para uma pessoa. E então, descubro que você é essa pessoa? Você está aqui, e isso está fodendo com a minha cabeça, Addy.

Isso era honestidade. O tipo de honestidade emocional que eu não estava esperando. Eu sabia quem ele era o tempo todo. Ele é que tinha ficado no escuro, mas, mesmo assim, sentiu minha presença. Era por mim que ele estava atraído, independentemente de como eu havia me apresentado.

– Tinha Elle – falei, lembrando a mim mesma e a ele.

Ele podia ter me sentido, mas foi Elle que se curvou para ele sobre essa mesa, neste mesmo escritório.

Os olhos dele se entristeceram de arrependimento.

– Ela foi uma distração. Todas foram uma distração. Houve centenas, não vou mentir para você. Mas eu não me importava com nenhuma delas. Nunca permiti que elas me tivessem como você me teve. Ninguém tocou minha alma, Addy. Só você.

Minha pele esquentava com suas palavras. Eu não havia dormido com mais ninguém além dele. Fazia dez anos, e era difícil de acreditar, mas eu nunca senti vontade de estar com outra pessoa. E até que eu amasse de novo, não entregaria aquela parte de mim a ninguém. Ter intimidade com alguém trazia essa pessoa para a minha vida, e isso significava que para a vida de Franny também. Ninguém havia sido bom o suficiente.

– Centenas? – repeti.

Desejei que isso não me machucasse. Mas ele pensou que eu estava morta. Será que escutar que ele esteve apaixonado por apenas uma ou duas mulheres seria mais fácil? Não. Teria me matado.

– Eu nunca me importei com elas. Nunca vi seus rostos. Nenhum. Depois de você, não consegui enxergar

mais ninguém – repetiu ele, enquanto uma de suas mãos segurava o meu rosto.

Ele precisava saber. Eu não estava pronta para aquilo.

– Eu não estive com mais ninguém... só com você.

Ele apertou minha cintura com as mãos e seu corpo ficou tenso. Por um segundo, ele fechou os olhos e soltou um suspiro profundo que eu sabia que era de alívio. Depois, seus olhos se voltaram para mim, e suas pupilas estavam completamente dilatadas.

– Ninguém? – disse ele, como se estivesse se segurando nessa palavra como um tipo de tábua de salvação.

– Ninguém – repeti, porque ele parecia precisar escutar isso.

– Cacete – sussurrou ele e então me largou.

Cambaleei para trás e agarrei o encosto de uma cadeira para me manter firme. Capitão se virou e foi até a mesa. Colocou as palmas das mãos sobre o tampo e deixou a cabeça baixa enquanto ficou parado lá, como se estivesse vivendo um tipo de conflito.

Eu não disse nada. Pensei que ele gostaria de saber. Que gostaria de escutar que foi o único para mim. Mas a reação dele me deixou confusa. Finalmente consegui respirar fundo. Ele estava longe o bastante para que sua energia e presença não sugassem todo o ar a minha volta.

Minha cabeça começou a clarear, e o feitiço que ele tinha colocado em mim começou a se desfazer, ao passo que ele lutava contra si mesmo.

– Não sou o mesmo. Estou mais sombrio, Addy. Fiz coisas que me destruíram. O garoto que venerava você e a tratava com cuidado se foi. Eu não o conheço mais. Eu não sou ele. Eu sou... intenso. Mesmo com você, especialmente com você, eu me perderia e... – ele balançou a cabeça, ficou de pé e se virou para mim. – O que eu quero, o que eu gosto, não é algo que você conheça. Não posso chegar lá com você.

Era sobre sexo que ele estava falando? Eu estava perdida.

– Por quê? – perguntei, esperando que ele fosse me explicar melhor.

Ele me olhou com aquele olhar. Um olhar que eu não via há muito tempo e que me atingia em cheio. Era aquele olhar que eu queria.

– Você é muito especial, muito valiosa para o que eu me tornei.

Não gostei daquela resposta. Também não acreditei nele. Poucos instantes antes ele estava olhando para mim como se não quisesse nada além de me possuir.

– E se eu quiser o que você se tornou? E se o homem que eu vejo for o que eu quero? Eu não tenho poder de escolha?

Me dei conta que estava sendo totalmente sincera. Eu queria o homem que ele havia se tornado. Ele estava diferente, mas eu também estava. Será que ele não enxergava isso? Eu estava mais dura e inflexível e pude sobreviver. Assim como ele. Isso não o tornava menos atraente. Eu era uma mulher agora. Precisava de um homem. Não do garoto das minhas memórias.

– Você não entende, e eu não posso contar. Se eu contasse, você deixaria a cidade e nunca mais olharia para trás. Não posso deixar isso acontecer. Quero provar que posso ser o pai que Franny merece. Não vou decepcionar você.

Mas ele não queria ser nada para mim. Fiquei sem palavras, porém estava claro. A compreensão daquilo tinha me partido de um jeito que eu nunca conseguiria me recuperar, mas eu era forte. Eu era uma sobrevivente e não imploraria a ninguém para que me quisesse. Fiz isso uma vez quando era criança, e minha mãe me deixou mesmo assim. Nunca mais. Nem mesmo por River Joshua Kipling.

Capitão

Meu humor tinha ido para o inferno. Eu rosnava para qualquer um que fosse corajoso o suficiente para me fazer perguntas, e Jamieson estava me irritando para cacete com seu terno e seu iPad Mini. A noite ia ser longa. Permanecer ocupado era o que me impedia de ficar vigiando Addy e observando cada movimento seu.

Quando ela saiu do meu escritório sem dar uma palavra, percebi que por pouco não ficamos juntos. Eu poderia tê-la beijado. Ela teria deixado. Quando ela se inclinou sobre mim e seu corpo reagiu ao toque das minhas mãos, me senti como se fosse o dono do mundo. Então ela me disse o que eu já temia. A inocência que seus olhos evidenciavam não era uma representação.

Ao passo que eu havia mudado ao longo dos anos, me certificando de estar destruindo minhas emoções para acabar com a dor, Addy se manteve essencialmente a mesma. Ela ficou mais forte e aprendeu a sobreviver, mas isso apenas a tornou mais especial. Como eu poderia tocá-la? Como eu poderia ser digno de estar perto dela? Cacete, se ela soubesse as coisas que eu tinha vontade de fazer com ela, ela ficaria apavorada. Tudo que ela conheceu foi um garoto completamente apaixonado e para quem um sexo doce e suave estava mais do que perfeito.

Mas não era isso que eu queria. Eu queria Addy pelada e curvada na minha mesa, com as pernas abertas, para que eu pudesse ficar de joelhos entre elas e sentir o seu gosto, coisa que nunca fiz. Queria que seus joelhos se dobrassem enquanto eu a levantava com minhas mãos e deslizava minha língua pelo seu calor até que ela gritasse o meu nome, tremendo com meu beijo. Eu queria dar um tapa forte nela por trás e observar seu rosto através de um espelho enquanto ela estivesse gozando no meu pau. Porque com ela eu não usaria camisinha. Eu não queria nada entre nós.

Ao fechar meus olhos, pensava na hipótese de ir embora mais cedo. Não podia continuar assim. Eu conhecia cada movimento dela. Mesmo que não estivesse observando Addy como gostaria, eu a sentia. Sabia com quem ela estava falando e o que estava fazendo.

Escutei sua risada e meus olhos se abriram, e um aperto atravessou meu corpo. Ela estava na cozinha. O filho da mãe estava fazendo ela rir. Minha fúria era mais forte do que eu podia suportar. Ele tinha sido avisado.

Entrei pela porta de trás da cozinha batendo nela com força e olhei imediatamente para Addy, enquanto ela olhava para Brad. O sorriso ainda estava no rosto dela, e tudo que eu queria fazer era encher o meu chef de cozinha de porrada até que minhas mãos estivessem cobertas de sangue. A escuridão que eu sabia que nunca deveria tocá-la me envolveu, e eu não conseguia parar. Continuei indo na direção deles. Esse era o monstro que eu não queria que ela visse. O monstro sobre o qual eu não tinha controle.

– Não – falei, olhando para Brad.

Eu não disse mais nada. A necessidade de feri-lo estava me sufocando.

Os olhos dele se arregalaram, e eu pude ver a incerteza e o medo. Era o que eu queria. Ele precisava mesmo ter medo de mim. Eu não era um homem inteiro. Eu era um homem pela metade, perturbado, e ele estava se aproximando demais da única mulher que me tinha.

– Capitão! – Addy falou alto, mas não olhei para ela.

Mantive meus olhos fixos em Brad até ele acenar com a cabeça e voltar a atenção para a comida que estava na sua frente.

– Capitão – disse Addy de novo, claramente irritada.

Eu me virei e olhei para a parede acima da cabeça dela. Não podia deixar que ela visse meus olhos. Eu

conhecia o mal que ela veria neles. O mal que tomou conta de mim.

– Isso não está certo. – Ela soava furiosa agora.

– Não deixe ele se aproximar de você – foi tudo que eu disse antes de sair.

Se ela não tinha entendido por que eu fiz o que fiz hoje mais cedo, então não sei se ela entenderia isso. Eu precisava sair e me acalmar. Não tinha nenhuma academia aberta a essa hora nessa cidadezinha, e tudo que eu precisava era bater em alguma coisa até não aguentar mais.

– A mesa cinco está insatisfeita com o filé, apesar de ele ter sido preparado na temperatura solicitada – disse Jamieson, correndo na minha direção.

Eu não estava nem aí se a mesa cinco estava insatisfeita.

– Cuide disso. Nada melhor do que aprender a lidar com os problemas na prática – respondi, num rosnado que não consegui conter, antes de sair.

Dez anos atrás

Quando abri a porta do quarto de Addy, congelei. Minha respiração cessou. Meu coração parou. Não conseguia me mexer. Era tarde e minha mãe estava dormindo do outro lado da casa, perto do meu quarto. Esperei para ter certeza de que seu remédio para dormir tinha agido antes de eu ir até Addy.

Não era o que eu estava esperando. No seu quarto escuro, com o luar brilhando sobre ela, Addy estava nua na minha frente. Totalmente nua. Eu precisava falar ou respirar ou fazer alguma coisa, mas não conseguia tirar os olhos dela. Estava com medo de ela estar dormindo, e que se eu me mexesse, acordaria e tudo desapareceria.

Já havia pensado nela assim. Sabia que ela era bonita, mas nunca imaginei o quanto ela seria perfeita. Ela tremeu, e aquilo foi suficiente para me tirar do meu transe de modo que eu pelo menos fechasse e trancasse a porta. Ela estava nua, e não era por acidente.

– Ei – disse ela suavemente, e meu pau, que já estava alerta, latejou.

O que ela estava fazendo?

– Ei – grunhi, com os olhos fixos nos seus seios macios e carnudos, completamente descobertos para mim.

Abaixei os olhos e vi sua barriga reta e a pinta que ficava logo ao lado do seu umbigo e que eu adorava. Então, respirei fundo, olhei para baixo e vi o pequeno triângulo de pelos louros.

– Addy – sussurrei, enquanto ela continuava parada daquele jeito para mim.

– Sim? – Ela pareceu estar tão abalada quanto eu.

– Você é linda... perfeita – falei, maravilhado.

– Sou? – Ela soou insegura, mas esperançosa.

Meu Deus, ela nunca havia se olhado no espelho? Aquilo era... caramba, aquilo eram todas as fantasias que eu já tinha tido.

– Completamente – garanti, tirando meus olhos do seu corpo e olhando para o seu rosto. Ela sorriu, tímida. – O que está acontecendo, Addy? – Eu estava com medo de ter esperanças.

– Eu quero... esta noite. Estou pronta.

Porra. Certo. Andávamos brincando um pouco à noite enquanto nos beijávamos, mas eu sempre parava antes que ficasse dolorido. Eu não esperava isso dela.

– Por quê? Quero dizer, você tem certeza?

Meus olhos eram arrastados por sobre a sua pele macia que eu tanto queria tocar. Que eu queria sentir se movendo contra a minha.

– Porque eu te amo e quero ficar o mais perto possível de você – sussurrou ela.

Dei um passo na direção dela, e minhas mãos tremeram quando cheguei mais perto. Era isso. Essa noite eu a teria de um jeito que ninguém mais a teria. Ela se tornaria minha por completo. Nos conheceríamos mais profundamente. Nossa ligação já era diferente de qualquer outra coisa que eu tinha experimentado na vida, mas isso a tornaria inabalável.

– Você tem certeza? – perguntei, antes de estender as mãos para tocar seu quadril nu.

– Sim – disse ela, e não hesitei.

Eu a puxei para mim e tomei sua boca, enquanto seu corpo se moldava ao meu. O sexo que eu tinha feito no banco de trás dos carros e em outros lugares menos atraentes tinha sido para me aliviar, porque eu estava com tesão e elas estavam a fim, e foi bom. Mas isso era diferente. Queria guardar cada segundo na memória.

Cada centímetro do corpo dela. Quando eu possuísse Addy, daria a ela todo o restante de mim que ela ainda não tinha.

– Eu te amo tanto – sussurrei contra os seus lábios, enquanto nos levava até a cama.

– Eu também te amo – respondeu ela, olhando para mim com toda a confiança do mundo.

Eu nunca tinha ficado com uma virgem.

– Vai doer no início – expliquei, torcendo para que ela não desistisse agora.

Ela sorriu e baixou a cabeça contra o meu peito.

– Eu sei, mas com seus braços em volta de mim isso não vai ter importância. Vamos ficar o mais próximo que pudermos. Quero isso mais do que qualquer outra coisa.

Eu tremia cada vez mais. A excitação, a necessidade e o desejo que eu sentia por esta garota, misturado com a intensidade do meu amor, era quase demais.

– Tire sua camiseta, River. Quero sentir você em mim sem que haja nada entre nós – disse ela contra o meu peito, depois se afastando apenas o suficiente para que eu pudesse fazer o que ela pediu.

Os seios dela se moviam num ritmo cadenciado conforme sua respiração ficava mais acelerada. Seus olhos estavam voltados para a minha camiseta, e eu a puxei para tirá-la por cima da cabeça. Seus mamilos duros e cor-de-rosa me provocavam, e a ideia de senti-los no meu peito nu quase fez com que eu gozasse na minha calça jeans. Talvez fosse mais do que eu poderia lidar.

Joguei minha camiseta no chão e fiquei olhando fixamente para ela, esperando. Precisava que ela tomasse a iniciativa. Tinha medo de assustá-la. Sem hesitar, ela ergueu os braços para colocá-los em volta do meu pescoço enquanto ficava na ponta dos pés, pressionando os seios contra mim.

– Hmmmm – sussurrei em um gemido, incapaz de reagir em palavras.

– É tão gostoso, não é? – murmurou ela suavemente.

– Sim – respondi, passando minhas mãos pelas suas costas até lentamente apalpar sua bunda.

Eu a levantei, pressionando-a contra mim, então ela me envolveu com suas pernas, colocando-se exatamente sobre o meu pau. O calor que vinha dela queimava através da minha calça jeans. A imagem dela aberta desse jeito e com o corpo apertado contra o meu fizeram os meus joelhos vacilarem. Eu precisava me afundar na cama segurando ela. Addy mexeu ligeiramente os quadris, e o fogo nos seus olhos se inflamou.

– Ah, isso… ah – disse ela suavemente.

Ela estava mexendo seu clitóris sensível sobre a protuberância sob a minha calça. Segurei-a com firmeza.

– Não faça isso, gata. Se fizer assim, isso vai acabar antes de começar. Não consigo segurar. Já estou quase lá – falei, em um tom baixo e grave.

– Certo, bem… então, você pode tirar a roupa também?

O fato de que ela estava tão excitada a ponto de me pedir isso com tanta coragem e de um jeito totalmente diferente me fez sorrir. Addy estava me pedindo para ficar pelado. Se eu estivesse dormindo, iria acordar muito puto.

Addy

Era difícil escutar Franny falando sobre o nosso jantar com Capitão dali a duas noites. Eu não estava pronta para vê-lo, muito menos para jantar com ele. Na verdade, assim que Franny saiu para a escola naquela manhã, liguei para dizer que não iria trabalhar porque estava doente. Não queria encará-lo hoje. Não depois da montanha-russa que tinha sido a noite passada.

Fui da sensação de que estávamos nos conectando para um sentimento de total rejeição. A verdade é que eu o desejava, mas ele me descartou porque eu não transei nesses últimos dez anos. Para melhorar as coisas, quando Brad fez uma piada e disse que enfiaria uma espiga de milho na bunda de um cliente complicado que estávamos tendo, que foi a única coisa que me fez rir durante todo aquele dia de merda, Capitão entra na cozinha feito um maluco. Ele estava furioso porque Brad me fez rir? Isso era proibido?

– E eu contei para Cameron como meu pai é alto e musculoso. Ele é bem musculoso, não é, mamãe?

Sim, o pai dela tinha músculos. Não do tipo halterofilista, mas do tipo trabalhador. Concordei com a cabeça e tomei uma colherada da minha aveia. Ele também tinha olhos impressionantes, e seus cílios eram longos e escuros em comparação às mechas mais claras dos seus cabelos.

– Ela disse que o pai dela era maior, mas eu sei que não é. O meu é mais bonito. Eu sei disso. Não acho que alguém tenha um pai tão bonito quanto o meu.

Nesse ponto ela tinha razão. Mas eu não ia comentar. Apenas continuei a mexer minha aveia com a colher.

– Você acha que ele vem para a minha festa de aniversário?

O aniversário de Franny seria só dali a cinco meses. Eu não fazia ideia do que o futuro reservava para nós e para Capitão. Eu nunca havia mentido para ela antes. Tinha sido sincera em relação a tudo. Exceto, é claro, o fato de ter mantido segredo sobre a verdadeira razão de estarmos em Rosemary Beach, mas esta tinha sido uma omissão temporária.

– Eu não sei, Franny. Ainda falta muito tempo para isso, e acabamos de deixar ele entrar nas nossas vidas. Ele pode se mudar. Ouvi que ele nunca planejou ficar por aqui por muito tempo. Ele pode visitá-la quando tiver tempo. Eu só não sei agora. – As luzes nos olhos de Franny se ofuscaram um pouco. Eu detestava ser a causa disso, mas como eu poderia prometer a ela uma coisa da qual não tinha certeza? – Se ele puder estar lá, então ele vai estar. Disso eu sei – garanti a ela, querendo aliviar a minha resposta.

Então ela sorriu.

– Aposto que ele vai querer estar. Você pode fazer um grande e delicioso red velvet. Eu adoro esse bolo. Ele também. Ele disse que gosta. Perguntei a ele. Ele vai amar o seu. Você faz o melhor.

– Se você quer um red velvet, então é o que eu vou fazer – garanti a ela.

Ela pareceu feliz com isso. Então se levantou, veio até mim e deu um beijo na minha bochecha.

– Vou escovar os dentes e aí vou estar pronta para ir para a escola.

Concordei com a cabeça, dei um apertão nela e fiquei olhando a minha menininha sair do carro. Eu queria que ela tivesse tudo. E para ela, Capitão era parte disso.

Se apenas eu pudesse controlar tudo na vida dela e realizar todos os seus sonhos e suas esperanças.

◆◆◆

Assim que Franny foi para a escola e eu estava de volta em casa, coloquei um short e uma regata e decidi que era uma boa oportunidade para limpar a casa de cima a baixo. Dei graças a Deus que foi Jamieson que

atendeu quando liguei para dizer que estava doente. Ele desejou que eu melhorasse logo e foi muito profissional e educado. Fiquei pensando quanto tempo duraria o entusiasmo dele.

Não ter que lidar com Capitão foi uma grande vantagem para mim. Só não sabia se isso afetaria a minha noite de folga. Sabia que ele queria comer com Franny. Imaginei que, como ele ainda era o chefe, se certificaria de que eu estaria de folga naquela noite.

O plano de hoje era fazer faxina e esquecer por completo o que aconteceu ontem. Sobretudo as coisas que aconteceram no escritório dele, quando fiz papel de boba me derretendo para ele feito uma idiota. A forma com que ele facilmente me dispensou me fez sentir como se eu tivesse tomado um banho de água fria. Depois de ver o jeito como ele tratava as mulheres durante o último mês, pensei que eu fosse mais esperta do que aquilo.

Agora eu não culpava Elle. Se ele tiver sido tão ardente e intenso daquele jeito a ponto de tirar o fôlego dela, não é de se admirar que ela estivesse obcecada. E ele também não a dispensou. Ele pegou o que ela estava oferecendo. A minha oferta, no entanto, era muito inexperiente para ele. Imbecil. Mulherengo imbecil.

Um dia eu já fui o que ele queria. O fato de eu ter estado apenas com ele nos tornava mais próximos. Ele tinha orgulho disso e fazia eu me sentir especial. Nossos olhares podiam se encontrar no meio de um corredor da escola cheio de pessoas, e nos conectávamos sem dizer uma palavra. Nos uniu de uma forma que tinha acabado com qualquer possibilidade de eu me envolver com outra pessoa. Eu não quis ter aquele tipo de conexão com mais ninguém.

Porém, aquilo tinha mudado para ele. Ele queria outras coisas agora e não queria me ensinar. Tudo bem. Que seja. Eu também não precisava dele. A única coisa que eu detestava era que as ações dele estavam manchando a memória do que tivemos um dia. Eu guardava bem a lembrança de uma noite em particular, e ela me mantinha aquecida quando eu me sentia sozinha. Agora não era mais o suficiente. Ou, talvez, eu simplesmente não fosse mais o suficiente.

Dez anos atrás

Fiquei me olhando no espelho do banheiro. Será que os outros podiam ver que eu estava diferente? Eu me sentia diferente e podia ver a diferença.

River me abraçou por horas ontem à noite depois que transamos. Em seguida ele me limpou e deu um jeito nos meus lençóis logo cedo pela manhã, antes de me puxar para os seus braços para me dar um beijo e voltar para o seu quarto.

Não consegui voltar a dormir depois que ele saiu. Tudo que eu conseguia fazer era sorrir enquanto olhava fixamente para o teto, recordando cada momento. Doeu, mas a forma como ele me abraçou e sussurrou no meu ouvido sobre o quanto me amava ajudou a aliviar a dor latejante até que ele recomeçasse o movimento.

O rosto dele, quando ele parou e ficou me encarando, sua boca entreaberta e seus olhos inebriados, foi lindo. Queria ver aquilo outra vez. A visão do preservativo, com as marcas do meu sangue, quando ele tirou, tinha me assustado, mas ele havia pegado a camiseta e limpado entre as minhas pernas, dizendo que era normal na primeira vez. Eu confiava nele. Eu não sentia que dizer que eu o amava era suficiente agora. Era tão mais que isso. Ele era o que me completava. Ele tornava a minha vida plena.

Depois River veio por trás de mim, passou os braços em volta da minha cintura e olhou para a nossa imagem refletida no espelho. Fiquei observando enquanto ele virava a cabeça para me dar um beijo na têmpora, antes de voltar a olhar para mim. Nossos olhos diziam mais do que jamais dissemos.

Os braços bronzeados dele estavam se tornando os braços musculosos de um homem, e eu adorava tê-los em volta de mim. Também adorei o jeito como se flexionavam enquanto ele se segurava sobre mim ontem à noite. Por um momento, me perdi na forma como os músculos se moviam cada vez que ele remexia os quadris. Outra coisa nele que era linda.

– Como você está se sentindo? – perguntou ele, me olhando de perto.

O sorriso no meu rosto deve ter dito a ele tudo que precisava saber.

– Perfeita.

Ele engoliu em seco e colocou a palma da mão aberta contra a minha barriga, me puxando para bem perto do seu peito.

– Eu também.

Capitão

O carro dela estava na entrada da garagem quando estacionei próximo à casa de Addy. Quando cheguei ao escritório e fiquei sabendo que ela tinha ligado avisando que estava doente, dei meia-volta e saí novamente. Ela não estava doente. Pelo menos, eu esperava que não estivesse. Tinha mais do que certeza de que ela tinha feito isso para ficar longe de mim. Coisa que eu merecia, droga. Ontem à noite deu tudo errado. Queria me aproximar dela e ter um relacionamento com minha filha.

Eu queria Addy. Pronto, falei. Eu queria Addy, porra. A ideia dela com qualquer outra pessoa me deixava louco. Mas como eu poderia tê-la? O homem que sou agora nunca poderia ser alguém que ela amaria.

Estacionei minha caminhonete e fui em direção à porta, sem saber ao certo o que pretendia dizer, mas eu precisava dizer alguma coisa. Essa coisa entre nós tinha que ser consertada pelo bem de Franny – e pela minha sanidade. Foi impossível dormir ontem à noite. O olhar no rosto de Addy antes de ela se virar e sair do meu escritório tinha me provocado. Como eu poderia protegê-la de mim? Eu a protegera de todas as outras pessoas, mas nunca tive que protegê-la de mim.

A pequena varanda da casa de hóspedes que elas alugaram era limpa, com vasos de flores que davam ao lugar uma sensação acolhedora. Até os degraus eram limpos. Addy deu tanto para nossa filha. Eu nunca conseguiria dar a ela o que Addy dava. Mas queria dar a ela tudo que estivesse ao meu alcance.

Antes que eu chegasse no último degrau, a porta se abriu e vi Addy parada lá, olhando para mim. Essa deveria ter sido a minha primeira preocupação: o que eu ia dizer para consertar tudo. Mas não foi isso que chamou minha atenção.

Ela não estava usando sutiã. Os seios dela, que estavam muito maiores, se encontravam espremidos dentro de um top que não era grande o suficiente para contê-los. Deus me ajude, eu queria vê-la sem roupa.

– Por que você está aqui? – disparou ela.

Tive que balançar a cabeça e forçar os olhos para longe dos peitos dela para recuperar o foco. Olhar para seu rosto irritado ajudou. Eu não queria que ela estivesse irritada comigo. Eu tinha que achar um jeito de compensar pela noite passada e pela maneira de merda que eu tinha lidado com as coisas. Mas ela precisava de um sutiã. Um saco de batatas seria ainda melhor.

– Vim conversar – respondi.

– Pois fale – disse ela, sem sair da porta e com um olhar de pedra. Aquilo apenas me deixou com mais tesão. Uma Addy furiosa não era assustadora.

– Posso entrar?

– Não – disparou ela.

Eu ia ter que fazer melhor do que isso.

– Addy, me desculpe. Fui um imbecil ontem à noite e gostaria de conversar sobre o que aconteceu. Por favor.

Isso a amoleceu um pouco. Pude ver a raiva, que ela estava usando como escudo, desaparecer. Ela mordeu o lábio inferior e deu um passo para trás. Isso era um bom sinal.

– Certo. Tudo bem.

Quando ela se virou para entrar, aproveitei o momento para curtir a visão da bunda dela. Foi uma atitude idiota, mas o seu corpo estava tão cheio agora, e eu ainda não a tinha visto com tão pouca roupa. O corpo que um dia fora meu já não era mais o mesmo, e eu queria conhecê-lo melhor.

– Você aceita uma bebida? – perguntou, olhando para mim.

Desviei o olhar da bunda dela e fiz que não.

– Não, estou bem, obrigada.

– Certo, então fale.

Ela olhou para mim de um modo tão direto, eu não estava acostumado a vê-la agir assim. Ultimamente ela mal me olhava nos olhos. Mas, também, eu tinha provocado aquilo.

Ela gesticulou para que eu me sentasse no sofá e se sentou na cadeira em frente a ele. Queria ter vindo mais preparado. Tinha decidido vir para cá de uma hora para outra assim que soube que ela não estava no trabalho, mas agora, que me encontrava a sós com ela, eu não sabia por onde começar. Ela parecia irritada.

De novo, eu não estava acostumado com isso.

– O que aconteceu no meu escritório, lidei com aquilo de forma errada. Fui pego pelo momento, e então as suas palavras me trouxeram de volta para a realidade. Pelos... – Fiz uma pausa, porque essa próxima parte precisava ser dita com cuidado. Não era uma boa ideia chateá-la agora. Eu duvidava que ela me fosse me dar outra chance para acertar as coisas. E, pelo bem de Franny, mais do que por qualquer outra coisa, eu precisava que ela gostasse de mim. Confiasse em mim. De novo. – Os últimos dez anos passaram voando, e éramos apenas nós. Você era... minha, e eu perdi a cabeça. Eu estava de volta naquele tempo em que você confiava em mim e que você era a razão para eu acordar todos os dias. Minha cabeça estava aos poucos compreendendo o meu coração, ou as emoções, ou o que quer que seja. Eu apenas lidei com isso de um jeito totalmente errado. Quando me dei conta do que estava fazendo, já era tarde demais. Eu tinha ido muito longe.

Addy olhou para o colo enquanto esfregava as mãos.

Eu daria tudo para saber o que ela estava pensando. Repeti o que tinha dito na minha cabeça, esperando que tivesse soado do jeito que eu queria. Eu não queria subestimar o que havia acontecido entre nós. Não com Addy. Porque eu me perdi nela naquele momento e não ia retirar o que eu disse.

– Acho que me perdi também. Por um momento, você era apenas River. Então eu entendo. – Ela levantou os olhos e me encarou, e eu enxerguei dor neles e isso me deu um aperto no estômago. – Mas o que aconteceu na cozinha? Por que você ficou tão irritado? Nem eu ou Brad fizemos coisa alguma para irritar você.

Merda. Porra. Não tinha uma resposta para aquilo, e se era por isso que ela parecia estar magoada, eu odiava tudo mais ainda. A ideia de que ela pudesse sentir alguma coisa por Brad acabava comigo. Não conseguia lidar com isso. Não, não éramos mais Addy e River do nosso passado, mas, porra, eu não ia me sentar e deixar que ela se apaixonasse por outro homem quando eu tinha sido o único que ela já conheceu.

Saber disso me manteve acordado a noite toda. Addy tinha sido tocada apenas por mim. Ela foi minha e ainda era minha. Quer ela quisesse admitir ou não, ela tinha se guardado para mim. No seu coração, ela era minha. Isso fazia eu me sentir como um homem das cavernas, porra. Eu queria isso. Adorava isso. Era obcecado por isso. E queria manter isso desse jeito. O fato era que eu não tinha como manter todos os Brad fora da vida dela, e nem ela merecia isso. Não era justo.

Especialmente porque eu era muito perturbado para ser o que ela precisava.

Sei que ela estava esperando pela minha resposta. Eu podia mentir. Seria mais fácil para nós dois. Mas eu não queria mentir para ela.

– Eu estava com ciúmes – disse simplesmente. Os olhos dela se arregalaram e ela não disse nada, mas a surpresa no seu rosto significava que eu precisava dizer mais alguma coisa. Ela ficaria com a impressão errada. – Você tinha acabado de me dizer que eu era o único homem com quem você já esteve. Sentimentos antigos voltaram com toda intensidade e, não vou mentir para você, Addy, para um homem isso é bastante forte. Especialmente quando tivemos a ligação que tivemos. Uma ligação que permaneceu em mim e mudou o rumo da minha vida. Saber que você só esteve comigo, bem, aquilo me pegou despreparado. Quando vi que Brad estava fazendo você rir, eu disparei. A possessividade, que não tenho direito algum de sentir, veio à tona e eu agi como um idiota. Eu não deveria ter feito aquilo. Não vou fazer de novo. Sinto muito.

Addy soltou um suspiro e concordou com a cabeça. Ela manteve a expressão neutra. A única coisa que a entregava um pouco eram os seus olhos. Eles estavam inseguros. Disso eu sabia. Eu não ia enganá-la. Não

podia fazer isso com ela ou com nossa filha. Precisávamos ser amigos. Isso era uma coisa que eu podia dar a ela. Eu manteria a sujeira das minhas mãos longe dela.

– Quero fazer parte da vida de Franny. Ela é perfeita. Pensei que ela fosse totalmente como você, mas ela só se parece com você. Tem coisas minhas nela também, e ver isso é o presente mais precioso que já recebi. Por muito tempo, você foi a única família que teve importância na minha vida. Agora você me deu alguém que é parte de mim. Alguém que posso amar incondicionalmente.

Os olhos de Addy se encheram de lágrimas, e ela fungou e concordou com a cabeça.

– Certo. É. Eu também quero você na vida dela. Ela quer você na vida dela. Ela já está contando para todo mundo na escola que o pai dela é o homem mais alto e mais forte da Terra. – Ela segurou as lágrimas. – Algumas vezes, nosso passado vai vir à tona. É impossível que isso não aconteça. As emoções vão ficar emboladas, e não acredito que tenhamos como evitar que isso aconteça. Mas quero que Franny tenha você na vida dela. Quero que ela tenha o que não tivemos.

Addy já deu isso a ela, mas eu entendia o que ela queria dizer. Eu queria isso também. Eu só tinha que proteger Addy de mim enquanto dava a elas o que precisavam.

Addy

As coisas no trabalho fluíram tranquilamente com Capitão depois que ele esteve lá em casa. Tentei não desejar mais do que isso. Toda vez que ele sorria para mim ou que fazia uma piada me olhando para ver se eu ria, meu coração derretia um pouco mais. Eu conhecia aquele cara. River estava começando a aparecer, e toda vez que ele aparecia, eu me apaixonava um pouco mais.

Brad tinha recuado bastante, e, na verdade, eu estava aliviada. Não queria ficar com a sensação de ter que tomar cuidado se ele desse em cima de mim. Capitão disse que não reagiria daquela maneira de novo, mas eu simplesmente não gostava da ideia de ver Capitão incomodado ao me ver com Brad. Talvez isso fosse coisa de mulher fraca e talvez eu devesse ser mais forte. Fazê-lo sofrer. Mas eu não gostava de fazer joguinhos. Não ia começar agora.

Não estava interessada em Brad de um jeito romântico, então usá-lo para atingir Capitão era errado. Por sorte, Brad entendeu a dica de Capitão e recuou completamente. Agora ele só acenava com a cabeça quando me via. Raramente me dava um sorriso.

Quando isso não me afetou, percebi que Brad esteve apenas preenchendo o vazio com o qual vivi por dez anos. Ele merecia mais do que alguém para preencher vazios. Ele era um cara muito legal. Só não era o cara que eu queria.

A noite em que jantaríamos com Capitão chegou. Franny estava extremamente agitada desde que voltara da escola. Ela já tinha me perguntado três vezes se o vestido de praia que ela estava usando era bonito. Era o vestido favorito dela, e vê-la com tanta vontade de agradar Capitão me fez sorrir.

– Venha aqui – disse a ela, secando minhas mãos depois de lavar o resto da louça da manhã.

Ela veio até mim, me olhando com seus olhos tão parecidos com os meus.

– Seu pai acha você a garotinha mais bonita e perfeita que ele já viu. Ele tem orgulho de você. Vai adorar esse vestido, mas também adoraria o short jeans e a camiseta que você estava usando mais cedo. Para ele não importa o que você veste. O amor dele não é algo que você tenha que conquistar. Ele te amou no momento em que descobriu que você era dele. É assim que um bom pai ou uma boa mãe são. Amamos incondicionalmente porque não conseguimos evitar. Você é nossa.

Franny soltou um suspiro e sorriu, como se eu tivesse acabado de tirar um enorme fardo de seus ombros.

– Está bem – sussurrou ela. – Isso é bom. Porque eu não quero que ele vá embora.

Esse tipo de medo era uma coisa com a qual eu não queria que ela tivesse que lidar. Eu ia conversar com Capitão sobre isso. Eu tinha sido honesta com ela sobre não ter como controlar o que acontece com o pai. Ele ainda poderia ir embora de Rosemary Beach, mas eu esperava que não fosse. Ele precisava saber que Franny estava sofrendo com isso. Somente Capitão poderia tranquilizá-la. Não eu. Ela sabia que eu sempre estaria aqui. Éramos um time. Capitão ainda não tinha entrado para o time. Ela não confiava nele dessa forma. Ele precisava conquistar isso.

– Vamos aproveitar essa noite. Você terá toda a atenção dele – incentivei, evitando o resto do seu comentário.

Franny me deu um sorriso torto, igual ao do pai dela. Mas não disse isso a ela.

– Não toda a atenção dele – retrucou ela, então se virou e foi pavoneando para a sala de estar.

Não perguntei o que quis dizer com aquilo. Seus pensamentos ecoavam por todo o lugar.

– Ele chegou! – gritou ela, assim que os pneus da caminhonete passaram por cima das conchas da entrada da garagem. – Ele chegou mais cedo! – completou, correndo para a porta.

Ele estava dez minutos adiantado. Isso significava muito para Franny. Esperei onde eu estava e deixei que ela abrisse a porta e o cumprimentasse.

Os olhos de Capitão imediatamente se voltaram para Franny quando ela abriu a porta assim que o viu chegar no último degrau.

– Oi – disse ela, no seu tom borbulhante, que significava que tudo estava certo com o mundo dela. Graças a ele.

Capitão sorriu, e os cantos dos seus olhos se enrugaram, coisa que era nova para mim. Eram as marcas de um homem. Um homem que sorriu por dez anos. Ele teve motivos para sorrir. Eu era grata por isso. Não queria pensar nele como uma pessoa infeliz.

– E não é que você está linda? – disse ele, e eu sinceramente podia ter dado um beijo nele ali mesmo.

Ele disse exatamente o que ela precisava escutar. Eu também queria beijá-lo porque ele estava irresistível naquela camisa azul e a calça jeans desbotada. Um homem não deveria ser tão bonito assim. Não era justo.

– É o meu vestido preferido – disse ela, e girou para mostrar como a saia rodava.

– Estou vendo o porquê – respondeu ele, e ela sorriu ainda mais radiante.

Quando ele levantou o olhar e me encarou, eu desejei que meu coração não tivesse acelerado. Não precisávamos disso. Não era o que ele queria. Era um grande erro eu me sentir atraída por ele. Era um erro ainda maior sentir coisas por ele. Ele poderia me destruir.

– Tal mãe, tal filha – disse ele, com um leve sorriso. – Não é todo dia que um homem consegue sair com duas das garotas mais bonitas da cidade.

Franny deu uma risadinha e se virou para trás para olhar para mim. Consegui me segurar e sorri de volta. Fui até o aparador onde havia deixado minha bolsa. De costas, respirei fundo e me parabenizei mentalmente.

– Muito bem, sortudo, vamos lá.

Tentei soar brincalhona, mas tive medo que minha voz tivesse estremecido um pouco.

Capitão deu sua mão para Franny, que imediatamente enfiou sua pequena mão na dele e o levou para fora. Eu queria parar de andar e apenas observá-los. Ele era tão grande e masculino, e, por vezes, parecia perigoso. Mas vê-lo com a pequena mão de Franny na sua, a cabeça dela inclinada para cima, batendo papo, era de tirar o fôlego.

Coloquei as mãos na barriga e mandei meus ovários se acalmarem antes que entrassem em combustão. *Deixa disso, Addy.*

Franny subiu na parte da frente da caminhonete de Capitão e foi mais para o lado para que eu coubesse também. Mas eu precisava de espaço para me recompor. Optei por ficar na parte de trás de sua cabine estendida. Franny colocou o cinto de segurança rapidamente e começou a contar para Capitão sobre todos os momentos do seu dia.

Escutei ele responder quando era necessário, e era óbvio que ele estava se divertindo. Não podia imaginá-lo indo embora de Rosemary Beach. Não quando ele queria esse relacionamento. Pelo bem de Franny, essa era outra conversa que eu teria que ter com ele.

No fundo, eu sabia que não queria que ele fosse embora por razões egoístas, também. Apesar de Franny vir sempre em primeiro lugar, pela primeira vez desde que a segurei nos meus braços, eu queria uma coisa para mim também. Uma coisa que na verdade eu nunca poderia ter, então eu precisava lidar com isso, e rápido. A felicidade de Franny vinha em primeiro lugar.

Capitão

Não consegui sair da caminhonete tão rápido como queria. Era incrível conversar com Franny. Ela queria me contar tudo, e eu amava isso.

Mas, por Deus, Addy estava tão cheirosa que minhas mãos estavam suando. O perfume dela tomou conta da minha caminhonete, e cada pequeno movimento que ela fazia era como um choque nos meus sentidos. Estava tão nervoso quando estacionamos que empurrei minha porta e saltei da caminhonete só para respirar fundo um ar que não estivesse repleto do cheiro de Addy.

Clarear minha mente era o mais importante agora. Estava conhecendo minha filha e construindo uma amizade com a mãe dela. Não ficar de pau duro toda vez que eu pensasse na pele macia de Addy era o mais importante agora.

Meu Deus, eu estava ferrado.

Respirei mais uma vez o ar sem o cheiro de Addy antes de passar pela frente da caminhonete para abrir a porta de Franny e ajudá-la a descer. Addy abriu sua porta e saiu. Queria ajudá-la também, mas ela não esperou, então deixei por isso mesmo. Ela queria definir essa coisa entre nós, e eu tinha que aceitar.

Eu estava cedendo rápido. Era difícil segurar minhas boas intenções com ela perfumada como o céu, aparentando ser um anjo e usando a porra de um vestido vermelho. O maldito vestido não estava deixando eu tirar os olhos dela.

– Que lugar é esse? – perguntou Franny.

– É a melhor hamburgueria da região, e fica dentro d'água. Pensei em sair de Rosemary Beach para fazermos algo diferente. Aqui é Grayton Beach. Você vai gostar. Tem música ao vivo na água, na parte de fora, se quiser escutar depois de comermos.

Ela sorriu animada e concordou com a cabeça. Estava começando a achar que ela ficaria feliz com qualquer coisa que eu sugerisse. Essa foi uma humilde constatação. Essa garotinha tinha acabado de me conhecer e já queria estar perto de mim, conversar comigo, que eu fizesse parte de sua vida. Isso deveria ter sido mais difícil, mas, com Franny, nada era difícil.

Agora, com sua mãe... afastei aquele pensamento. Eu não estava pensando em Addy agora. Eu faria isso sozinho, em casa, hoje à noite.

– Eu sei tocar violão – anunciou Franny, me observando de perto. – A mamãe me ensinou. Mas ela toca melhor.

Impossibilitado de não olhar para Addy, que estava caminhando silenciosamente atrás de nós, me permiti me perder por um momento em um tempo em que éramos nós, em que ela tocava apenas para mim. Eu me lembrei de quando troquei a coleção de figurinhas de beisebol que meu pai tinha me dado, e que o pai dele tinha dado para ele, por um violão usado em uma loja de penhores. Addy nunca soube como eu consegui o violão, e eu nunca disse a ela, mas ela adorou. Nós o deixávamos escondido embaixo da cama dela, e ela só tocava na lagoa ou quando minha mãe não estava em casa. Quando ela foi embora – quando pensei que ela tivesse morrido –, peguei o violão debaixo da cama dela. Estava agora em uma caixa, guardado com segurança na garagem do barco. Eu não o pegava fazia anos.

Essa noite eu o pegaria. Segurá-lo agora não causaria uma dor insuportável. Quando fosse o momento, eu o devolveria a sua legítima dona.

Addy desviou os olhos para os meus, e um sorriso tocou seus lábios.

– Franny é uma violonista nata – disse ela.

Me forcei a desviar o olhar dela.

– Aposto que é. A mãe dela é incrivelmente talentosa – disse, olhando reto para a frente, para que nenhuma das meninas pudesse ver meus olhos. Eles diriam mais do que precisava ser dito.

– A mamãe tocava para você quando você amava ela? – perguntou Franny com inocência.

Quando você amava ela. Aquelas quatro palavras eram muito fortes. Apenas concordei com a cabeça.

– Ela costumava tocar para mim à noite e cantar músicas até eu dormir. Então ela me ensinou a tocar – continuou Franny.

Mais uma coisa que Addy havia dado para nossa filha.

– Ei, eles têm torta de limão artesanal aqui! – disse Franny, dando pulinhos de alegria. – Olha aquela placa. É a melhor do mundo. Eu adoro torta de limão.

– Então nós vamos pedir uma torta inteira e comer até ficarmos enjoados – brinquei.

Ela riu e depois olhou de volta para sua mãe.

– Acho que ele está brincando. Não vou comer até ficar enjoada.

A risada suave de Addy me fez sentir um arrepio quente na coluna.

– Tenho certeza de que ele está brincando.

– Eu? Brincando? Estou falando muito sério – insisti, olhando para trás, por cima do ombro, e piscando para ela.

A faísca de calor nos olhos dela não passou despercebida.

É. Estávamos ferrados. Se ela me desejava tanto quanto eu a desejava, estávamos muito ferrados...

Franny largou minha mão e subiu correndo os degraus até a porta do restaurante. Eu a segui e coloquei nosso nome na lista com a recepcionista. Quando me virei para procurá-las, vi Franny analisando o grande aquário de água salgada. Addy estava atrás dela, apontando para diferentes peixes e dizendo a ela o que eram. As duas eram muito bonitas. Eu podia ver os outros olhando para elas. Um cara, no bar, estava olhando para Addy com interesse. Olhei para ele em sinal de advertência, enquanto caminhava até elas, e coloquei a mão nas costas de Addy, próximo a sua cintura.

O homem olhou para mim e depois olhou de volta para seu drinque. Ele entendeu a mensagem. Então eu vi que Addy estava me encarando. Ela tinha ficado bastante rígida.

Levei um tempo para perceber que minha mão a havia deixado tensa. Não tinha como ignorar o fato de que eu tinha acabado de tocá-la com um gesto que demonstrava posse. Por mais que eu não quisesse, tirei minha mão e olhei para o tanque.

– Estou impressionado como sua mãe sabe o nome de todos esses peixes.

Franny olhou para mim e sorriu.

– Mamãe sabe de tudo – informou ela com total sinceridade, então se voltou para o aquário.

Discordo. Se ela soubesse de tudo, saberia que aquele vestido e perfume que estava usando estavam me deixando louco. O fato de eu ter tocado suas costas como se ela fosse minha não a teria surpreendido. Se ela soubesse de tudo, saberia que eu estava por um fio.

– Kipling, mesa para três – disse a recepcionista atrás de mim.

– Somos nós. – Peguei a mão de Franny.

– Eba!

A pequena mão dela segurou firme a minha, e fomos de mãos dadas até a nossa mesa, atrás da recepcionista. Eu havia solicitado uma mesa na janela, para que tivéssemos uma vista. Franny se sentou na cadeira ao lado da janela e olhou para mim, esperançosa. Sabia onde ela queria que eu ficasse. Eu me sentei no banco ao lado dela, e ela sorriu e olhou para a água lá fora.

Addy se sentou na cadeira a minha frente. E pude sentir o seu cheiro.

– Olha, estão jogando vôlei lá fora – disse Franny, apontando para alguns garotos na praia.

Eu tentava não pensar em que não deveria a respeito de Addy e tentava manter o foco na minha filha. Essa noite poderá ser a mais longa da minha vida, mas não conseguia me imaginar querendo estar em outro lugar que não fosse aqui.

Addy

Quando Capitão entrou na nossa garagem, Franny já havia caído no sono no banco da frente. Ele estacionou e olhou para mim com um sorrisinho.

– Nós a deixamos esgotada.

– Ela mesma se esgotou. Queria ter um quarto da energia dela – respondi, abrindo minha porta. – Mas ela aproveitou esta noite. Obrigada por torná-la especial.

Eu estava com a torta de limão no colo. Os olhos dela brilharam quando a torta chegou à mesa, e embora ela mal tivesse conseguido acabar a fatia, o que importava era que ele havia comprado a torta inteira.

Desci da caminhonete enquanto Capitão andava até o nosso lado. Ele começou a abrir a porta de Franny, mas parou e olhou para mim.

– Você gostou da noite de hoje?

A pergunta dele foi sincera. Como se quisesse que eu dissesse que sim.

Eu havia tido uma noite maravilhosa, mas, em alguns momentos, me esqueci o que éramos e o que não éramos. Os limites haviam ficado confusos de novo, e a fantasia de que éramos a família feliz que o atendente pensou que fôssemos era fácil de ser comprada. Eu não podia deixar que Franny criasse essa expectativa.

– Foi muito legal. Obrigada – respondi.

Ele inclinou a cabeça e me analisou por um momento.

– Só legal, é?

O fato de que aquele homem precisava de uma confirmação era fofo. Eu queria tirar aquele olhar do rosto dele com um beijo, mas rapidamente saí do meu momento de delírio e recuei.

Capitão me seguiu no seu próprio ritmo. Confusa, fiquei olhando para ele, imaginando o que isso significava. Não podia ficar fazendo joguinhos.

– Não – disse ele suavemente, quando comecei a me afastar de novo. – Apenas por um momento, me deixe ficar perto de você. Sei que não é isso que você quer. Não seria inteligente. Mas... – ele fechou os olhos com força e trincou os dentes. – Eu preciso tocar em você.

Ah, meu Deus. Ah. Meu Deus. Congelei e era impossível me mexer.

Ele chegou mais perto, até que o peito dele quase encostou no meu. Já estivemos nessa situação antes. Não tinha acabado bem. Mas, embora minha cabeça estivesse gritando para eu parar, meu coração estava pulsando, e o frio na minha barriga tinha ficado mais forte.

– A noite toda estive mergulhado no seu cheiro – disse ele em um sussurro rouco, e baixou a cabeça, aproximando o nariz do meu pescoço.

Soltei uma respiração trêmula enquanto o escutava inspirar profundamente.

– É incrível. Toda a minha caminhonete está com o seu cheiro agora. Não vou conseguir tirar você da minha cabeça. Não que antes eu conseguisse.

Suas palavras fizeram meu cérebro ficar um pouco enevoado. Não era bom. Uma de suas mãos tocou minha cintura e desceu até se acomodar nos meus quadris.

– Isso é tão bom – disse ele, ainda passando o nariz ao longo da pele sensível do meu pescoço. – Nada nunca foi tão bom assim.

Eu deveria ter saído dali. Deveria ter dito alguma coisa. Em vez disso, me agarrei nos seus bíceps para manter o equilíbrio. Eu era uma idiota, mas na hora, não me importava. Eu queria mais.

Quando os lábios dele tocaram a base do meu pescoço, inspirei tão bruscamente que me assustei e me

segurei ainda mais forte nele.

– Só me deixe provar um pouco. Preciso provar um pedacinho seu. Juro que vou parar.

Não sabia se ele estava me implorando ou convencendo a si mesmo.

Se eu conseguisse falar alguma coisa, diria que eu estava à disposição dele, e que ele podia fazer o que quisesse comigo. Fazia tanto tempo que eu tinha sido tocada assim. Muito tempo.

A outra mão dele deslizou sobre o meu quadril e então pelas minhas costas até pressionar minha bunda. Ele me puxou para perto enquanto seus lábios faziam uma trilha de beijos da minha clavícula até o meu pescoço.

Minha cabeça tombou para trás, dando a ele mais acesso ao meu pescoço. O meu corpo estava se tornando um líquido quente, e eu tinha certeza que ele podia fazer o que quisesse a essa altura, e eu deixaria.

Sua outra mão deslizou pelos meus cabelos até segurar a minha nuca, enquanto ele beijava o meu pescoço e parava para dar pequenas lambidas onde minha pulsação batia com intensidade. Ele pressionou sua língua sobre um pequeno ponto e gemeu.

– Preciso da sua boca de novo, Addy – disse ele. Antes de eu sequer pensar em responder, ele cobriu minha boca com a dele.

Dei a ele o que ele queria, porque eu queria isso também. Os seus lábios carnudos me fizeram tremer e me agarrei desesperadamente a ele. Ele me ergueu até que nossos corpos ficaram na mesma altura. A fricção que eu sentiria se abrisse minhas pernas e envolvesse o corpo dele era tão tentadora que eu tive que me esforçar para não fazer isso. Eu precisava parar com isso.

Franny estava dormindo na caminhonete, mas, se ela acordasse, nos veria e isso a deixaria confusa. Ela pensaria que alguma coisa estava acontecendo, quando não estava. Porque isso não mudava nada.

Ele disse que queria apenas amizade. Então por que eu estava dando isso a ele? Arranquei minha boca da dele e o empurrei para longe. Para ganhar espaço. Clarear minha mente. Meu Deus, eu era muito fraca. Franny podia ter acordado e visto aquilo. No que eu estava pensando? Quando eu havia me tornado tão descuidada? Furiosa comigo mesma, empurrei a necessidade persistente para longe. Franny vinha em primeiro lugar.

– Não podemos fazer isso – falei, parecendo que havia acabado de correr oito quilômetros.

O olhar de Capitão era muito intenso, então olhei para a lua por cima do ombro dele. Não podia olhar para ele agora. Também estava sentindo o calor que ele sentia. Só não sabia o que iríamos fazer com aquilo. Porque sessões de transa rápida não faziam a minha cabeça.

– Lutei comigo mesmo para não tocar em você a noite toda e só... – ele fez uma pausa. – Eu perdi o controle por um minuto. Eu precisava tocar em você e sentir o seu gosto de novo.

Bem, ele ganhava pontos pela honestidade. Olhei para a caminhonete e fiquei feliz que Franny ainda estava dormindo.

– Preciso colocá-la na cama. Está tarde.

– Eu levo ela para dentro – disse Capitão, virando-se para abrir a porta da caminhonete e pegar nossa filha.

Abri a porta de casa. A brisa da noite e as respirações profundas me ajudaram a resfriar minha pele, que estava ruborizada. Eu podia sentir os olhos de Capitão em mim enquanto ele entrava, mas eu não olhava para ele. Não podia. Ele tinha que saber como isso fazia eu me sentir. Isso não era justo. Ele não estava sendo justo.

– Onde a coloco? – sussurrou.

Indiquei com a cabeça a direção do quarto e fui na frente, para poder puxar as cobertas.

Tirei as sandálias dela e rapidamente a acomodei na cama, dando um beijo na sua testa enquanto ela se aninhava ainda mais nas cobertas. Quando me virei, Capitão estava olhando ela dormir. O amor nos olhos dele me causou uma sensação estranha no estômago, e tive que deixá-lo lá. Se ele queria se entregar àquele momento, tudo bem. Mas eu não precisava ficar assistindo. Aquilo mexia com outros tipos de sentimento que eu tinha.

Percebi que ele estava vindo atrás de mim. O barulho suave da porta do quarto se fechando me fez desejar ter ficado lá dentro com Franny. A salvo dele. A salvo da minha fraqueza e das emoções.

– Não vou me desculpar pelo que aconteceu lá fora – disse ele, com a voz baixa.

Não me virei para olhar para ele.

– Correspondi porque quis. Você não precisa se desculpar.

Ele soltou um suspiro forte.

– Puxa, Addy. Olhe para mim.

A ideia de olhar para ele me assustava. Mesmo agora, meu corpo ainda estava agitado. Olhar para ele não iria ajudar.

– Está tarde – falei.

Ouvi seus passos pesados e fiquei tensa quando se aproximou de mim. Se ele me tocasse, eu tinha que lembrar a mim mesma. Nossa filha estava dormindo no quarto ao lado.

– Eu quero proteger você. De tudo. Sempre protegi. Mas não acho que possa protegê-la de mim. Pensei que pudesse. – A voz dele estava tão próxima que eu podia sentir o calor da sua respiração. – Não consigo. Eu quero muito ter você para mim. Quero poder tocá-la. Não acabou para mim, Addy. Nada daquilo se foi.

Dei um passo para trás e esbarrei no bar.

– Por que você acha que tenho que me proteger de você? – perguntei. – Quando foi que eu precisei disso?

Ele olhou para mim, e pensei que fosse se afastar, mas, em vez disso, ele passou as costas dos dedos pelo meu braço e pela minha mão em uma suave carícia.

– Eu fiz muitas coisas. Coisas que me modificaram. Pensei que estava muito acabado para algum dia me sentir assim de novo. Não pensei que minha alma escurecida poderia precisar, querer, desejar alguém novamente.

Apesar de querer saber o que ele havia feito, não estava me apegando a isso no momento. Ele me queria, precisava de mim e me desejava.

– Acho que você trouxe parte de mim de volta à vida. A maior parte de mim. A parte que perdi quando pensei que você tivesse morrido. Eu nunca mais tinha me sentido assim.

Sua mão deslizou até a minha e deixei que ele entrelaçasse seus dedos nos meus.

– O que é que estamos fazendo? – perguntei.

– Tudo. Estamos fazendo tudo. Estou aqui por inteiro. Sempre estive por inteiro para você. Isso não mudou.

Nossa. Não esperava por isso.

– O que estar "por inteiro" significa? – perguntei.

Não queria ter falsas esperanças.

Ele pegou meu rosto com a mão que estava livre. Sua outra mão ainda estava segurando a minha.

– Eu quero você. Quero nossa filha. Quero ser mais do que uma parte da vida de vocês. Quero estar nas suas vidas. Mas, agora, eu quero você. Quero tanto ter você que não consigo me concentrar.

Minha boca se entreabriu quando o encarei.

– Vamos ali fora na minha caminhonete. Só preciso tocar um pouco em você, Addy. Por favor – implorou ele, me puxando para junto de si.

Ele não me beijou. Ele ficou me encarando enquanto esperava pela minha resposta.

Franny tinha um sono profundo. Era seguro ir com ele.

Ela não poderia nos escutar lá fora.

– Tudo bem – sussurrei.

Ele fechou os olhos por um momento e então apertou mais a minha mão, caminhando tão rápido que eu quase caí. Ele praticamente me puxou porta afora. Quando chegamos nos degraus, ele me pegou no colo e deu vários passos largos até sua caminhonete, então abriu a porta.

Caí de costas com os cotovelos no banco de trás e o encarei enquanto ele pairava sobre mim. Seus olhos lentamente percorreram o meu corpo, até que pousaram na barra do meu vestido, que subiu quando deslizei para trás, deixando minhas coxas e parte da calcinha vermelha, que combinava com o vestido, à mostra.

– Vermelha – disse ele, então olhou para mim. – Caramba, ela é vermelha. Estava a noite toda atormentado,

imaginando de qual cor ela devia ser. Nunca pensei que ela estaria combinando com esse vestidinho sexy.

O vestido não era sexy. Era um vestido vermelho simples. Gostava do jeito que ficava em mim.

Ele ficou olhando para o meu rosto enquanto passava a mão pela minha perna. Seus dedos deslizaram entre as minhas coxas que estavam juntas, então ele as abriu.

– Eu quero isso – disse ele, levando sua boca até a minha.

Eu também queria, e se ele não me desse, eu pegaria de qualquer jeito.

A boca dele tocou a minha, e eu me arqueei para sentir o seu gosto. Eu amava os lábios dele. Quanto mais ele me beijava, mais obcecada eu ficava por eles. Eu queria mordê-los e lambê-los. Queria senti-los no meu corpo. Tremi quando meus pensamentos se tornaram mais impróprios do que eu havia permitido que eles fossem por muito tempo.

Capitão moveu a mão até que seus dedos tocaram o cetim da minha calcinha. Eu estava encharcada e sabia disso, mas fazia tanto tempo e eu queria ele tanto que não pude evitar. Ele interrompeu o beijo, mas não se afastou dos meus lábios.

– Tão molhada. Isso é muito excitante. Vou precisar provar isso, gata.

Queria implorar para que ele fizesse exatamente isso, mas, em vez disso, eu gemia. Que era tudo que ele precisava.

Capitão praguejou com um rosnado, e então suas mãos foram para baixo do meu vestido, para tirar minha calcinha. Levantei meus quadris e minhas pernas, ajudando-o a me livrar daquela barreira indesejada.

Ele cheirou a calcinha com um sorriso malicioso, então a dobrou cuidadosamente e a colocou no painel, como se tivesse todo o tempo do mundo. Eu rebolei, precisando de alguma coisa. O gesto era doce e verdadeiramente sexy, mas parecia que meu corpo estava pegando fogo.

– Calma – disse ele, deslizando a mão pela minha perna. – Vou fazer de um jeito gostoso. Eu juro.

Então ele levantou minha perna e a colocou por cima do seu ombro, antes de fazer o mesmo com a outra.

Parei de respirar quando ele me encarou, abaixando a cabeça até o primeiro toque que me fez quase sair voando do banco. Gani, mas a língua dele deslizou de novo sobre o meu clitóris inchado, e comecei a gemer. Aquilo era muito bom. Tinha estado tanto tempo sem, e aquilo ia ser demais para mim. Agarrei os longos cabelos dele com minhas mãos, enquanto ele continuava seu doce tormento, me tocando.

Cada lambida fazia eu ter vontade de me agarrar em alguma coisa. Implorar e suplicar. O prazer estava crescendo rápido, e meu corpo estava pronto para o que vinha vindo. Quando o calor explodiu dentro de mim, joguei minha cabeça para trás e meu corpo tremeu, enquanto Capitão continuava com seus beijos íntimos.

Quando saí do meu êxtase, ele beijou a parte interna das minhas coxas, devagar tirou minhas pernas de seus ombros e se ergueu para ficar por cima de mim. Através do meu atordoamento de felicidade, olhei fixamente para ele.

O sorriso largo no rosto dele me fez rir. Ele estava se vangloriando por dentro por ter me feito perder o controle daquela maneira. Estava me sentindo tão bem que não me importava. Ele podia se vangloriar o quanto quisesse. Se eu apenas pudesse ter mais um pouco daquilo de novo.

– Está se sentindo bem? – perguntou ele, esfregando o meu lábio inferior com seu polegar.

Assenti com a cabeça. Eu não conseguia evitar o sorriso idiota no rosto.

– O seu gosto estava incrível – disse ele com a voz rouca. – Tão bom que eu poderia provar um pouco mais.

Eu gostei muito dessa ideia.

A evidência da sua excitação estava pressionando a minha coxa. Ele ainda estava com a calça, mas eu podia sentir a rigidez e queria aquilo também. Queria fazê-lo se sentir tão bem quanto ele me fez.

Movimentei minha coxa para esfregá-la na sua ereção, e ele soltou um chiado por entre os dentes.

– É a minha vez – disse eu, fazendo o movimento de novo.

Dessa vez ele mexeu os quadris, provocando a fricção.

– Nada disso. Essa noite é só sua. Eu queria aquilo – disse ele, me imobilizando para que eu não conseguisse alcançar o seu zíper e libertar o que eu queria.

– Mas eu quero – insisti, deixando minhas pernas caírem abertas para que ele ficasse entre elas.

Tudo que ele tinha que fazer era subir um pouquinho para pressionar onde eu queria.

– Porra, Addy – disse ele sem fôlego, movendo os quadris de modo que meu calor ficasse junto ao dele.

Eu queria mais do que isso. Queria dar mais a ele.

– Deixa – falei, movendo minha mão para baixo, para segurá-lo através da calça jeans. Ele fechou os olhos quando toquei sua rigidez. – Quero tocar você – disse, tentando desabotoar sua calça.

Ele abriu os olhos e olhou para mim. A vontade me fez tremer e apertá-lo mais forte. Ele cerrou os dentes.

– O que é que você quer? – perguntou ele, movendo os quadris.

– Quero seu pau na minha boca – respondi ousadamente, enquanto o apertava com delicadeza.

Ele soltou um gemido e se afastou de mim até ficar sentado. Me apressei para ficar de joelhos ao lado dele antes que ele mudasse de ideia.

– Não era minha intenção que você fizesse isso, mas, porra, não tenho como negar com você me pedindo assim.

Rapidamente tirei a calça dele até que o segurei em minhas mãos. Ele soltou um chiado entre os dentes de novo e bateu com a cabeça no encosto do banco, mas não tirou os olhos de mim. Gostava de saber que ele queria me ver fazendo isso. Abaixando minha boca, beijei a ponta, e ele tremeu com meu toque. Adorava o poder que isso me dava.

Queria fazê-lo tremer. Queria que ele se desmanchasse na minha boca da mesma forma que ele havia feito comigo. A ideia me excitava, e eu sentia o calor entre minhas pernas começar a aumentar novamente. Separei levemente minhas pernas e agarrei a base do pau dele com uma das mãos, então deslizei minha outra mão entre minhas próprias pernas para amenizar a dor suave que tinha retornado.

– Caraaaalho – gemeu ele, e olhei para cima e o vi me observando enquanto eu me tocava. – Vou gozar só de olhar para isso, gata.

Sorrindo, deslizei os lábios sobre ele até que a cabeça bateu no fundo da minha garganta, me fazendo sufocar.

– Calma, gata. Não vai se machucar. Não quero que faça isso.

A preocupação na voz dele veio junto com uma corpulência que me fez entender que assim como ele não queria que eu me machucasse, também estava gostando daquilo.

Chupei com força enquanto o tirava da minha boca com um estalo.

– Eu gosto assim – disse a ele, então o coloquei de volta na minha boca enquanto ele enrijecia.

Eu tinha total poder sobre ele.

Eu gosto assim.

O que ela quis dizer com isso? Ela me falou que nunca esteve com mais ninguém, e da última vez não sufocou. Fiquei olhando para ela enquanto a cabeça do meu pau deslizava dentro da sua garganta. Na hora não me preocupei com o que ela queria dizer.

Meu Deus, ela era maravilhosa.

Desviei minha atenção para a mão que ela colocou entre as coxas abertas, e o meu pau latejou na sua boca apertada e quente. Nunca tinham me feito um boquete tão bom assim. Ela não era uma especialista, mas o fato de estar fazendo o melhor que sabia, com sua bunda redonda empinada no ar enquanto tinha um orgasmo, tornava real a minha fantasia.

Ela gemeu, e a vibração me fez contrair a barriga na tentativa de não gozar na sua boca. Eu não podia fazer isso com ela. Nunca tinha feito quando éramos mais jovens.

Ela colocou a língua para fora e lambeu a cabeça sensível do meu pau, então eu a peguei pelos cabelos e a afastei de mim.

– Vou gozar – arfei, precisando me controlar para não atingir o seu rosto.

Ela olhou para mim, enquanto enfiava o meu pau na garganta, ao mesmo tempo em que atingia o clímax com sua mão, tremendo e gemendo. Fiquei maluco. Segurando a cabeça dela, mas não querendo que ela parasse agora, ejaculei na sua garganta, e ela engoliu tudo, sem se levantar ou engasgar nem uma vez.

– Porra, Addy, porra, gata – grunhi de prazer.

Vê-la me engolir daquele jeito me deu vontade de fazer a coisa ficar mais forte. O tipo de sacanagem que eu gostava. A ideia só fez o meu pau voltar à vida, enquanto ela vagarosamente tirava os lábios de mim e sorria, para então lamber o restinho que tinha escorrido da sua boca. O sorriso de satisfação no rosto dela era muito encantador. Peguei a mão que havia estado entre as pernas dela e agarrei o seu pulso, trazendo para a minha boca para que eu pudesse chupar os seus dedos.

– Ah – murmurou ela, me olhando, com as pernas ainda abertas, enquanto se ajoelhava no assento, me olhando.

Quando acabei de limpar os seus dedos, deixei a mão dela cair e perguntei o que eu realmente precisava saber, mas estava com medo de perguntar.

– Como você sabe que gosta de sufocar?

Primeiro ela franziu a testa, então ela entendeu e sorriu, baixando a cabeça de um jeito tímido. Como ela podia ficar com vergonha de mim agora, depois de tudo isso?

– Só porque não estive com nenhum outro homem, não significa que eu não tenha utilizado minha imaginação para me satisfazer.

Não tinha certeza se gostava daquela resposta.

– E quem você imaginava? – perguntei, ainda precisando escutar que ela só tinha imaginado comigo.

Mesmo que isso não fosse justo, não podia evitar.

Com a expressão mais sincera que já vi, ela simplesmente disse:

– Você. Com quem mais eu poderia fantasiar?

Eu a peguei e puxei para o meu colo, sorvendo sua boca.

Quando ela pressionou seu sexo molhado sobre o meu pau quase duro, tive que interromper o beijo e empurrá-la para trás. Se ela fizesse isso, eu acabaria transando com ela ali mesmo no banco de trás, e

ficaríamos nessa caminhonete a noite toda. Não queria que nossa primeira vez depois de tanto tempo fosse ali. Ela merecia mais. Já havia deixado ela me chupar. Tinha que me controlar. Ela não era uma vadia. Era minha Addy.

– Não. Aqui não. Não desse jeito. – Minha voz ficou alterada. Era impossível não notar a vontade, que doía. Addy se aproximou mais, e eu a impedi. Afastá-la de mim ia contra os meus instintos, mas não ia deixar que isso acontecesse desse jeito. Eu me odiaria por isso. – Addy, gata, não nessa maldita caminhonete. Pelo menos não a primeira vez.

– Essa não é a primeira vez, ou você se esqueceu? – perguntou ela, inclinando a cabeça para o lado com um sorriso provocante.

– Eu nunca esqueci. Nunca vou esquecer – respondi, segurando seu rosto com a minha mão. – Sempre esse rosto.

Eu não disse mais nada. Ela sabia o que eu queria dizer. Nenhum de nós precisava que eu explicasse.

Ela fechou os olhos e apoiou o rosto no meu toque.

– Está bem – sussurrou.

O sentimento de precisar dessa mulher nunca mudou para mim. Quando ela era uma garota, eu precisava dela para me sentir completo. Para que eu pudesse sobreviver. Agora que eu a tinha nos meus braços de novo, ainda precisava dela. Era assim que eu me sentia completo. Fazia tanto tempo que eu não sentia isso que tinha me esquecido como era.

Addy saiu do meu colo e se sentou no banco ao meu lado.

– Preciso voltar, Franny pode acordar – explicou ela, levando a mão até a maçaneta.

– Levo você até lá – disse, abrindo a porta do meu lado e pulando para fora, em seguida estendendo meu braço para pegar a mão dela.

Ela me deu a mão, e eu tive vontade de que ficássemos daquele jeito para sempre. Vivendo aquele momento. Parte de mim temia que eu acordasse logo e que tudo isso não passasse de um sonho. Que eu não fosse ter Addy ou Franny. Que minha vida ainda estivesse privada de sentimentos. Privada de desejos.

– O que significa esse olhar? – perguntou ela.

Afastei aqueles pensamentos e apertei a mão dela com mais força enquanto caminhávamos até a porta.

– Nada.

Porém, aquela resposta não foi suficiente para ela. Addy parou de caminhar e puxou meu braço para chamar minha atenção.

– Não diga nada. Conheço essa testa franzida. É a testa franzida do “River pensando em coisas ruins”. No que você está pensando?

Houve um tempo em que eu era capaz de contar tudo a ela. Sabia que não conseguiria fazer isso agora. Havia coisas ruins na minha vida que ela nunca entenderia. Eu não poderia dividir essas coisas com ela, não se eu a quisesse na minha vida. Eu tinha que ser digno dela e de Franny. Meu passado era algo que deveria permanecer em segredo.

– Só não quero acordar e descobrir que tudo isso não passou de um sonho – respondi por fim.

Toda verdade que pudesse contar a ela, eu contaria. Compensaria pelas mentiras que eu também teria que contar.

Sua mão pequena apertou a minha.

– Eu também.

– Tenho muito que compensar. Eu mudei, mas não no que diz respeito a você. Estar com você me leva de volta ao eu que pensei ter perdido.

Eu só esperava que ela acreditasse em mim e visse isso também. Tive medo de deixá-la essa noite. Assim que ela tivesse tempo para pensar no imbecil que eu fui desde que ela chegou, ela poderia se arrepender.

Eu não ia perdê-la. De novo, não.

Addy

Como você sabe que gosta de sufocar?

Cobri o rosto com minhas mãos e resmunguei de vergonha. Ontem à noite eu estava tão emocionada de estar nos braços de River de novo que nem pensei no que estava fazendo. À luz do dia, repassei tudo na minha cabeça. Eu nem conhecia essa garota que eu havia me tornado.

Escutei Franny na cozinha e afastei os pensamentos sobre River. Precisava me concentrar no dia de hoje. A noite passada significou algo para mim. Só não tinha certeza do que tinha significado para ele. Especialmente depois de ele ter tido tempo para pensar a respeito. Hoje à tarde, no trabalho, eu teria as respostas para as minhas perguntas. A forma com que ele agir comigo vai dizer se fui uma idiota ou se ele sentiu o que eu senti. O jeito como ele me olhou antes de ir embora me fez acreditar que ele estava sentindo o mesmo que eu.

– Mãe, quer um waffle? – perguntou Franny, se virando e sorrindo para mim enquanto esperava seu café da manhã saltar da máquina.

Balancei a cabeça.

– Não, obrigada, querida. Acho que só um café está bom por agora.

– Imaginei, mas achei melhor perguntar.

Sorrindo, caminhei até ela e comecei a preparar um café.

– Quando vou ver o papai de novo?

Boa pergunta. Não tínhamos falado sobre isso ontem à noite.

– Tenho certeza de que logo. Ele gostou de estar com você tanto quanto você gostou de estar com ele – garanti a ela.

Ela sorriu e se sentou à mesa.

– Acho que ele gostou de estar com você também. Ele olha bastante para você.

Larguei minha caneca de café e me ajeitei.

– Não imagine coisas sobre a gente, está bem?

Eu precisava que ela entendesse. Partir o meu coração era uma coisa, mas partir o coração de Franny era outra. Não estava disposta a correr esse risco.

Na noite anterior eu estive com River de novo, mas não conseguia me esquecer que tinha visto o seu lado Capitão. E Capitão não era alguém em quem eu estava disposta a confiar plenamente. Ainda não.

– Não estou imaginando coisas. Só estou dizendo que vi ele olhando bastante para você. Aposto que se ele visse você com os cabelos louros, ele realmente te acharia linda.

Franny não gostou quando pintei meus cabelos de vermelho. Ela disse que não parecia certo. Ela gostava que nos parecêssemos uma com a outra.

– Não acho que seja o caso. Mas sim, você está certa. Está na hora de eu voltar à minha cor original.

Franny começou a comer, e eu tomei meu café, suspirando de alívio por aquela conversa estar acabando.

– Quando você se encontrar com ele hoje, pode perguntar se ele quer tomar sorvete com a gente de novo?

Ela queria muito tê-lo por perto.

– Por que eu não convido ele para vir aqui jantar conosco na minha próxima noite de folga? Podemos cozinhar para ele.

Franny sorriu para mim.

– Sim, isso é melhor ainda. Mas vamos fazer os nossos melhores pratos para ele. Não só pizza. Posso

fazer os biscoitos.

– Certo. Combinado – concordei.

◆◆◆

Quando cheguei no trabalho naquela tarde, estava ainda mais insegura. Parte de mim tinha esperado por uma ligação ou mensagem dele. Mas não recebi nada. Por duas vezes, quase mandei uma mensagem de texto para convidá-lo para jantar, mas me contive. Não sabia o que ele estava pensando, e se ele estivesse arrependido pela noite passada, então eu não tinha certeza se conseguiria encará-lo. Especialmente depois do que eu fiz.

Fiquei com o rosto vermelho de vergonha de novo e baixei a cabeça enquanto entrava pela porta dos fundos.

– Você está atrasada.

O tom categórico de Elle me assustou. Olhei para cima e a vi saindo do escritório de Capitão e fechando a porta.

A dor aguda que me atingiu fez com que eu recuasse. Não queria que ela pensasse que tinha me chateado, mas era difícil saber que ela estivera no escritório de Capitão. Principalmente porque eu já tinha escutado os dois transando lá uma vez.

– Estou cinco minutos adiantada – respondi.

Eu nunca me atrasava. Ela sabia disso e detestava.

– Não pelo meu relógio. Vou ter que notificá-la se isso acontecer mais uma vez.

Queria revirar os olhos, mas não fiz isso. Tomei o caminho pela parte de cima, passei por ela em direção aos armários da sala dos funcionários para guardar minha bolsa e pegar meu avental. Quando passei pela porta de Capitão, tive que me segurar para não dar um chute. Eu não sabia o que ela tinha feito lá dentro, mas detestava estar morrendo de ciúmes.

A noite de ontem foi um erro. Ele não tinha mandado mensagem ou ligado o dia todo, e então, bem na hora que eu chego, vejo sua ex saindo do seu escritório. Se eu não enxergasse as evidências que estavam na minha cara, estaria sendo ingênua. Ele era o pai de Franny. Era só isso. Eu não ia entrar nesse jogo.

Brad estava na sala dos funcionários, se virou e sorriu para mim.

– Oi.

– Oi – respondi, surpresa por ele ter falado comigo. – A noite de ontem foi absurdamente movimentada. Fique feliz por ter sido sua noite de folga.

Conversa fiada. Outra coisa pela qual eu não esperava.

– É mesmo? Espero que essa noite não seja tão ruim.

– Espero que esse cara novo consiga dar conta das coisas quando Capitão não estiver mais aqui.

Outra coisa em que eu não tinha pensado. Eu continuaria a trabalhar ali depois que Capitão fosse embora? Por que manter esse emprego e ter que lidar com Elle, quando eu podia trabalhar em um lugar onde não precisasse lidar com uma vaca maldosa que me detestava?

– Tenho certeza de que Capitão vai deixá-lo pronto para quando for embora – falei para preencher o silêncio.

Porque agora eu não queria pensar em Capitão.

– Você tem razão. Eu vou. – A voz de Capitão veio da entrada.

Fiquei tensa, mas não me virei para olhar para ele.

– Ah, sim. Eu não tenho dúvidas de que vai. Só quis dizer que ele não é como você. Não duvido das suas habilidades.

Brad parecia um pouco nervoso.

– Rose, preciso que você venha até o meu escritório.

O tom de voz dele ficou mais suave, se comparado ao que usou com Brad.

– Estou atrasada. Se eu não for para o salão do restaurante, sua namorada vai me dar uma advertência por escrito. Ela me disse isso mais cedo quando saiu do seu escritório.

A amargura no meu tom de voz era óbvia. Eu não queria ter dito tudo aquilo, mas simplesmente saiu. Agora eu estava parecendo uma vaca ciumenta. Droga.

– Agora, Rose.

A voz dele ficou mais grave, e pude captar uma pequena advertência no seu tom.

Por mais que eu quisesse gritar para ele sair dali – porque eu realmente queria ter um ataque de mulherzinha –, fiz que sim com a cabeça e fechei meu armário com mais força que o necessário, depois me virei e o segui até o escritório.

Só que ele não se virou e não estava caminhando. Ele estava me observando, com a testa franzida. Ele estava confuso, do jeito que deveria estar. Eu estava exagerando. Sim, nós tínhamos ficado juntos ontem à noite. Mas não é como se tivéssemos feito promessas.

Não estávamos mais no colégio, mas eu estava agindo como uma adolescente maluca.

Suspirei. Não havia nada que eu pudesse falar, a não ser que estava arrependida. Porém, não acho que meu orgulho deixaria que eu me desculpasse.

Capitão se virou e foi em direção ao escritório. Tudo que fiz foi seguir os seus passos. Pude sentir os olhos de Brad enquanto eu me retirava, mas não tinha como dar tchau nem olhar para ele. Eu podia não ser mais capaz de olhar nos olhos dele depois daquilo. De algum jeito eu consegui ficar com mais vergonha ainda.

Mal entrei no escritório de Capitão, ele se virou, segurou meu pulso e me puxou para mais perto dele, depois bateu a porta atrás de mim. Dei um pulo, e minha pulsação acelerou com seu toque firme. Eu o deixei com raiva, mas não estava com medo dele.

– Namorada? – disse ele com uma voz baixa e grave, enquanto me colocava contra a porta. – Da última vez, que me lembre, era a sua bocetinha que eu estava provando.

Ah, meu Deus.

– Elle não tem nenhum poder para fazer qualquer coisa contra você. As ameaças dela não têm sentido. Não vou deixar ela te machucar, você sabe disso. Você deveria saber disso. – Ele parou e baixou a cabeça até que seus lábios beijaram o meu pescoço. – Você com ciúmes me deixa puto e excitado, cacete, tudo ao mesmo tempo.

Ah, meu Deus.

Ele colocou a língua para fora e a deslizou ao longo da curva do meu pescoço.

– Não quero mais ninguém. Eu disse para você ontem à noite, sempre foi o seu rosto. Toda maldita vez. Nunca consegui amar ninguém além de você.

Meu corpo se derreteu contra o dele.

– Tentei tudo que podia ter tentado. Fiz tudo que podia para tirar você da minha cabeça. Mas não se passou um dia em que eu não sentisse sua falta. Em que não visse o seu rosto quando fechava os olhos.

A boca dele fazia uma trilha de beijos pelo meu pescoço, até que ele deu um beijinho no canto da minha boca. Então ele encostou a testa dele na minha e me levantou pela cintura até que eu ficasse no nível dos seus olhos.

– Me diga o que te deixou tão brava. Foi Elle saindo da minha sala? Só porque ela vem aqui reclamar das coisas não significa que eu a queira aqui. Você precisa confiar em mim.

– Você não ligou ou mandou mensagem o dia todo – disparei.

Um sorriso aos poucos tomou conta dos seus lábios, e ele balançou a cabeça.

– Eu estava dando um tempo para você aceitar isso. Nós. A noite passada foi intensa, e eu não queria sobrecarregar você. Mas se por um segundo eu imaginasse que você estava esperando por uma ligação minha, eu teria ligado para você, caramba.

Toda a preocupação e o ciúme que estavam me consumindo desapareceram, e envolvi o pescoço dele com meus braços.

– Me desculpe.

Ele riu e se inclinou em busca da minha boca, que estava tão doce quanto quente. Peguei os cabelos dele com minhas mãos, e as mãos dele me agarraram mais forte enquanto ele me puxava ao seu encontro.

– Coloque as pernas em volta de mim – disse ele sobre os meus lábios.

Quando coloquei, ele caminhou comigo até o sofá e se afundou nele enquanto me segurava.

– Acho que vou prender você aqui a noite toda – falou com um sorriso convencido.

– Definitivamente vou receber uma advertência – respondi.

Ele deu de ombros.

– Conheço o chefe.

Rindo, me inclinei para beijá-lo de novo. Porque quando estávamos assim, eu estava em casa.

Capitão

Fiquei observando Addy no salão, com uma de suas mesas. Continuei tentando me concentrar no trabalho, mas acabava sempre voltando para lá. Ela riu para o homem mais velho que estava contando a ela alguma história com a qual a mulher dele também parecia estar se divertindo. Ela era dona de um charme particular que deixava todos à vontade. Me peguei querendo aquilo tudo só para mim.

– Então é isso que tem deixado você tão distraído ultimamente – sussurrou a voz de Blaire ao meu lado.

Eu me virei e olhei para minha irmã, que examinava Addy com um sorriso.

– O que você está fazendo aqui? – perguntei, um pouco incomodado por ter sido pego justamente pela Blaire.

– Vim descobrir por que você ignorou minhas duas últimas ligações e foi monossilábico ao responder minhas mensagens. – Ela fez um sinal com a cabeça na direção de Addy. – Gosto do que estou vendo aqui. Essa é mesmo uma excelente razão para me ignorar. Bethy disse que viu você com uma ruiva bastante atraente e com uma linda menina lourinha na noite passada. Pensei em vir visitá-lo e perguntar mais sobre isso. Porém, em vez disso, estou vendo com meus próprios olhos. Então ela tem uma filha?

Dei um passo para trás, no corredor, antes que Addy pudesse se virar e nos ver olhando para ela e conversando. Não notei Bethy, amiga de Blaire, em Grayton na noite passada, mas é que eu estava com os olhos nas minhas meninas. Ninguém mais tinha importância.

– Venha para o meu escritório – pedi a ela.

Se Blaire ia fazer perguntas, eu queria alguma privacidade.

– Não via você como alguém que pudesse namorar uma mãe solteira, mas estou gostando desse seu lado.

– A menina, Franny. Ela é minha.

Pronto, falei. Eu precisava contar para alguém. Eu queria contar para alguém. Blaire arregalou os olhos e ficou de queixo caído me olhando.

– Sua? – perguntou ela, ainda em choque.

– Rose... faz parte do meu passado. Uma parte do meu passado que mantenho em segredo. É uma longa história. Até uma semana atrás eu não sabia sobre Franny.

Os olhos de Blaire pegaram fogo, e ela colocou as mãos nos quadris como se estivesse pronta para atacar alguém.

– Ela escondeu a criança de você?

Balancei a cabeça e levantei a mão para acalmar minha irmã esquentadinha.

– Não é bem assim. Ela não conseguia me encontrar. Eu abandonei aquela vida e fugi. Mudei meu nome, fiz algumas escolhas ruins. Não foi fácil me encontrar. Mas ela continuou procurando até que me encontrou.

Blaire relaxou e sua expressão ficou mais suave.

– Ah, bem, assim é diferente.

Assenti com a cabeça.

– Sim. Não foi fácil para ela. Eu me culpo por isso, mas agora ela me tem, e não vou a lugar algum.

Ficamos parados em silêncio. Podia ver as engrenagens girando na cabeça de Blaire. Só precisava esperar até ela processar tudo aquilo.

– Quero conhecê-las. – Foi só o que disse.

– Ótimo. Também quero que elas conheçam você.

Blaire sorriu.

– Não posso acreditar.

Se ela apenas soubesse a verdadeira história... Mas eu nunca contaria a ela. Meu passado era algo que ficaria entre mim e Addy. Blaire havia entrado na minha vida há poucos anos. Compartilhávamos o mesmo pai, mas eu era fruto de uma mãe adolescente, que me deu para adoção. Quando decidi encontrar os meus pais biológicos, também encontrei Blaire. Uma irmã cuja existência eu desconhecia. Agora estávamos ficando mais próximos, mas isso ainda era mais do que o que eu queria dividir com ela.

– E, na verdade, o nome dela não é Rose. É Addy. Ela estava me averiguando para ter certeza de que eu havia me tornado um homem digno da nossa filha, então ela se disfarçou e trocou de nome.

Blaire sorriu ainda mais.

– Eu gosto dela. Ela é uma mãe protetora. Isso diz muito sobre uma pessoa.

– Espera só até conhecer Franny e ver que trabalho incrível ela fez criando a menina.

– Jantar na minha casa na sua próxima noite de folga. Não deixe de levar as duas.

Blaire não pedia, apenas mandava.

– Deixa eu conversar com ela a respeito disso primeiro. Para ter certeza de que está tudo bem. Isso tudo é novo para a gente, e não quero fazer nada que seja demais para Franny.

Blaire soltou uma risada e deu um largo sorriso para mim.

– Você é papai. Adoro isso.

Eu também adorava.

– Sim – respondi.

◆◆◆

Assim que minha irmã saiu do escritório, voltei para verificar as coisas. Não que eles precisassem de mim, mas eu queria ver Addy.

– Rose se atrasou para a reunião no salão do restaurante. Ela tem que ser mandada embora – disse Elle, saindo da cozinha e caminhando reto na minha direção.

– Não – respondi, irritado por Elle atacar Addy por puro e simples ciúmes.

– Por quê? Você está saindo com ela? É isso? Se qualquer outra pessoa se atrasasse assim, você mandaria embora. Por que com ela é diferente?

Contornei Elle e segui em direção ao salão.

– Me diz. É com ela que você está agora?

Parei onde estava, detestando a descrença na voz dela, como se ela se achasse superior a Addy. Garota estúpida. Olhei de volta para ela sem me virar e vi o seu olhar irritado.

– Ela é a melhor atendente que temos aqui. Você sabe disso, e todo mundo sabe disso.

Por mais que eu quisesse dizer a ela que sim, que eu estava com Addy, não podia fazer isso agora. Ela atacaria Addy com uma ferocidade que acabaria fazendo com que eu a demitisse, estragando as coisas para Stout.

– Na melhor das hipóteses, ela é medíocre – disparou Elle.

– Não seja patética – respondi, de saco cheio de toda essa conversa.

– Eu te odeio – gritou ela acaloradamente.

Como não senti nada, não respondi.

Addy

Ele ficou me olhando a noite toda. Fez com que eu me sentisse excitada e nervosa ao mesmo tempo. Gostava de saber que ele estava ali, mas também ficava preocupada de esquecer o que eu estava fazendo se retribuísse o seu olhar.

Esperava encontrá-lo na hora que fechássemos o restaurante, mas ele não estava lá. Fui até os fundos pegar minha bolsa, ainda pensando que ele poderia aparecer, mas não apareceu. Elle continuava olhando na minha direção e sorrindo com desdém, como se soubesse de algo que eu não sabia. Eu a ignorei e decidi que ia passar no escritório dele para dar boa-noite. Talvez ele estivesse ocupado.

A porta do escritório estava aberta, e eu podia ver que estava vazio. Pensei em mandar uma mensagem de texto, mas mudei de ideia. Precisava ir para casa ficar com Franny. Esperaria até que ele me contatasse. Talvez ele estivesse tentando me dizer alguma coisa, mas eu não parei para olhar hora nenhuma e descobrir o que poderia ser.

Vários cenários estavam passando pela minha cabeça, mas quando saí do restaurante, percebi que não era nenhum deles. A caminhonete dele ainda estava ali no estacionamento, e ele também. Na escuridão, podia vê-lo em uma conversa com uma loura alta, que tinha o cabelo puxado para trás em um rabo de cavalo e usava uma calça de couro preto apertada. Não havia como eles ficarem mais próximos um do outro sem que se encostassem. Parei e fiquei observando. Mesmo na sombra, eu podia ver que o rosto de Capitão estava absorvido por ela enquanto a escutava.

Nunca tinha visto a moça antes, mas ele parecia conhecê-la. Ela era importante para ele. A forma como o corpo dele se inclinava na direção dela enquanto ele falava tinha algum significado. Havia um clima de intimidade entre eles que fez o meu estômago doer.

Capitão parecia emocionado enquanto falava e se inclinou mais para perto dela. Eu não podia ficar mais tempo ali vendo aquilo. Não sabia o que era, mas, pelo pouco que vi, podia dizer que era mais do que eu conseguia aceitar.

Corri para o meu carro, peguei as chaves e destravei a porta. Chegar em casa e abraçar Franny bem forte aliviaria essa dor. Saber que ela estava sempre lá me ajudava a enfrentar tudo. Ela vinha em primeiro lugar. Ela era tudo que importava para mim nesse mundo. Eu não precisava dele. Ela precisava. Mas eu não.

Eu poderia sobreviver a isso. Eu era mais forte do que isso.

Foi só quando entrei na estrada que as lágrimas brotaram dos meus olhos, e eu tinha que controlá-las. Eu não aceitaria chorar por causa disso. Amanhã, tenho certeza que ele vai ter alguma desculpa. Eu não queria escutar. Nada poderia explicar o que eu vi.

Segurei as lágrimas durante todo o caminho para casa e, quando finalmente cheguei, estava tão cansada de tamanho esforço que apenas corri para dentro.

Tudo que eu precisava era abraçar Franny a noite toda.

◆◆◆

Ele mandou três mensagens de texto e ligou cinco vezes no período de uma hora. Ignorei tudo. Me aninhei com Franny na cama, coloquei meu celular no silencioso e podia ver cada vez que a luz do aparelho piscava. Eu não ia atender. Se ele estivesse realmente preocupado que eu tivesse chegado bem em casa, deveria ter

estado comigo na hora que saí do trabalho. Não com a loura desconhecida. Aquilo dizia muito. Ele nem me viu saindo. Toda vez que me lembrava disso, ficava mais forte para permanecer firme.

◆◆◆

– Mamãe, por que o papai está lá fora dormindo dentro da caminhonete? – perguntou Franny.

Abri os olhos e a vi se inclinando sobre mim. No entanto, levei um tempo tentando entender exatamente o que ela tinha acabado de dizer.

– Ele está lá fora, dormindo. Na caminhonete dele – disse ela, com uma expressão de confusão e ansiedade. – Devo ir lá acordá-lo?

Quem estava lá fora?

– Ahn? – perguntei, enquanto me sentava e esfregava os olhos, tentando enxergar minha filha.

– Papai. Na caminhonete dele.

Ela estava começando a ficar decepcionada.

– Capitão? – repeti, me sentindo ainda mais confusa do que ela parecia estar.

Franny deu um suspiro.

– Vou lá acordá-lo.

Então ela se virou e saiu do quarto correndo.

Capitão estava lá fora na caminhonete. Droga! Me levantei num pulo, peguei um short que estava jogado e o vesti junto com a regata com a qual eu tinha dormido, antes de correr atrás de Franny. Por que Capitão estaria lá fora, dormindo na caminhonete, não fazia sentido. Não queria que Franny o acordasse e o confrontasse.

– Franny, espere! – gritei, enquanto corria atrás dela.

Ela estava com a mão na porta, quase saindo, quando parou e olhou para trás para mim.

– Ele está dormindo na caminhonete.

Ela parecia preocupada.

Concordei com a cabeça, mostrando que havia entendido o que ela estava me dizendo.

– Deixe que eu vejo por que ele está lá fora. Fique aqui e faça um café da manhã para você. Tenho certeza de que ele vai entrar quando acordar. Faça um waffle para ele também – sugeri, esperando que isso fosse mantê-la dentro de casa.

Ela pareceu desapontada ao olhar de volta para a janela.

– Tudo bem, mas faça ele entrar mesmo. Quero vê-lo. Acho que ele está aqui para me ver.

– Vou fazer, sim. Prometo – garanti a ela.

Não dei tempo para que ela discutisse e saí em direção à caminhonete de Capitão. Sabia que Franny ficaria olhando pela janela, então não podia gritar com ele.

O fato de ele estar aqui me deixava furiosa. Estava me manipulando. Ele sabia que eu não ia ter uma reação ruim na frente de Franny. Além do mais, qual era a intenção dele ao dormir ali fora a noite toda? Não atendi as suas ligações. Isso deveria ter sido suficiente para ele entender o recado.

Vê-lo dormir, com a cabeça jogada para trás e escorada no encosto do banco, despertava outros sentimentos em mim. Ele ficava bem até dormindo. Isso não era justo. Maldito.

Bati forte na janela e me diverti em silêncio ao vê-lo acordar assustado com o barulho repentino. Não dei tempo para que ele acordasse antes de bater de novo e olhar furiosa para ele. Franny estava observando, mas eu estava longe o bastante para ela não conseguir ver meu rosto.

Capitão se sentou e foi abrir a porta. Dei um passo para trás, cruzando os braços sobre o peito, na defensiva.

– O que você está fazendo? – perguntei, antes que ele pudesse dizer alguma coisa.

– Você não atendeu o telefone.

– Então faz sentido você dormir na sua caminhonete na minha entrada de garagem? Franny está lá dentro

agora, preocupada com você e fazendo waffles. O que significa que você vai entrar lá e comer os malditos waffles com ela. Diga a ela que você está bem e dê alguma desculpa para que tenha se sentido obrigado a dormir na porta da minha casa.

Capitão olhou para a casa, e vi um relance de arrependimento no rosto dele por preocupar Franny. Pelo menos isso. Agora ele fazia alguma ideia de como aquilo era idiota.

– Por que você não atendeu? – perguntou ele, olhando para mim.

Seus cabelos estavam amassados, e senti vontade de arrumá-los. Mas não ia fazer isso. Não ia voltar a tocar nesse homem.

– Eu estava na cama. Se você queria conversar comigo, devia ter feito isso antes de eu sair do trabalho. Eu não estava disponível para conversar depois que cheguei em casa. Esse tempo é reservado para Franny.

Olhei furiosa para ele, esperando que ele me desse um motivo convincente. Alguma desculpa idiota. Não havia nada que ele pudesse dizer que fizesse com que eu não me sentisse magoada com o que vira.

– Você está com raiva – disse ele, dando um passo para mais perto de mim.

Eu só ri. Como eu poderia reagir a isso?

– Entre e coma waffles com a nossa filha. Depois vá embora.

Eu me virei para voltar para dentro de casa.

– Por que você está brava? Você me viu conversando com Alexa ontem à noite? É isso?

Ótimo, ela tinha um nome.

– Se é esse o nome da loura, então, sim – respondi, sem diminuir o ritmo dos passos.

– Ela é uma velha amiga.

– Que bom para você.

– Addy, pare. Falando sério, me escute.

Não parei. Estava com muita raiva de Alexa por ser uma velha amiga e de mim por me importar.

– Addy – chamou ele de novo. – Não faça isso.

– Eu vou comer com Franny. Ela está nos observando neste momento.

Ele não disse mais nada, mas pude ouvir seus passos atrás de mim. Levantei o olhar e vi Franny espiando pela janela, como sabia que estaria.

– Me diga que você vai me deixar explicar o que acha que viu antes de entrarmos – disse ele, com uma voz baixa o bastante para Franny não conseguir nos escutar lá de dentro.

– Não há nada a explicar – respondi, ainda sem conseguir baixar a bola.

O fato de que ele havia dormido do lado de fora da minha casa não era o bastante para consertar isso. Se eu tivesse de lidar com mulheres no carro dele, no escritório dele e sabe Deus onde mais, eu não ia fazer isso. Eu não ia competir pela atenção dele.

– Apenas faça Franny feliz, Capitão. É tudo o que peço – falei com um sorriso, pelo bem da minha filha, e então segui para a casa.

Franny estava voltando correndo para a máquina quando a porta se abriu.

– Estou fazendo waffles – anunciou ela, para Capitão, não para mim.

– Vou querer dois – pedi.

Ela olhou para mim e sorriu, surpresa por eu comer, mas não questionou.

– Eu vou querer três – disse Capitão, vindo atrás de mim.

– Tudo bem! – respondeu Franny, e ela se iluminou como se uma celebridade tivesse acabado de entrar na casa.

Eu não deixaria que ele a magoasse também. Havia permitido que ele entrasse no mundo dela, e ele seria o que ela precisava. Eu me certificaria disso.

Capitão

Ela estava furiosa, e eu não fazia ideia de como eu ia explicar aquilo. Alexa trabalhava para DeCarlo. Ela estava com ele há quase o mesmo tempo que eu, mas não tinha planos de sair. Havia poucas pessoas no mundo tão implacáveis como Alexa. Ela era uma assassina treinada, e ninguém a via chegando, porque desempenhava bem seu papel.

Seus alvos mais fáceis eram homens, simplesmente porque ela podia usar seu corpo e sua aparência para atraí-los antes de apagá-los. Era mais fácil para ela atingir seus alvos, mas fazia isso sem emoção. Eu a vira fazer isso mais de uma vez, e era intensa, a maneira como ela matava sem um grama de remorso.

Na noite anterior, ela fora ao restaurante para me dizer que parecia que havia membros de uma gangue atrás de mim. Eles tinham recebido informações sobre quem havia matado o "irmão" deles e queriam vingança.

Saber que existia uma possibilidade de o meu passado estar voltando para estragar as coisas agora era a merda mais assustadora que eu tive de engolir na vida. Se eles vinham me vigiando, não levariam muito tempo para descobrir quem eram Addy e Franny. Eu havia ido até ali na noite passada para me certificar de que elas estavam seguras. Quando Addy não atendeu, decidi não ir embora. Eu não ia deixá-las sozinhas até Cope e Alexa encontrarem os filhos da mãe que estavam procurando por mim.

Os dois estavam na cidade, atrás de quem acreditavam que estava ali atrás de mim. Se Cope tivesse ido me ver, eu não teria Addy chateada comigo. Mas ele havia mandado Alexa enquanto continuava na busca.

Puta que pariu. A única desculpa que eu tinha para Addy era de que Alexa era uma velha amiga. Contar a verdade a ela não era algo que eu estivesse disposto a fazer. Eu a perderia se ela soubesse. Ela pegaria nossa filha e fugiria.

E quem poderia culpá-la?

Olhei para o outro lado da mesa, para a minha filha, enquanto ela conversava alegremente, ignorando por completo que sua mãe estava prestes a me espetar com o garfo com que inocentemente comia seus waffles.

– Está na hora de você se arrumar para ir à escola – disse Addy quando Franny parou um pouco de falar.

– Tudo bem, mas o papai pode me levar? – perguntou ela, olhando esperançosamente da mãe para mim.

– Eu adoraria levar você – disse, antes que Addy pudesse responder.

Ouvir Franny me chamar de papai com tanta facilidade me deixou com o peito inchado.

Addy concordou com a cabeça.

– Por mim, tudo bem. Agora, vá logo, para que ele não precise correr para chegar no horário.

– Pode deixar! – disse ela, saltando da cadeira e correndo para seu quarto.

Voltei a atenção para Addy, que estava limpando a mesa antes mesmo de Franny ter saído da cozinha.

– Você não vai nem mesmo olhar para mim? – perguntei, precisando dos olhos dela para que ela pudesse ver o quanto eu estava sendo sincero sobre aquela situação.

– Não tenho por quê – foi a resposta dela.

– Addy, por favor – implorei.

Ela fez uma pausa enquanto recolhia o prato de Franny e finalmente olhou para mim.

– O que foi?

Agora eu tinha a atenção dela, e não ferrar com tudo era mais pressão do que eu esperava. Era como se eu tivesse cinco segundos para manter sua atenção, e o cronômetro estava ligado.

– Quando eu digo que ela é uma velha amiga, estou falando sério. Ela está na cidade com outro amigo

meu. Um cara. Eles estão juntos. Eles tinham algumas informações para mim sobre meu antigo emprego. Só isso.

Eu tinha mais do que certeza de que Cope e Alexa tinham ficado juntos. Então não era uma mentira completa. Insinuei que os dois eram mais do que isso, mas foi a melhor coisa que consegui pensar e, pela expressão nos olhos de Addy, ela pareceu acreditar, então continuei.

– Eu achei que veria você sair. Quando me dei conta de que seu carro não estava mais lá, comecei a ligar, mas você não me atendeu. Fiquei preocupado e queria ver você, então vim até aqui. Dormir lá fora foi a única maneira de encontrar alguma paz. Eu precisava ouvir a sua voz.

– Posso ir assim? – perguntou Franny.

Addy piscou e se afastou da mesa para olhar para nossa filha.

– Sim, assim está bem. Por que você não usa o seu tênis branco?

Franny concordou e voltou correndo para o quarto.

– Posso voltar aqui depois de levá-la para a escola?

Ela não olhou para mim.

– Não sei, Capitão.

– Addy, você precisa acreditar em mim.

Ela se virou para olhar para mim, e havia um medo evidente em seus olhos. Estava com medo de confiar em mim.

– Ela precisa de você. Eu quero você na nossa vida. Mas tenho medo de precisar de você também.

Eu havia me levantado e começado a ir na direção dela quando Franny entrou saltitando na cozinha com a mochila no ombro.

– Pronta!

Addy voltou para a limpeza.

– Não se esqueça da sua lancheira na geladeira.

Franny correu até a geladeira, tirou de dentro uma lancheira cor-de-rosa de bolinhas, e então foi até Addy e passou os braços ao redor da sua cintura.

Addy se virou e se abaixou para puxá-la para um abraço.

– Tenha um dia maravilhoso. Faça ele valer – disse ela.

Franny assentiu com a cabeça.

– Pode deixar – garantiu ela à mãe. As duas se soltaram, e Franny veio até mim. – Vamos lá.

O olhar de Addy encontrou o meu, e ela fez um simples aceno positivo com a cabeça. Era todo o incentivo de que eu precisava.

Addy

Eu havia feito de novo. Tirado conclusões precipitadas. Não o havia deixado explicar. Quando eu tinha parado de confiar? Quando foi que me tornei tão negativa? Fiquei fazendo essas e outras perguntas a mim mesma enquanto limpava a cozinha e tomava uma ducha antes de Capitão voltar.

O fato de que ele havia dormido do lado de fora simplesmente porque eu não atendia seus telefonemas era prova suficiente de que ele se importava e eu estava sendo uma idiota. Depois de todo esse tempo, eu ainda era incrivelmente ciumenta e insegura em relação a ele. Eu não queria ser assim. Ele nunca me deu motivo para não confiar nele, no passado ou agora. Eu precisava parar com isso.

Quando saí do chuveiro e me vesti, Capitão estava batendo na minha porta. Eu precisava me desculpar, e esta seria a última vez que eu faria isso. Da próxima vez, se eu visse alguma coisa, eu ia perguntar a ele, em vez de ficar emburrada e irritada.

Quando abri a porta, Capitão entrou, olhando atentamente para mim.

– Você precisa parar de fazer isso comigo, Addy. Depois de tudo o que aconteceu nos últimos dois dias e tudo o que eu disse para você, eu imaginei que você saberia onde estão a minha cabeça e o meu coração. Onde sempre estiveram.

– Eu sei – concordei.

Ele abriu a boca para dizer alguma coisa e parou quando registrou a minha resposta.

– Não vou fazer de novo – garanti a ele.

Ele deu um passo para mais perto de mim.

– Não gosto de pensar que você está chateada comigo.

Dei um passo para trás, sem saber ao certo o que ele estava fazendo. Mas ele deu mais um passo, diminuindo a distância.

– Não consigo amar ninguém a não ser você.

A testa franzida dele se transformou em algo mais profundo. Intenso.

Senti meu coração apertado com as palavras dele, e ficou difícil pensar em qualquer outra coisa. Quando as mãos dele passaram ao redor da minha cintura e me puxaram para perto de seu corpo, eu fui voluntariamente. Esse era meu River. O garoto que roubou meu coração e nunca mais devolveu.

– Venha aqui – disse ele baixinho, antes de pressionar sua boca na minha.

Deslizei as mãos pelo peito dele e segurei em seus ombros, parada nas pontas dos pés. Eu estava o mais alto que conseguia alcançar.

– Tão pequenininha – murmurou ele contra os meus lábios, então me pegou no colo e me carregou até o bar. Ele me colocou em cima do bar para minha boca ficar na altura da dele. – Sempre quis ficar perto de você, proteger você. Não consegui. Mas, meu Deus, como eu queria fazer isso. Eu falhei com você muitas vezes. Durante dez anos, eu fiquei vazio... destruído. – Ele parou e fechou os olhos, então suspirou. – Achei que tivesse perdido você. Eu vivia sem você, lutando contra demônios que não conseguia matar.

Mexi a mão para tocar suavemente a lateral do rosto dele, com a barba por fazer.

– Estou aqui agora. Não tem mais demônios para você enfrentar.

Olhei para o pescoço dele enquanto ele engolia em seco e me dava um aceno positivo com a cabeça, mas havia alguma coisa nos olhos dele que me deixou preocupada. Antes que eu pudesse olhar mais de perto e descobrir o que havia de errado, suas mãos apertaram meus quadris com mais firmeza, e ele me puxou para mais perto.

– Eu preciso de você – disse ele, gemendo baixinho.

Eu também precisava dele. Precisei dele por dez anos. De muitas maneiras. Mas, naquele momento, eu sabia que o que ele estava querendo dizer era a maneira como eu mais precisava dele. Eu sempre precisaria dele desse jeito. Só dele.

Levantando as pernas, eu as enrosquei ao redor da cintura dele.

– Deixe eu levar você para a cama – sussurrou ele, beijando a minha orelha.

– Não – balancei a cabeça. – Aqui.

Ele ficou imóvel, e eu passei as mãos por baixo da camisa dele para sentir seu peito musculoso.

– Em cima do balcão? – perguntou, recuando apenas o bastante para olhar nos meus olhos.

Assenti com a cabeça, mordendo o lábio porque eu nunca havia feito nada parecido antes. Eu queria. Queria saber qual era a sensação de fazer sexo selvagem e desinibido. Eu era adulta e mãe, mas nunca havia experimentado esse tipo de coisa. Coisas que eu só queria experimentar com River.

As mãos dele agarraram as minhas coxas e me puxaram para perto o bastante para que eu sentisse sua ereção entre as minhas pernas. Meu clitóris pulsava de excitação. Aquilo era real. Não era minha fantasia. Era melhor.

Com um gemido baixo, a boca dele cobriu a minha de novo, e eu me segurei na lateral do corpo dele, sentindo seus músculos se flexionarem ao meu toque. O cheiro da pele dele era intoxicante, e eu fiquei tonta por inspirar tão rapidamente, tentando sentir mais. Adorava ter meu corpo coberto pelo dele. Adorava a sensação de que estávamos conectados.

Foi só quando ele sussurrou “levante os braços” que eu me dei conta de que ele estava tirando a minha blusa. Obedeci, estremecendo de excitação. Quando as mãos dele cobriram meus seios e os apertaram, não consegui deixar de gemer. A sensação era muito boa. O desejo dos meus mamilos disparou até as minhas entranhas, e senti minha calcinha umedecendo. Era como se ele acendesse lentamente um fogo de artifício. A qualquer momento, tocaria no ponto certo, e eu explodiria.

Ele abriu meu sutiã com uma das mãos e o tirou lentamente, deixando-o cair no chão.

– Puta que pariu, como é linda – murmurou ele, os olhos absorvendo meus seios nus.

Meus mamilos estavam tão duros que eu fiquei com receio de que, se River tocasse em um deles, eu gozaria. Não que eu não quisesse ter um orgasmo, mas o quanto seria ridículo se isso acontecesse?

Suas mãos se mexeram para segurá-los, e ele roçou o polegar nas cristas sensíveis. Eu queria que aquilo não acabasse nunca. Ser tocada por ele assim bastava. Mais do que eu poderia ter desejado.

Ele desceu por meu pescoço, dando beijos, e eu me inclinei para trás, arqueando para que ele pudesse ter mais acesso. Eu queria sua boca em toda parte. Me levando para lugares nos quais eu nunca havia estado e em lugares onde eu queria estar apenas com ele.

Capitão

Encontrar forças para ir devagar foi a coisa mais difícil que fiz na vida. Eu não queria ir devagar. Queria Addy nua e enroscada em mim enquanto eu me enterrasse tão profundamente a ponto de me perder. Meu corpo estremeceu quando pensei em qual seria a sensação disso.

A vida sem ela tinha sido um inferno, mas, ao tê-la agora, percebi que havia encontrado meu paraíso. Eu havia conseguido. Perdê-la agora era impossível. Eu não seria capaz. Ela não era o tipo de mulher que alguém consegue perder duas vezes e sobreviver.

Deslizando a mão pela parte interna da coxa dela até sentir a umidade na calcinha, prendi a respiração.

– Agora, por favor – disse ela, enfiando as unhas em meus braços. – Eu quero você dentro de mim.

Inspirando profundamente, senti o cheiro de sua excitação, e meu pau latejou.

– Tire – rosnei, levantando sua bunda para abaixar sua calcinha e atirá-la no chão.

As mãos dela tremiam enquanto ela mexia nos botões da minha calça. Por mais que eu quisesse ver Addy tirando a minha roupa, tudo em que eu conseguia pensar era em como ela estaria quente quando eu deslizasse os dedos para dentro dela.

Eu a ajudei a abrir minha calça e a empurrá-la para baixo.

– Eu estou tomando pílula – disse ela, tocando na parte inferior da minha barriga com reverência. – Podemos... fazer isso sem camisinha?

Eu sabia que estava saudável. Fazia exames sempre e havia tomado o cuidado de repeti-los depois de terminar o relacionamento com Elle. Abri mais as pernas dela e passei a nos observar lentamente juntos até olhar o seu rosto fascinado, enquanto me movimentava devagar para penetrá-la. Eu a havia tocado. Sabia o quanto era apertadinha. Era tudo o que estava me impedindo de meter nela com toda a necessidade que dominava o meu corpo.

Seu arfar alto foi seguido pelas mãos, que apertavam os meus braços, enquanto seus olhos ardiam de excitação. Deslizar para dentro dela foi outro nível de puro prazer. Um gemido baixo saiu do meu peito, enquanto sua pressão me apertava a cada centímetro que eu afundava. As pernas de Addy me agarraram com força ao redor da cintura, e o arfar dela só deixou tudo ainda mais excitante.

– Porra, você é tão apertada – falei com os dentes cerrados.

– Me desculpe – sussurrou ela, olhando para mim com preocupação nos olhos.

Baixei a boca para tocar na dela.

– Não se desculpe por ser absolutamente perfeita, Addy. Você é tão gostosa que eu estou quase ficando louco.

Ela soltou os meus braços e passou as mãos pelo meu pescoço, e sua boca soltou um gemido curto no instante em que eu estava completamente enterrado nela.

– Ah, meu Deus – disse ela, se agarrando em mim e pressionando o peito nu contra o meu.

– É isso.

Fechei os olhos e deixei a plenitude do momento tomar conta de mim.

Quando voltei a balançar os quadris, ela soltou gemidos sensuais que deixaram minhas bolas ainda mais tensas. Eu ia explodir cedo demais se ela não parasse com aquilo.

– Está gostoso? – perguntei, precisando que estivesse bom para ela mais do que qualquer outra coisa.

– Sim, ah, sim, muito bom – respondeu ela contra o meu pescoço, onde seu rosto agora estava afundado.

Ela colocou a língua para fora e deu uma lambidinha na minha pele.

Nossos corpos começaram a se mexer em um ritmo perfeito. A pele dela estava encostada na minha, e sua pressão apertava meu pau a cada latejar e pulsação. Eu sabia que, no instante em que ela gozasse, eu estaria arruinado. Jamais conseguiria me segurar, iria acabar junto com ela. A mão dela deslizou sobre meu peito e ficou parada no meu abdômen. Ela baixou o olhar para nos observar pouco antes de seu corpo se retesar e começar a tremer. Levantando a cabeça, ela olhou para mim. Estava com a boca ligeiramente aberta, e os olhos se fechando. A mão no meu abdômen se fechou enquanto ela gritava meu nome. Não Capitão, mas River.

E, com isso, eu a acompanhei até outra dimensão.

◆◆◆

Duas horas depois, eu estava abraçando Addy, que dormia em sua cama. Depois de me recuperar na cozinha, eu a levara para lá e fizemos amor de novo. Desta vez, mais devagar e com mais atenção. Eu havia conseguido deixá-la gozar duas vezes antes de gozar junto com ela. Ela então fechou os olhos e se enroscou em mim antes de apagar em um sono exausto.

Outra coisa de que eu havia sentido falta. Abraçar Addy enquanto ela dormia havia sido parte da minha vida. Era o que me ajudava a pegar no sono à noite. Sem ela em meus braços, tinha sido quase impossível dormir durante anos.

Fiquei olhando fixamente para o teto. Meu passado estava de volta para me assombrar, e não iria embora. Precisava encará-lo e encontrar uma maneira de ficar com Addy também. Ela e Franny eram a minha vida. Eu havia prometido a mim mesmo que tinha parado com os assassinatos. Mas se alguém ameaçasse o que eu mais amava, eu os lembraria de com quem eles estavam lidando. Faria qualquer coisa para proteger as minhas meninas.

Meu telefone vibrou na mesa de cabeceira ao meu lado. Estendi cuidadosamente o braço para pegá-lo para não perturbar Addy.

Era DeCarlo.

– Eles estão aí. Você vai ter que apagá-los.

Só isso. Nada além disso. Mas eu sabia exatamente do que ele estava falando. Meu último trabalho ainda não tinha acabado.

Major

Estava escuro para cacete. Eu detestava trabalhar no escuro. Em momentos como este, eu me perguntava em que diabo eu havia me envolvido. Ansiava por perigo e excitação. Algo mais do que eu tinha. Mas será que era isso mesmo que eu queria?

Trabalhar com Capitão havia sido legal. Ele não era um assassino frio. O homem tinha compaixão e sabia onde traçar o limite, sem jamais ultrapassá-lo.

Cope, porém, era um maníaco fodido. Juro, o cara matava por diversão. Nunca agia como se isso o afetasse ou como se ele se arrependesse por um instante. E era desse cara que eu deveria receber minhas instruções de ação.

Puta que pariu.

– Capitão foi alertado. Isso vai terminar logo.

A voz de Cope veio das sombras. Cacete. Ele sempre vinha de lugar nenhum. Eu nunca conseguia escutar o filho da puta. Parecia um ninja.

– Como vai ser? Nós os encontramos? – perguntei, irritado por ele mais uma vez ter aparecido de surpresa enquanto eu estava ativamente tentando ficar alerta.

– Alexa os tem na mira. Capitão vai se encontrar com ela e os apagará.

Capitão disse que não ia mais matar. O fato de ele precisar voltar por causa de um antigo trabalho não me desceu bem. Eu queria saber que, quando fosse minha vez de ir embora, eu estaria verdadeiramente livre.

– Ele não está mais trabalhando – respondi. – Por que nós não podemos fazer isso? Caramba, eu faço.

Cope acendeu um cigarro e deu de ombros enquanto olhava fixamente para a velha casa que eu havia sido instruído a vigiar.

– Você tem razão. Mas isso é problema dele. Nós os encontramos e nos certificamos de que ele soubesse, porque Benedetto cuida dos seus. Capitão pode estar fora, mas ainda tem sangue nas mãos por causa de DeCarlo. Ele tem a nossa retaguarda, mas sabe que o assassinato é responsabilidade dele.

Aquilo parecia babaquice para mim. Eu ainda não compreendia todos os funcionamentos internos dessa coisa. O que eu sabia era que DeCarlo não era completamente transparente. Tinha mais alguma coisa acontecendo, além dessa história de apagar homens que mereciam ser apagados. Eu só recebia ordens de Cope e, até agora, não havia conseguido fechar um negócio sozinho.

– A garota que você está vigiando é quem precisa do seu foco. Achamos que ela tem a informação que precisamos. Amanhã eu passo os detalhes para você. Essa noite, vamos terminar isto para Cap.

O trabalho para o qual eu havia sido enviado estava ficando cada vez mais complicado. Eu nem sequer conhecia os detalhes. Só sabia que havia um homem pelo qual estávamos procurando que sequestrara uma criança dez anos atrás e tinha se safado disso. Não me disseram mais nada.

Cope conferiu a tela do telefone.

– Ele está lá. Alexa deu uma arma a ele, e ele vai entrar. Vamos para aquele lado, caso ele precise de mais apoio – disse Cope, largando o cigarro aceso e pisando nele para apagá-lo.

Ele começou a se mover na direção da floresta atrás de nós.

– E a casa? – perguntei, quando me virei para segui-lo.

– Não tem ninguém importante aí. Eu só precisava de você em um local bom, e imaginei que isto o manteria ocupado – respondeu ele em um tom entediado.

Escroto. Ele era mesmo irritante para cacete. Eu estava ali vigiando aquela casa fazia três horas e tinha

cerca de um milhão de picadas de mosquito como resultado.

– Quando você está planejando me dar mais crédito? – perguntei, irritado.

Todo mundo tinha muito medo de Cope, mas ele só matava quem mandavam ele matar. Ele seguia ordens, exatamente como todo mundo.

– Quando você fizer a porra do trabalho que receber para fazer – respondeu ele enquanto seguia em frente. – Agora, cale a porra da sua boca e pare de reclamar feito uma mulher. Foco. Cap pode precisar da gente.

Eu queria discutir ou pelo menos chamá-lo de filho da puta, mas fiquei de boca fechada. Não tinha recebido um trabalho exatamente fácil. Receber a ordem de perseguir a irmã do meu primo foi uma merda. Não ajudou que eu já estivesse de olho nela antes de me apresentar para toda essa merda. Nan era muito gostosa. Mas se estava de caso com alguém que DeCarlo queria, então corria perigo.

E eu nem podia contar a Mase sobre isso se quisesse que algum de nós continuasse vivo.

Addy

Depois da manhã mais incrível da minha vida, acordei com Capitão distante e estranho. Não esperava que ele ficasse retraído assim. Quando éramos mais novos, nos tornávamos mais próximos toda vez que dormíamos juntos. Essa experiência estava sendo completamente diferente.

Os pensamentos dele estavam em outro lugar. Quando ele me deu uma desculpa de que precisava ir trabalhar para resolver alguns problemas, seus olhos disseram outra coisa. Eu me senti como se estivesse levando um fora. Meu estômago deu um nó durante o resto do dia.

A volta de Franny para casa ajudou a alegrar um pouco as coisas. Ouvi-la falando sobre seu dia e escutá-la dando risada com seus programas de TV preferidos era, sem dúvida, uma distração. Eu não precisava trabalhar naquela noite, e estava grata por isso. Encarar Capitão agora parecia impossível.

Não sabia ao certo o que dizer ou sequer como olhar para ele. Ele havia me dado um beijo de despedida e dito que me ligaria em breve. Só isso. Então simplesmente foi embora correndo.

Franny falando sem parar sobre o quanto havia se divertido com ele no caminho para a escola naquela manhã não ajudou. Quando ela enfim parou de falar sobre ele e começou a fazer o dever de casa, fiquei aliviada.

Eu me concentrei em preparar o jantar, embora não estivesse com apetite. Passei o dia inteiro sem apetite. Não havia espaço no meu estômago para nada além daquele nó que ele havia deixado.

Quando finalmente chegou a hora de Franny dormir e eu não havia recebido sequer uma mensagem de texto de Capitão, fiquei arrasada. Foi difícil sorrir e colocá-la na cama como se meu coração não estivesse sendo destroçado aos poucos, mas eu havia conseguido.

Foi só quando tive certeza de que ela havia caído no sono que me enrosquei no sofá com meu telefone na mão e deixei minha primeira lágrima rolar lentamente. Eu sabia que ele estava ocupado, e sabia como era o trabalho dele, mas também sabia que, se quisesse, ele teria encontrado um instante para pelo menos me mandar uma mensagem, qualquer coisa. Qualquer coisa mesmo teria sido bom.

Uma batida na porta me assustou, dei um salto e enxuguei os olhos. Talvez fosse Capitão, e ele havia ido me ver para explicar por que não tinha ligado o dia inteiro. Corri até a porta e a abri, esperando por Capitão, mas congelei quando um homem extremamente alto e assustador, com os ombros mais largos que vi na vida, fixou seus olhos azuis frios em cima de mim.

Agarrei o telefone com força. Não fazia ideia de quem era aquele homem, mas tinha a sensação de que precisava do telefone para ligar para a polícia. Fiquei pensando se conseguiria fazer isso rápido o suficiente.

– Pare de pensar em um plano de fuga. Eu não estou aqui para machucar você. Peça para a sua vizinha cuidar da sua filha e venha comigo. Capitão precisa de você.

O quê? Encarei o sujeito, me perguntando como ele podia ser tão atraente e tão assustador ao mesmo tempo. E como ele sabia sobre a minha vizinha e a minha filha.

– Nós precisamos ir. Deixe alguém cuidando da sua filha e vamos lá – disse ele com autoridade.

– Desculpe, mas quem é você? – perguntei, dando um passo para trás, com a mão na maçaneta.

Ele suspirou como se eu o estivesse incomodando.

– Sabia que eu devia ter mandado Alexa – resmungou ele. Então, com um olhar irritado, ele apontou para o quarto em que Franny estava dormindo. – Sua filha precisa que a sua vizinha fique com ela. Eu preciso levar você para a porra do hospital, porque Capitão se envolveu numa merda pesada esta noite. Quando acordar, vai

querer ver a mulher dele. Agora, por favor, faça o que eu estou dizendo e pare de me fazer um milhão de malditas perguntas?

Duas coisas que eu nunca quis ouvir na vida eram "Capitão" e "hospital" juntos na mesma frase. Talvez fosse burrice, ou talvez fosse medo por Capitão... ou talvez eu simplesmente não conseguia imaginar que alguém que quisesse me machucar fosse falar comigo como se eu fosse uma criança desobediente, mas peguei meu telefone, o tempo todo olhando para o homenzarrão, e liguei para a Sra. Baylor.

– É bom que você esteja ligando para a sua vizinha – murmurou ele. Diana atendeu no segundo toque.

– Rose, você está bem?

– Sim, Sra. Baylor, estou bem. Mas preciso sair para ir visitar um amigo que está no hospital. A senhora pode ficar aqui com Franny? Ela já está dormindo.

Pude ver o alívio no rosto do homem enquanto assentia com a cabeça e voltava para a escuridão até uma caminhonete preta que eu quase não conseguia ver, mesmo sob a luz da lua.

– Ah, minha nossa. Espero que esteja tudo bem. Já vou para aí.

– Obrigada – respondi antes de desligar. Caminhei até a varanda. – Como você conhece Capitão? – perguntei ao homem.

– Trabalhamos juntos.

Eu não conseguia imaginar aquele homem trabalhando em um restaurante de qualquer tipo, mas, por outro lado, o próprio Capitão também não combinava com esse tipo de trabalho.

– No restaurante aqui? – perguntei, sabendo que, se ele dissesse que sim, estaria mentindo.

O que pareceu com uma risada abafada saiu primeiro.

– Porra, não – foi a única resposta que recebi antes de ele entrar na caminhonete.

A Sra. Baylor atravessou o jardim apressadamente e deu um tapinha nas minhas costas quando subiu os degraus da varanda.

– Pode deixar ela comigo. Vá ver como está seu amigo.

Agradeci mais uma vez com um abraço e me apressei nos degraus até a caminhonete, com um estranho em quem eu estava escolhendo confiar completamente.

◆◆◆

Dentro da caminhonete, coloquei o cinto de segurança e me virei para examinar o homem que já estava colocando o carro em movimento.

– Só porque parece inofensiva, não quer dizer que ela não seja uma mulher inteligente. Não pense que ela não guardou a marca e o modelo desta caminhonete nem olhou as placas antes de sairmos. Se eu não voltar, ela vai denunciar você para a polícia.

Um sorriso quase imperceptível tocou o canto da boca dele.

– Ótimo – foi a única resposta dele, antes de seu rosto voltar por completo à neutralidade.

Por mais estranho que ele fosse, essa resposta tinha sido tranquilizadora.

– Pode me dizer seu nome, por favor? – perguntei.

Ele fez uma careta.

– Cope.

Cope? Isso era um nome?

– Cope de Copeland? – perguntei.

– Cope de Cope – foi a resposta dele.

Está bem, então.

– Muito prazer, Cope. Sou...

– Addison Turner. Você morou na casa de River Kipling como órfã durante quatro anos. A mãe dele era completamente maluca e abusava de você. Eu sei toda sua história, então, não precisa me contar.

Fiquei de queixo caído ao ouvir aquele homem resumir todo meu passado com River em quatro frases.

Como ele sabia disso? Ele era realmente tão próximo assim de River?

– Então é verdade que Capitão está mesmo no hospital?

Ele assentiu com a cabeça e continuou fazendo careta.

– Mas ele vai ficar bem? – perguntei, o coração começando a bater mais rápido e sentindo o medo tomar conta de mim.

Embora tivesse entrado na caminhonete dele, não tinha tanta certeza de que aquele homem estava sendo sincero comigo.

– Caralho, sim. Cap já sobreviveu a mais do que uma bala perdida na perna. Ele vai ficar bem, mas vai querer ver você.

Bala perdida...

– *O quê?* – perguntei agarrando a maçaneta da porta enquanto absorvia a expressão "bala perdida".

Alguém havia atirado nele? Como? Por quê? Ele estava trabalhando esta noite.

– Acho que não é uma coisa que eu possa contar para você. Cap vai ter que fazer isso. Mas, sim, ele vai ficar bem. Ele vai inclusive continuar com a perna. A bala atravessou de um lado a outro.

Continuar com a perna... atravessou de um lado a outro. Ah, meu Deus.

Eu não disse muito mais enquanto o observava dirigir. Uma parte muito grande de mim estava pensando que eu preferiria que ele tivesse ido me sequestrar em vez de me acompanhar até o hospital onde Capitão estava deitado, atingido por um tiro, à beira da morte.

Quando ele parou no estacionamento, quase saltei da caminhonete ainda em movimento.

– Opa, mulher. Sério, esfrie a cabeça, porra. Vou levar você lá agora – gritou ele para mim quando comecei a abrir a porta.

– Eu preciso ir até ele – respondi irritada.

– E eu vou levar você até lá. Meu Deus – resmungou ele enquanto abria a porta da caminhonete e eu saltava do meu assento.

Era bom esse cara se apressar, ou eu ia deixá-lo ali e seguir direto para o balcão de informações. Eu não tinha tempo para ele ter calma.

– Quarto 345. Vá em frente. Eu preciso de café – disse ele, como se pudesse ler a minha mente.

Eu nem me virei para olhar para ele antes de começar a correr.

Capitão

Manter meus olhos abertos era difícil para caralho. Os analgésicos que estavam me dando eram fortes. Eu senti a bala atravessar a minha perna quando o cretino caiu com um último puxar de gatilho. Mas minha mente não estava no fato de que eu havia levado um tiro na perna. Tudo o que eu pensava era se ia sobreviver. Eu não ia deixar Addy e Franny.

Não foi a primeira vez que levei um tiro, mas foi a primeira vez que eu não quis morrer. Agora eu tinha algo por que viver. Isso mudava tudo. Eu havia matado dois homens aquela noite. Cope pegou o terceiro quando eu estava caído com o tiro na perna.

Foi o meu fim nisso. Eu tinha uma família agora, e essa não era uma vida que eu quisesse para elas ou para mim.

– Addy está subindo – disse Alexa, levantando da cadeira. – Vou atrás de Cope ajudá-lo a pegar uns cafés. Ele precisou lidar com as perguntas da polícia, mas já resolveu, eles já foram embora.

Eu não consegui assentir, porque minha cabeça parecia estar pesando um milhão de toneladas.

– Obrigado – sussurrei.

Não queria Addy entrando ali com Alexa sentada ao lado da minha cama. Ela não compreendia este mundo nem o que eu havia feito.

Mas eu ia precisar abrir o jogo. Se eu tivesse morrido, ela não teria ficado sabendo por quê. Eles jamais explicariam a ela. Meu segredo teria morrido comigo. Addy precisava saber. Ela merecia saber.

Eu precisava confiar que ela me amava o bastante para me perdoar por tudo o que eu havia feito.

Alexa foi até a porta, então parou e olhou de volta para mim.

– Ela entrou em uma caminhonete com Cope, um cara que ela nunca tinha visto, só porque ele disse que você estava no hospital. Ela arriscou a própria vida porque estava muito preocupada com você. E nós dois sabemos qual é a aparência de Cope. Ela vai perdoar qualquer coisa.

Alexa saiu pela porta sem dizer mais uma palavra sequer.

Agora todos sabiam do meu passado com Addy. Eu precisei dar umas dicas a eles, mas Cope já a havia investigado e sabia de tudo. Ele inclusive soube que Rose era Addy antes de mim. O cretino era um gênio.

A porta estava fechada fazia apenas alguns instantes quando se abriu de novo e Addy entrou no quarto com os olhos arregalados e o rosto vermelho, como se ela estivesse correndo.

– River – disse ela, sem fôlego.

Então cobriu a boca com a mão e soltou um soluço ao se aproximar de mim devagar.

Queria me levantar e puxá-la para os meus braços, mas não conseguia me mexer.

– Venha aqui – pedi, usando toda a minha força para levantar meu braço para ela vir deitar no meu peito.

Ela não hesitou nem por um momento antes de fazer exatamente o que eu queria.

Dei um beijo no topo da cabeça dela.

– Eu estou bem – garanti.

– Você levou um tiro – disse ela, com um soluço engasgado.

Era por isso que eu precisava contar a ela. Ela precisava saber. Eu precisava encarar, mas pelo menos estaria acabado. Eu estava acabado. Isso nunca mais voltaria a acontecer. Benedetto havia me prometido isso.

– É, mas eu vou ficar bem. Prometo.

Ela fungou. Eu detestava saber que ela havia chorado.

– O que aconteceu? Por que você não estava trabalhando? Ou você estava trabalhando?

Quando recebi a mensagem de texto, soube que precisaria lidar com esta merda antes que chegassem a ela ou Franny.

– Não fui trabalhar. Pelo menos não no trabalho que você conhece. Isto era de antes. Da vida que eu vivi antes de vir para Rosemary Beach. O motivo pelo qual você não conseguia me encontrar nos últimos dez anos.

Ela levantou a cabeça do meu peito e olhou para mim. Os olhos dela estavam cheios de preocupação. Contar isso a ela era absolutamente apavorante. Eu não queria que ela fosse embora. A verdade era que eu iria atrás dela e imploraria que ela ficasse se fosse preciso. Mas ela precisava saber.

– É uma longa história. Começa quando eu pensei que você estivesse morta e saí da casa do meu pai. Eu fiquei perdido e sem casa por um tempo, até conhecer um homem. Ele me deu uma casa e uma maneira de lutar contra a dor e o horror que me consumiam. Eu quero contar tudo para você, mas estou lutando para ficar acordado com esses remédios...

Eu não tinha me dado conta até dizer isso, mas, de repente, estava afundando em ondas de sonolência.

Ela estendeu o braço e passou a mão sobre a minha cabeça, colocando meus cabelos delicadamente para trás.

– Descanse. Eu não vou embora. Eu não vou te deixar.

Meus olhos se fecharam enquanto ela continuava a mexer no meu cabelo.

– Quando eu contar... talvez você tente. Mas eu vou atrás de você – falei, com a língua pesada.

– Ótimo – respondeu ela, a palavras bem perto do meu ouvido.

Saber que ela estava ali e não iria embora era tudo o que precisava naquele momento, e deixei o sono me capturar.

◆◆◆

Quando abri os olhos de novo, não precisei procurar para encontrar Addy. Ela estava com a cabeça ao meu lado e a mão enfiada na minha enquanto dormia. Estava sentada na poltrona que havia puxado para o lado da cama. Olhei para ela e apreciei a vista. Ela sempre ficava muito tranquila quando dormia. Adorava observá-la. Saber que ela havia ficado assim perto de mim enquanto eu dormia me fez sorrir.

– Ela está dormindo há uma hora. – A voz de Blaire me assustou, e eu virei a cabeça e vi minha irmã sentada do outro lado da cama, olhando atentamente para mim. – Major ligou para Mase, que ligou para Rush. Que bom que um passarinho verde me contou que meu irmão tinha levado um tiro e estava no hospital.

Agora ela parecia irritada.

– O pessoal com quem eu costumava trabalhar não sabia como ligar para você – expliquei.

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Mas sabiam como ligar para ela?

Olhei mais uma vez para ela.

– É, sabiam como ligar para ela.

Blaire soltou uma risada baixinho, como que para não incomodar Addy.

– Eu ficaria magoada com isso se não estivesse tão feliz de ver alguém tão doce e querida como ela segurando sua mão como se você fosse o mundo dela. Gosto de ver isso.

Ela fazia tudo certo.

– Você vai contar a ela sobre isto? Sobre o motivo de você estar aqui? – quis saber Blaire.

Havia o lampejo de preocupação de irmã que eu esperava. Mas o que exatamente ela sabia sobre por que eu estava ali?

– O que você quer dizer? – perguntei, olhando atentamente para ela.

Ela se inclinou para a frente e me encarou com firmeza.

– Eu pareço burra para você? As pessoas não levam tiros a troco de nada nesta cidade. Tem alguma outra coisa acontecendo aqui. Você vai para Dallas e encontra Mase e Reese. Um homem que merece morrer

ameaça Reese, e ele próprio acaba morto. Depois disso, você vem para cá. Eu pensei nisso, e alguma coisa não está certa. Você não parece nem age como alguém que queira trabalhar com restaurantes. Você parece um cara que sabe usar uma arma. Então, você levar um tiro na perna não combina com o que você vem me dizendo. E, só para deixar claro, você não precisa me contar nada. Eu só quero que você saiba que eu sei que alguma coisa está acontecendo com você. Seu passado é misterioso. Nós não sabemos muito sobre seus pais adotivos, e você não fala sobre eles. Então, sim. Você vai contar a verdade a ela, pelo menos?

Assenti com a cabeça. Porque eu ia contar, mas isso era tudo que ela jamais iria saber.

Blaire sorriu e se levantou, então veio até mim e colocou a mão sobre a minha mão livre.

– Ótimo. Ela é a única pessoa que precisa conhecer você. O verdadeiro você. Para isso dar certo, você não pode guardar segredos. Confie em mim, eu sei.

– Obrigado. Você tem razão.

Blaire sorriu e apertou a minha mão.

– Se precisar de qualquer coisa, me ligue. Quando estiver pronto, quero trazer Nate aqui para visitar você. Eu ficaria, mas acho que tem toda a ajuda de que precisa, e provavelmente quer algum tempo a sós com ela, também.

– É, quero sim – respondi.

– Vai ficar tudo bem. Ela ama você – garantiu Blaire, então se virou e saiu do quarto.

Depois que foi embora, voltei minha atenção novamente para Addy enquanto ela dormia. Já era de manhã, e embora eu a conhecesse bem o suficiente para saber que tinha deixado tudo arranjado com Franny, ainda assim me preocupei com a menina acordando sem a mãe por perto.

Logo, nós dois estaríamos com ela todas as manhãs. Ela também teria seu próprio quarto, e eu a levaria para a escola todo dia. Eu queria compensá-las por todos aqueles anos que eu havia perdido com a mãe e a filha.

Addy

Ouvi vozes graves conversando baixinho enquanto abri os olhos devagar. Pude sentir o calor da mão de River em volta da minha. Eu não sabia ao certo por quanto tempo tinha dormido, mas, quando acordei, descobri que sua irmã, Blaire, havia estado ali. Eu não a conhecia, mas antes de River descobrir quem eu era, eu a havia visto visitando o restaurante.

Agora parecia que ele tinha mais visitas. Senti a mão de River apertando a minha.

– Bom dia – disse ele com a voz rouca.

Pisquei e foquei nele.

– Oi – respondi, esperando não estar um horror.

O sorriso dele se suavizou ainda mais, e senti o coração estremecer um pouco em meu peito.

– Você precisa subir aqui na cama da próxima vez que dormir. Você vai ficar toda tensa e dolorida agora.

Eu me endireitei e me espreguicei.

– Eu vou ficar bem. Você precisava dormir. Eu teria incomodado.

Ele balançou a cabeça.

– Não, seria tão bom que eu provavelmente teria dormido por mais tempo.

Senti meu rosto queimar e quis me levantar para beijá-lo.

Alguém atrás de mim pigarreou, e a boca de River se transformou em um sorriso quando ele ergueu os olhos para as outras pessoas no quarto. Eu havia me esquecido que eles estavam ali.

– Addy, quero que você conheça uns amigos meus – disse ele.

Eu me virei, surpresa em ver um homem com uma mulher ao lado dele. Seus longos cabelos escuros faziam um contraste impressionante com os olhos mais azuis que já vi na vida. Ela estava segurando o braço do homem e tinha um sorriso gentil no rosto. A barriga sob o vestido leve que ela usava deixava claro que ela estava grávida.

– Olá – falei, sorrindo na direção dela.

Seu rosto se abriu em um sorriso satisfeito quando ela estendeu a mão para mim.

– Olá, eu sou Reese. É um prazer conhecer você – disse ela, então voltou o olhar para o homem ao seu lado. – E este é meu marido, Mase.

Marido. Ah, eu gostei ainda mais disso. River tinha amigos casados.

Mase era alto, com cabelos escuros e compridos apenas o bastante para ficarem presos em um rabo de cavalo baixo. Sua calça jeans surrada lhe caía muito bem, e a camisa xadrez de botões que ele estava usando tinha mangas compridas, que ele enrolara até os cotovelos.

– Que bom que esse aí encontrou uma mulher que o suporte – disse Mase.

Senti minhas costas ficarem tensas, e meu sorriso desapareceu. Decidi que não gostava muito desse tal Mase.

– Como? – disparei, pronta para defender o que era meu.

Reese riu e bateu no braço de Mase.

– Pare com isso antes que ela dê um soco em você. – Ela olhou para mim. – Ele está brincando. Nós dois ficamos muito felizes por Capitão ter encontrado alguém que goste dele como você evidentemente gosta. Nós queremos que ele seja feliz.

Mase fez um som com a garganta que pareceu como se ele não concordasse, mas não disse mais nada.

– Você vai descobrir que, no meu mundo, tem um grupo muito colorido de pessoas que eu chamo de

amigos – disse River atrás de mim.

Estendi a mão para trás e fiquei segurando a mão dele enquanto observava aqueles dois supostos amigos dele.

– Parem com isso, vocês dois. Ela vai nos odiar, e eu quero que ela goste da gente – disse Reese franzindo a testa, preocupada. – Esses dois nem sempre se deram bem, mas, no fim, acabaram virando amigos. Nós moramos em Fort Worth, e no instante em que ficamos sabendo do acidente dele pela Blaire, pegamos um avião.

– O jatinho particular do pai dele – disse River com um tom de voz divertido.

Mase revirou os olhos, e Reese apenas sorriu ainda mais.

– Tá, tudo bem, era um jatinho particular, mas nós estávamos com pressa.

Aqueles dois tinham um jatinho particular? Ele parecia ser do Texas, mas não parecia ter um jatinho particular.

– Mase é o único filho homem de Kiro Manning. Ele detesta admitir isso, mas é – explicou River.

Eu conhecia esse nome, mas quem era ele? Eu já havia escutado antes. Só não sabia ao certo onde.

Reese deu risada e olhou para Mase.

– Está vendo, ela nem sabe quem é Kiro, então você está seguro. Nada de tietagem.

– Tietagem o cacete. Mesmo quando ela se der conta de quem ele é, ela não vai ficar tietando o seu velho – disse River, parecendo irritado agora.

Olhei para River. Ele sorriu.

– Eu adoro que você não saiba quem é Kiro. Você sabe disso, não sabe?

Caramba, quem era Kiro Manning?

– Slacker Demon, gata. O pai dele é o vocalista do Slacker Demon.

Foi aí que meu queixo caiu. Porque eu podia não me lembrar dos nomes dos integrantes da banda, mas eu certamente sabia quem era o Slacker Demon. River apertou a minha mão e franziu a testa.

– O pai dele é do Slacker Demon? – perguntei em um sussurro, embora eles pudessem me escutar.

– Sim, e ele não é tão impressionante como você está pensando – respondeu Mase.

– Ele é, sim – retrucou Reese.

Eu estava ligeiramente impressionada. Como River conhecia aquelas pessoas?

– Eu tenho uma fazenda e crio cavalos. Eu não sou só o filho de um maldito roqueiro – disse Mase, parecendo contrariado.

Reese deu um tapinha no braço dele.

– Eu sei, gato. Você não tem nada a ver com ele.

– Caralho, que seja – disse River atrás de mim. Ele estava gostando daquilo, pelo jeito.

– Acho que já chega de visita. Vamos deixar Capitão descansar, e podemos ligar mais tarde para saber como ele está. Rush e Blaire vêm insistindo para nós os visitarmos há meses, então, estaremos lá se você precisar de alguma coisa – falou Reese.

– Obrigado. Agradeço, mas está tudo bem aqui. Deem um abraço no meu sobrinho por mim – pediu River.

– Pode deixar – respondeu Mase, e os dois saíram do quarto.

Virei de novo para River.

– Nossa, tudo bem, isso foi interessante. – Ele suspirou. – Eles fazem parte do passado que eu preciso explicar.

Capitão

Mase havia começado a descobrir as coisas. Pude ver em seus olhos enquanto ele me observava. Quando contei a eles que Addy fazia parte do meu passado e que eu a amava desde a adolescência, isso só fez com que ele ficasse ainda mais desconfiado sobre por que eu estivera tão focado em Reese antes de eles se casarem. Ele sabia que o pai dela tinha alguma coisa a ver com a morte do padrasto dela, que a havia molestado. DeCarlo não conseguiu resistir em lhe deixar uma pequena pista.

Mas isso era tudo que Mase sabia. Agora eu tinha certeza de que ele havia começado a juntar mais peças do quebra-cabeça. O que significava que eu precisava conversar com Addy antes que as coisas estourassem na minha cara e ela soubesse da verdade de alguma outra forma. A explicação precisava ser dada por mim. Não que eu tivesse qualquer desculpa que valesse alguma coisa. Matar alguém era difícil para qualquer pessoa aceitar. Mesmo que tivesse sido a escória do mundo.

O coração e a alma de Addy não haviam sido feridos e destruídos como os meus quando eu pensei que a havia perdido. Acreditar que ela me perdoaria e aceitaria isso era pedir muito. Perdê-la também não era possível. Contar a verdade a ela era meu primeiro passo. Eu cuidaria do passo seguinte depois que descobrisse qual seria.

– Você gosta deles? – perguntou ela, interrompendo minha batalha interna.

– Gosto, sim. Ele é um bom homem, e Reese é especial. Você a adoraria se a conhecesse. Tem tanta coisa que eles não sabem que prejudica a visão que têm de mim. Coisas que eu quero explicar para você. Coisas que eu morro de medo de contar, porque eu não posso perder você.

Addy se sentou na poltrona em que havia dormido e manteve seu olhar nervoso fixo em mim.

– Isso não parece nada bom – disse ela, baixinho.

Não *era* bom. Era sombrio, pervertido e completamente fodido. Mas era quem eu era e o motivo de eu estar ali naquele momento. Se eu soubesse por um instante que ela estava viva, eu teria passado aqueles anos atrás dela. Procurando por ela. Salvando Addy... e a mim mesmo.

Mas não tinha acontecido assim, e o passado era algo que eu não poderia mudar.

– Eu fugi. Não consegui lidar com o fato de que você havia morrido. Eu odiava todo mundo. Especialmente meu pai, que nunca dedicou nenhum tempo para ajudar minha mãe. Ele nos deixou lá com ela, e eu achei que ela tivessse matado você. Eu estava com muita raiva e completamente vazio. – Essa foi a parte fácil de dizer.

A mão dela cobriu a minha. Esse pequeno toque ajudou um pouco, mas eu não sabia ao certo se ela ainda iria me tocar depois que soubesse de toda a verdade.

– Eu vivi nas ruas por mais de um ano. Fiquei bom nisso, ou tão bom quanto se pode ser vivendo sozinho aos 16 anos. Uma noite, decidi roubar um homem rico. Eu normalmente achava as carteiras deles e as pegava sem problemas. Eu era rápido. Não ficava com cartões de crédito. Eu até os destruía para que ninguém conseguisse usá-los. Eu tinha minha moral. Mas eu pegava o dinheiro, só para conseguir comer. Fazia amigos nos becos para me manter vestido.

Parei e esperei para ver se ela faria algum comentário. Roubar era o menor dos meus pecados. Se ela não aceitasse isso, o que eu tinha para contar iria me destruir.

– Continue – pediu ela em um sussurro suave.

– Naquela noite, eu consegui pegar com sucesso a carteira do maior chefe do crime de Chicago. E ele poderia ter me matado. Ele estava cercado por vários homens, mas eu nem sequer os vi até sair correndo com

a carteira do homem, que não fazia ideia que eu a havia surrupiado. Mas um dos caras dele viu, e eles me pararam. Ele não podia acreditar que eu havia pegado sua carteira, porque ele não sentira nada, mas um cara a arrancou do bolso do meu casaco e a atirou para ele. O sujeito me avaliou durante vários minutos. Só de olhar nos olhos dele eu soube que estava encrencado. Havia naqueles olhos um poder que deixaria uma pessoa normal apavorada. Mas eu não tinha nada por que viver.

A mão dela apertou a minha com força, e eu soube que ela não gostou de ouvir aquilo. Segurei sua mão e a trouxe até meus lábios antes de continuar.

– Ele perguntou meu nome e quantos anos eu tinha. Então me perguntou o que eu acharia de viver em um barco. Como eu não sabia o que dizer, simplesmente fui sincero e disse que seria melhor do que viver em uma caixa. Então ele me levou para casa naquela noite e me deu um lugar para morar no barco dele. Durante o ano seguinte, ele cuidou de mim. Me treinou. Quando completei 18 anos, era um dos dele. Eu observava o mundo dele, sabendo que não concordava com tudo. Por mais desalmado que me sentisse, eu ainda tinha um coração. Eu não conseguia tolerar tudo aquilo, mas via que ele operava nas áreas em que nosso sistema jurídico havia falhado.

Fiz uma pausa e me preparei para o que ainda tinha a dizer. Addy estava me observando atentamente. Eu não queria decepcioná-la. Contar a verdade a ela era tudo o que eu podia fazer.

– Eu tinha uma regra. Uma regra da qual eu nunca abri mão. Eu apenas aceitaria os trabalhos quando o alvo fosse um homem que tivesse abusado de uma criança. Só isso. Mais ninguém. Benedetto havia se tornado o pai que eu nunca tive. Ele tinha me dado abrigo e uma casa quando eu precisei. Eu tinha uma dívida com ele. Eu também tinha demônios me perseguindo em meus sonhos e me comendo vivo lentamente. Eu sabia que o que ele estava oferecendo seria uma saída. Um lugar onde me perder enquanto procurava uma maneira de viver de novo.

Parei e observei o rosto dela. Seus lábios estavam ligeiramente franzidos enquanto ela continuava ali, sentada em silêncio, ainda segurando a minha mão. Ela não havia compreendido, mas, também, eu não havia dado muitos detalhes. A ideia de realmente dizer que eu havia matado homens parecia impossível, caralho.

– O que você quer dizer por trabalho e alvo? – perguntou ela.

Addy queria os detalhes, e eu precisava dá-los a ela.

– Um trabalho era alguém que o próprio Benedetto queria morto ou alguém que ele houvesse sido contratado para apagar. Um alvo era a pessoa que deveria ser... morta. – Antes que eu paralisasse, continuei. – Eu matei homens, Addy. Muitos homens. Cada um deles havia feito coisas terríveis a uma criança. Eu os pesquisava. Eu os considerava culpados, e os matava. Foi assim que conheci Reese. Ela foi molestada pelo padrasto durante anos. Ele a convenceu de que ela era burra e idiota quando, na verdade, apenas tinha dislexia e não sabia disso. O pai verdadeiro dela era o homem que me salvou. Ele queria vingança, e eu a dei para ele. Mas ele foi apenas um de muitos. Ele foi o último homem que eu matei. Depois dele, parei com isso. Deixei Benedetto e comecei uma nova vida. Aqui.

A mão de Addy soltou a minha, e eu deixei que ela se afastasse. Ela precisava de espaço e, por mais que me doesse, eu precisava respeitar aquilo. Eu estava preparado.

– Você... matou pessoas com uma arma? – perguntou ela, incrédula.

Assenti com a cabeça.

– Eu matei monstros que abusaram de crianças repetidamente.

Ela juntou as mãos à frente e ficou olhando fixamente para o chão.

– Quantos? – perguntou ela, baixinho.

Eu queria dizer que não sabia ou que não haviam sido muitos. Mas a verdade era que eu lembrava de cada rosto. Eu lembrava de cada momento do final de suas vidas.

– Vinte e seis – respondi.

– Vinte e seis – repetiu ela, como se estivesse tentando absorver aquilo. – Se você parou, por que levou um tiro?

– Membros de uma gangue a que pertencia um dos meus alvos queriam vingança e vieram atrás de mim.

Os que ainda trabalham para Benedetto os seguiram até aqui. É por isso que Alexa está aqui, e é assim que eu a conheço. Cope também. Quando eles os encontraram, era minha função terminar com tudo. Ou eu os matava, ou eles me matavam. Eu matei dois deles, e Cope matou um. O último caiu com o dedo no gatilho, e a bala atravessou a minha perna.

Ela deu vários passos para trás até estar encostada na parede, me encarando.

Eu queria saber o que ela estava pensando. O olhar de repulsa que eu temia não estava em seu rosto, mas ela não estava tranquila com aquilo. Isso eu pude perceber. Mas não esperava que ela estivesse.

– Outros virão atrás de você?

Balancei a cabeça negativamente.

– Essa foi uma situação incomum. A maioria não sabe quem fez o trabalho. A gangue sabia por causa dos negócios deles com Benedetto no passado.

Ela passou a mão pelos cabelos com nervosismo.

– Você poderia ter morrido.

– Não, não poderia. Eu fui com apoio e estava armado. Sou um profissional. Eu estava seguro.

– Um assassino profissional?

Isso era o que eu não queria que ela pensasse.

– Não foi o que eu quis dizer. Eu sabia o que estava fazendo. Eu estava seguro.

– E se vierem mais? E se machucarem Franny?

Ela cobriu a boca e balancei a cabeça, como se tivesse acabado de pensar nisso.

Eu me sentei, me encolhendo por causa da dor na perna, desejando muito poder puxá-la para os meus braços para tranquilizá-la.

– Ninguém jamais vai tocar em Franny ou em você. Eu jamais deixaria isso acontecer. Você é a minha vida, Addy. Vocês duas são a minha vida.

Addy recuou, indo até a porta.

– Eu não posso – disse ela. – Eu simplesmente não posso.

Então ela se virou e saiu correndo pela porta.

Não consegui me mexer. Ela havia me deixado, e eu não conseguia me mexer para ir atrás dela.

Addy

Ele matou pessoas.

Eu estava parada de pé na cozinha, olhando fixamente para o lado de fora, com uma xícara de café na mão e esse simples fato percorrendo a minha cabeça. Franny estava segura na escola, e eu precisava dormir, mas eu não sabia ao certo se isso algum dia voltaria a acontecer.

Eu amava ele.

Essa era a outra coisa que eu não conseguia tirar da cabeça. Eu o amava, ainda assim. Talvez mais. O quanto isso me tornava maluca? Como eu podia amá-lo mais por matar pessoas? Porque eram bandidos que abusavam de crianças? Isso deixava tudo bem? No meu coração, sim. Eu queria que pervertidos que destruíam vidas de crianças morressem. Só de pensar em alguém machucando Franny daquela maneira, ficava furiosa. Se alguém abusasse dela, eu mesma o mataria.

Então isso me tornava diferente dele?

Ele me contou a verdade quando não precisava. Aquilo era algo que ele jamais precisaria me contar. Ele poderia ter mentido para mim. Ele poderia ter inventado uma história que fizesse sentido. Me contar a verdade foi algo grande. Imenso, até. O que me fazia amá-lo ainda mais.

Eu ainda estava processando tudo. Eu havia fugido do hospital logo depois de River terminar sua história. Tudo o que conseguia ver naquele momento era o rosto de Franny. O temor de que as escolhas de vida dele pudessem machucá-la foi demais. Ela o queria em nossas vidas tanto quanto eu, mas a que custo eu poderia deixar isso acontecer?

Ele estava certo ao dizer que tudo havia acabado? Será que mais nada do passado dele poderia ameaçá-lo e potencialmente ameaçar nossa filha? Eu queria acreditar nisso e seguir em frente, mas ela era a minha prioridade. Ela precisava que eu a protegesse. Ser egoísta por amar tanto River a ponto de não conseguir respirar não era aceitável. Eu precisava fazer o que era melhor para ela.

Mas estar perto do pai dela parecia certo. Eu queria que fosse certo.

Que fosse seguro. E queria confiar que ele a manteria segura. Queria que ela tivesse tudo. Estabilidade. Um pai.

Eu quisera River durante a maior parte da minha vida. Ele havia se perdido e encontrado uma maneira de sobreviver e, por mais que eu não concordasse com o que ele havia feito, isso não mudava o fato de que eu o amava. Eu sempre o amaria.

Larguei meu café no balcão. Eu sabia o que fazer. Ou eu assumia aquilo, ou fugia. Eu nunca havia fugido de nada antes. Exceto quando estava tentando salvar a vida de River.

Desta vez, eu queria dar a nós três a vida que nos havia sido roubada. Eu tinha esse poder agora. Eu não era uma adolescente assustada sem ninguém a quem recorrer. Eu era durona. Eu havia aprendido a sobreviver sozinha e conseguido.

Estava na hora de parar de sentir medo.

◆◆◆

Duas horas depois, Franny estava comigo, e nós duas entramos no quarto de River no hospital. Eu havia explicado a ela que ele tinha levado um tiro na perna por acidente e que ia ficar bem. Ela havia entrado em pânico, é claro, mas eu a acalmei. Então ela me fez ir até a loja e comprar um saco de bombons, uma caixa de

rosquinhas, um saco de batatas chips e dois balões dizendo “Melhoras”. Aparentemente, era o que ela achava que todo mundo precisava para se sentir melhor.

– Você acha que ele vai estar acordado? – perguntou ela, enquanto percorríamos o corredor na direção do quarto dele.

– Não sei, mas vamos esperar em silêncio, se ele estiver dormindo – garanti a ela, porque eu sabia que, assim que entrássemos no quarto, ela não iria querer sair de lá.

Quando chegamos perto da porta, ouvi a voz de uma mulher, e ela parecia irritada. Fiz uma pausa, sem saber ao certo se queria entrar com Franny naquele momento.

– Tem alguém lá dentro, mamãe – disse Franny, olhando para mim, preocupada.

– Aposto como é a irmã dele, sua tia Blaire. De repente, a gente podia...

– Você não pode sair – ouvi. – Pare de ser tão teimoso! Eu vou ligar para ela. Vou fazer com que ela venha aqui. Você não consegue nem andar, Capitão.

A voz de Blaire estava tão alta que suas palavras soavam perfeitamente claras. Inconfundíveis.

Ele estava tentando sair por minha causa. Peguei a mão de Franny e me apressei para entrar no quarto com ela. Ele não precisava se mexer. Eu só esperava que ele ainda não tivesse tentado. Eu não conseguiria me perdoar se ele fizesse o ferimento piorar.

– Eu estou saindo desta merda de hospital e...

As palavras dele pararam quando ele nos viu. Ele olhou para nós duas, junto com tudo o que estávamos carregando.

– Oi – disse Franny, parecendo nervosa. – Eu não acho que você precisa se levantar. Você vai machucar mais a sua perna. Diga para ele, mamãe. Ele não pode se levantar.

Ela havia escutado a aflição na voz de Blaire e sabia que ele estava prestes a fazer alguma coisa idiota. Perfeitamente linda, mas idiota.

– Deite-se, River. Por favor – pedi, largando as coisas que eu estava segurando em cima da mesa antes de me aproximar dele. – Nós voltamos. E não vamos embora.

Ele pareceu esperançoso ao me observar.

– Graças a Deus – disse Blaire, parecendo aliviada. – Por mais que eu queira muito conhecer Franny, acho que essa família precisa de um tempo a sós.

– É – concordou River, sem olhar de novo para a irmã.

– Obrigada, Blaire, sinto muito por isso – falei, sabendo que ela entenderia o que eu estava querendo dizer. Não queria falar sobre o assunto na frente de Franny.

– Comprei balões para você. Bom, a mamãe também comprou. E nós compramos coisas gostosas, porque a comida do hospital é um horror. Por que você ia sair? Era porque a comida é um horror?

As perguntas dela trouxeram um sorriso aos lábios de River.

– A comida é ruim, mas se vocês me trouxeram coisas gostosas, acho que posso relaxar e ficar por aqui mais um tempo.

Franny sorriu alegremente e pegou a caixa de rosquinhas para colocar na frente dele.

– Não trouxemos leite, porque a mamãe disse que tem leite aqui. Você precisa de leite com rosquinhas.

– Concordo completamente. Precisamos de um copo de leite para cada um e abrir esta caixa.

Eu não sabia se ele podia comer coisas como rosquinhas ainda, mas cuidaria disso quando as enfermeiras viessem. A essa altura, ele diria a Franny qualquer coisa que ela quisesse ouvir, e eu o amei ainda mais por isso. Ela estava se saindo bem ao não demonstrar o quanto ficou incomodada de vê-lo naquela cama, com a perna toda enrolada e pendurada.

Ele se virou para olhar para mim, de maneira tão suave que eu achei que iria derreter.

– Você voltou.

Assenti com a cabeça.

– É. Deixei aqui uma coisa que eu amo.

Os olhos dele sorriram junto com seus lábios.

– Foi?

– Foi – respondi.

– Então você acha que pode amar essa coisa com o passado que vem junto?

Encolhi os ombros e me aproximei dele.

– Eu amei essa coisa durante a maior parte da minha vida. Não consigo parar agora.

River estendeu uma das mãos para mim, e eu dei a mão para ele.

Ele me puxou para mais perto, e eu fui de bom grado.

– Espere aí... você ama a mamãe?

O tom de Franny era uma mistura de espanto e empolgação.

– Eu a amo desde que ela tinha 12 anos. Nunca deixei de amar – respondeu ele.

O carinho das palavras de River se espalhou por mim, e eu me inclinei na direção dele.

– Isso quer dizer que você vai se casar com ela? – perguntou Franny, juntando as mãos com os olhos arregalados olhando para nós.

– Isso não... – comecei a dizer, mas fui interrompida quando River me puxou para baixo para um beijinho rápido e casto.

– Sim, se ela aceitar. Eu seria o homem mais sortudo do planeta se tivesse vocês duas na minha vida, juntas.

Sorrindo contra os lábios dele, virei a cabeça para ver Franny nos olhando com uma expressão esperançosa.

– Acho que dá para dizer que nós duas amamos você e queremos ficar com você.

Ela assentiu com a cabeça, cheia de entusiasmo.

– Sim, nós nos casamos com você! – exclamou ela.

Capitão deu uma risada e estendeu a mão na direção dela. Ela correu até ele e cuidou para não o machucar enquanto deixava que ele a puxasse para seu lado.

– Consegui as minhas meninas – disse ele, beijando o topo da cabeça dela. – Isso faz com que os caminhos que eu peguei para chegar até aqui tenham valido cada quilômetro.

Franny não compreendeu a profundidade do que ele disse, mas eu, sim. Um dia, ela também compreenderia.

Agradecimentos

Escrever um livro é desafiador. Escrever um livro sem apoio é impossível. Tem muita gente que merece a minha gratidão.

Preciso começar pelos meus filhos: Austin, Annabelle e Ava. Eles são as pessoas mais próximas de mim. As que lidam com a mãe trancada no escritório. Eles dão muito para cada livro que escrevo.

Minha editora, Jhanteigh Kupihea, por aguentar meus atrasos e meus esquecimentos. Ela deixa meus livros o melhor possível. Eu estaria perdida sem ela.

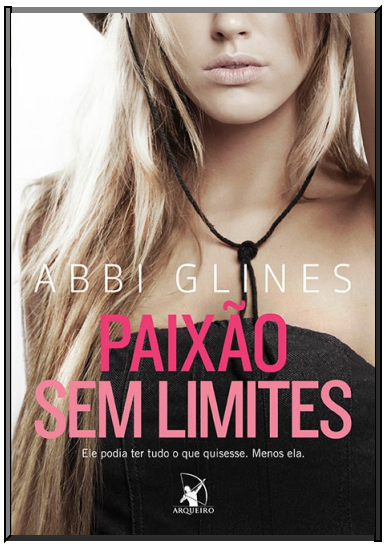
Ariele Fredman, Judith Curr e o restante da equipe da Atria, por serem o apoio de que preciso para lançar meus livros.

Jane Dystel, minha incrível agente fera, a quem eu amo. Tê-la escolhido foi uma das melhores decisões que tomei na minha jornada. Lauren Abramo, por tratar de todas as minhas vendas estrangeiras.

Monica Tucker. Se ela não me acompanhasse, eu estaria ferrada! Ela mantém as minhas contas pagas, comida na minha despensa, e-mails respondidos e um monte de outras coisas.

O Exército de Abbi, um grupo de leitores que me apoia, me promove e me faz sentir amada, mesmo nos meus piores dias. Amo todos vocês! Cada pessoa que já tenha comprado um dos meus livros. Obrigada. Eu posso fazer o que mais amo no mundo por causa de vocês.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



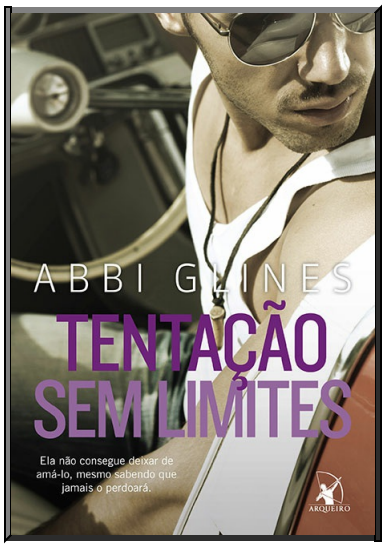
Paixão sem limites
(Série Sem Limites – livro 1)

Blaire Wynn não teve uma adolescência normal. Ela passou os últimos três anos cuidando da mãe doente. Após a sua morte, Blaire foi obrigada a vender a casa da família no Alabama para arcar com as despesas médicas. Agora, aos 19 anos, está sozinha e sem lugar para ficar. Então não tem outra escolha senão pedir ajuda ao pai que as abandonara.

Ao chegar a Rosemary, na Flórida, ela se depara com uma mansão à beira-mar e um mundo de luxo completamente diferente do seu. Para piorar, o pai viajou com a nova esposa para Paris, deixando Blaire ali sozinha com o filho dela, que não parece nada satisfeito com a chegada da irmã postiça.

Rush Finlay é filho da madrasta de Blaire com um famoso astro do rock. Ele tem 24 anos, é lindo, rico, charmoso e parece ter o mundo inteiro a seus pés. Extremamente sexy, orgulha-se de levar várias garotas para a cama e dispensá-las no dia seguinte. Blaire sabe que deve ficar longe dele, mas não consegue evitar a atração que sente, ainda mais quando ele começa a dar sinais de que sente a mesma coisa.

Convivendo sob o mesmo teto, eles acabam se entregando a uma paixão proibida, sobre a qual não têm nenhum controle. Mas Rush guarda um segredo que Blaire não deve descobrir e que pode mudar para sempre as suas vidas.



Tentação sem limites
(Série Sem Limites – livro 2)

A vida de Blaire Wynn não foi nada fácil. Sua irmã gêmea morreu muito cedo, seu ex-namorado e melhor amigo a traiu e ela precisou cuidar da mãe doente até o último dia de sua vida. Depois de tanto sofrimento, o que ainda seria capaz de machucá-la?

O terrível segredo de Rush Finlay.

Depois de se apaixonar perdidamente por ele, Blaire descobriu algo cruel que destruiu para sempre o mundo que conhecia. Agora ela está mais sozinha do que nunca e precisa recomeçar a vida longe de todos que a feriram. O único problema é que não consegue deixar de amá-lo.

Rush Finlay também não sabe o que fazer. Apesar das tentativas dos amigos e da família para animá-lo, o rapaz segue desolado. Ele já não quer saber da vida que levava, regada a festas, bebidas e mulheres. É atormentado pelas lembranças de um sentimento que jamais imaginara que fosse conhecer e que não pôde ser vivido plenamente.

Nem Rush nem Blaire imaginavam que seus universos pudessem se transformar de forma tão radical. Porém, a maior reviravolta das suas vidas ainda está por vir. E ela será tão intensa que obrigará Blaire a engolir o orgulho, voltar a Rosemary, na Flórida, e enfrentar seus inimigos. Rush por sua vez, terá que lutar para consertar seus erros e se provar digno da confiança e do amor dela.



Estranha perfeição

Della Sloane não é uma garota comum. Ansiando se libertar do seu passado sombrio e traumático, ela planeja uma longa viagem de carro em busca de autoconhecimento e dos prazeres da vida real. Seu plano, no entanto, logo encontra um obstáculo: o automóvel fica sem gasolina em Rosemary, na Flórida, uma cidadezinha praiana no meio do nada.

Neste cenário, ela conhece o jovem Woods Kerrington, muito disposto a ajudar uma menina bonita em apuros. O que ela não sabe é que Woods é o herdeiro do country club Kerrington e está de casamento marcado com Angelina Greystone, uma união arranjada que culminará na fusão de suas empresas, garantindo o futuro profissional do rapaz.

Uma noite despretensiosa parece a solução perfeita para Della e Woods fugirem por um tempo de tanta pressão. Do passado que ela gostaria de esquecer. Do futuro de que ele tantas vezes tentou escapar.

Mas eles não poderiam prever que a atração os levaria a algo mais quando os seus caminhos se reencontrassem. Agora precisam aceitar suas estranhezas para descobrirem a perfeição.



Simples perfeição

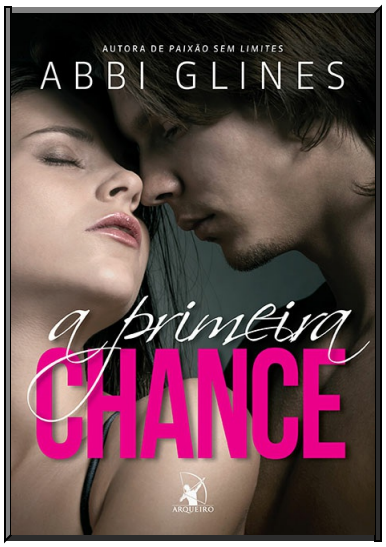
Woods teve sua vida traçada desde o berço. Cuidar dos negócios da família, casar com a mulher que os pais escolheram, fingir que riqueza e privilégios eram tudo de que ele necessitava. Então a doce e sensual Della apareceu e conquistou seu coração, abrindo seus olhos para um novo futuro.

A vida do casal seguia para um final feliz, até acontecer um imprevisto: a morte do pai de Woods. Da noite para o dia, o rapaz herda o império Kerrington e, embora sempre tenha almejado essa posição, precisará de toda ajuda possível para provar que está à altura de tanta responsabilidade.

Della está determinada a ser o apoio de que Woods necessita, mas os fantasmas do passado ainda estão presentes e mais intensos do que nunca. Pressionada pela ex-noiva e pela mãe de Woods, ela toma a decisão mais difícil de sua vida: abdicar da própria felicidade pelo homem que ama.

Mas os dois terão a força necessária para seguir em frente um sem o outro?

Concluindo a sedutora história de Woods e Della, Simples perfeição é o romance mais surpreendente de Abbi Glines e mostra que encontrar alguém pode ser um golpe do destino, mas descobrir a perfeição ao lado dessa pessoa requer aceitar a si mesmo e superar os piores obstáculos a dois.



A primeira chance

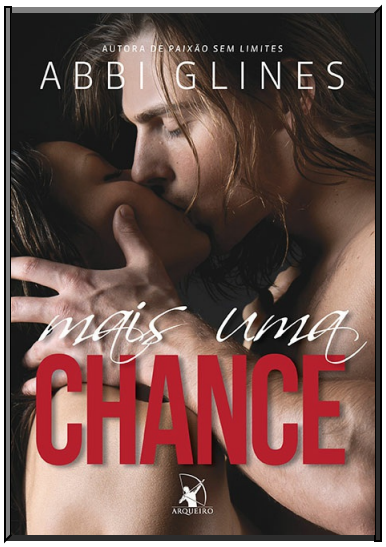
Harlow é uma jovem incomum. Filha de um astro do rock, a garota bonita e inocente nunca se aproveita da fama do pai e prefere levar uma vida sossegada. Mas seus dias de tranquilidade terminam quando ele sai numa longa turnê de nove meses e ela vai passar esse tempo na Flórida com sua meia-irmã Nan.

O problema é que Nan a odeia. Acostumada a ser o centro das atenções, ela morre de inveja de Harlow, que, além de ser a queridinha do pai, atrai os olhares masculinos por onde passa.

Harlow não entende por que Nan a maltrata tanto, mas acha melhor se esconder atrás de seus livros e passar o maior tempo possível no quarto para não correr o risco de provocar sua ira. Porém seus planos vão por água abaixo quando ela esbarra com Grant Carter de cueca na cozinha.

Grant cometeu um erro terrível ao passar uma noite com Nan, sua ex. Ela conhece seus pontos fracos e sabe seduzi-lo, mas ele se arrepende por ter caído em tentação. E logo no dia em que conhece Harlow, a garota que faz seu coração acelerar.

Grant está desesperado para conquistá-la, mas será que destruiu suas chances antes mesmo de conhecê-la? Só o que Harlow quer dele é distância. Afinal, que tipo de pessoa se envolveria com uma criatura amarga feito Nan?

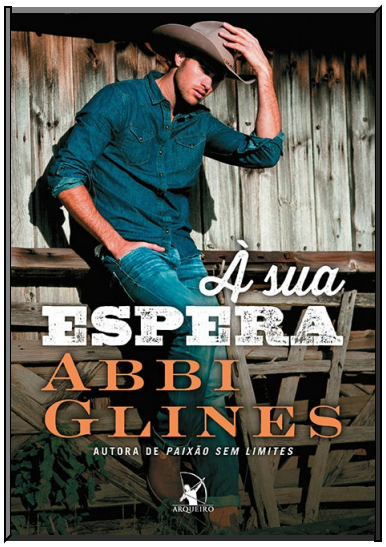


Mais uma chance

Grant Carter encontrou na doce e linda Harlow algo que não esperava ter: uma mulher com quem desejasse passar toda a sua vida. Para ficar com ela, precisou provar que não era apenas um playboy sedutor.

Mas quando ela lhe contou um doloroso segredo, ele se deixou levar por seus medos mais profundos e pode ter destruído sua única chance de viver um amor verdadeiro.

Desesperado por ter perdido sua paixão, Grant busca seu paradeiro, sem saber que ela se prepara para arriscar a própria vida por um sonho. Agora ele terá que conquistar a confiança de Harlow e decidir o que é mais importante: a segurança ou os sonhos da mulher da sua vida.



À sua espera

Mase sempre preferiu a vida simples em seu rancho no Texas à agitação do mundo do pai em Rosemary Beach. Na verdade, ele quase nunca visita o famoso astro do rock e Nan, sua meia-irmã mimada e egoísta. Mas tudo muda quando conhece uma das empregadas da casa, uma garota linda que, sem saber da presença dele, o desperta com seu canto desafinado.

Depois de anos sendo maltratada pela família e pelos colegas por causa de um distúrbio de aprendizagem, Reese conquistou sua liberdade e mora sozinha trabalhando como diarista para as famílias ricas da cidade. No entanto, seu sustento fica ameaçado quando ela causa um acidente na casa de Nan Dillon.

Ao ser salva por Mase, um rapaz atencioso e com charme de caubói, Reese fica surpresa pelo gesto dele e, depois, apavorada quando ele demonstra interesse nela. Nunca na vida Reese conheceu um homem em quem pudesse confiar. Será que Mase pode ser diferente?

Nessa ardente paixão que nasce entre a doce e batalhadora Reese e o centrado e sexy Mase, Abbi Glines mais uma vez mescla tristezas da vida real com amores de contos de fada e nos faz suspirar até a última página.



Ao seu encontro

Há apenas alguns meses, um encontro inesperado numa casa em Rosemary Beach se transformou num romance de conto de fadas. Agora Reese está prestes a ir morar com Mase na fazenda dele, no Texas. Com o apoio e o amor da família do namorado e a recente descoberta de que ela mesma tem uma família com a qual contar, Reese pode enfim superar os horrores do passado e se concentrar no futuro promissor que a aguarda.

No entanto, no que depender de Aida, isso não vai acontecer. A beldade loura e Mase foram criados como primos, mas logo fica claro para Reese que o amor da jovem por ele está muito longe do que se deveria ter por um parente.

Ao mesmo tempo que Reese tenta entender a relação dos dois e não se sentir ameaçada, entra em cena Capitão, um estranho que parece estar, convenientemente, em todos os lugares que ela frequenta. Bonito, sensual, misterioso e dono de uma franqueza desconcertante, ele não tem medo de dizer o que pensa de Mase – nem como se sente a respeito de Reese.

Enquanto a competição pelo coração de Mase e de Reese esquenta cada vez mais, algumas perguntas em relação ao passado dela começam a ser enfim respondidas, revelando verdades chocantes que vão mudar para sempre a vida do casal.

Em *Ao seu encontro*, Abbi Glines conclui a história que começou em *À sua espera*. Com a escrita romântica e voluptuosa que a consagrou, ela constrói mais uma narrativa envolvente, com personagens que vão mexer com as nossas emoções até o final.

Sobre a autora



Abbi Glines nasceu em Birmingham, Alabama. Morou na pequena cidade de Sumiton até os 18 anos, quando seguiu o namorado do colégio até a costa. Atualmente os dois moram com seus três filhos em Fairhope, Alabama. Autora de diversos livros da lista de mais vendidos do *The New York Times*, do *USA Today* e do *The Wall Street Journal*, Abbi é viciada no Twitter (@abbiglines) e escreve regularmente no seu blog.

www.abbiglines.com

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
Rose
Capitão
Rose
Capitão
Rose
Capitão
Rose
Capitão
Rose
Capitão
Rose
Capitão
Rose
Capitão
Rose
Capitão
Addy
Capitão
Addy
Capitão
Addy
Capitão
Addy
Capitão
Addy
Capitão
Capitão
Addy
Capitão
Addy
Capitão
Addy
Capitão
Addy
Capitão
Addy
Capitão
Major
Addy
Capitão
Addy
Capitão
Addy
Agradecimentos

Conheça outros títulos da autora
- Paixão sem limites
- Tentação sem limites
- Estranha perfeição
- Simples perfeição
- A primeira chance
- Mais uma chance
- À sua espera
- Ao seu encontro

Sobre a autora
Informações sobre a Arqueiro